



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**JEVISON CESÁRIO SANTA CRUZ**

**A INFLUÊNCIA DO REISADO IMPERIAL NA PROPAGAÇÃO DA EDUCAÇÃO NA  
BOMBA DE SEU HEMETÉRIO**

**RECIFE**

**2020**

**JEVISON CESÁRIO SANTA CRUZ**

**A INFLUÊNCIA DO REISADO IMPERIAL NA PROPAGAÇÃO DA EDUCAÇÃO NA  
BOMBA DE SEU HEMETÉRIO**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

**Área de concentração:** Educação

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Aurenéia Maria de Oliveira

RECIFE

2020

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Natália Nascimento, CRB-4/1743

S231i Santa Cruz, Jevison Cesário.  
A influência do reisado imperial na propagação da educação na Bomba de Seu Hemetério. / Jevison Cesário Santa Cruz. – Recife, 2020. 144 f.

Orientadora: Aurenéa Maria de Oliveira.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CE. Programa de Pós-graduação em Educação, 2020.  
Inclui Referências e Apêndices.

1. Educação não-formal. 2. Educação Popular. 3. Manifestações Culturais. 4. Multiculturalismo. 5. UFPE – Pós-graduação. I. Oliveira, Aurenéa Maria de. (Orientadora). II. Título.

370.11 (23. ed.) UFPE (CE2020-057)

**JEVISON CESÁRIO SANTA CRUZ**

**A INFLUÊNCIA DO REISADO IMPERIAL NA PROPAGAÇÃO DA EDUCAÇÃO NA  
BOMBA DE SEU HEMETÉRIO**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Aurenéa Maria de Oliveira (Orientadora)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria do Carmo Barbosa de Melo (Examinadora Externa)  
Universidade de Pernambuco

---

Prof. Dr. Edilson Fernandes de Souza (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus, o eterno, que me concedeu a oportunidade de iniciar e concluir este trabalho; confesso que sem ele não conseguiria! Aos meus pais Jônatas e Fátima Santa Cruz que sempre investiram nos meus estudos, cultivando o pensamento Freiriano de que a educação pode mudar pessoas. A minha mãe espiritual, a senhora Rute Cardoso, (*In memorian*) que de maneira tão repentina partiu para a eternidade. Entretanto, vale a pena ressaltar que suas orações continuam vivas.

Às mulheres da minha vida Tatiana Santa Cruz (esposa), Stefany e Sophia Santa Cruz (Filhas), as quais puderam compreender os momentos de ausência familiar a fim de que o presente objetivo fosse alcançado. Aos meus irmãos Jeison Santa Cruz e Ikaro de Paula os quais, cada um do seu jeito, me instigaram na produção e conclusão desta pesquisa.

À Professora Dr.<sup>a</sup> Aurenéa Maria de Oliveira, pela atenção, dedicação, paciência e respeito às minhas limitações. Aos colegas e amigos feitos durante este período de estudos, em especial, à amiga Maria do Rosário Alves Leite pela atenção e apoio disponibilizados.

Aos examinadores deste trabalho, à professora Dr.<sup>a</sup> Maria do Carmo Barbosa de Melo e o professor Dr. Edilson Fernandes de Souza, por compreenderem a relevância desta pesquisa e assim, desde a qualificação, contribuírem para o aprimoramento do trabalho final.

À Capes, pelo financiamento, sem o qual a construção deste trabalho seria mais árduo.

A todos, um muitíssimo obrigado!

"Eu amo a cultura popular e fico triste quando alguém acaba um grupo. Eu fico sem dinheiro, mas continuo a brincadeira".

**Mestre Geraldo Almeida.**

## RESUMO

A prática educacional não é exclusividade dos estabelecimentos tradicionais de ensino como as escolas. Desta feita, os processos educativos denominados de formais, não formais e informais podem acontecer em diferentes lugares. A presente pesquisa tem como objetivo identificar e examinar a influência do Reisado Imperial na propagação da educação formal e não formal no bairro da Bomba do Hemetério. Neste aspecto, considerou-se a precariedade dos espaços formais de ensino, na localidade supracitada, em meados da década de 1980 e início da década de 1990, o que motivou a instituição Reisado Imperial a firmar uma parceria com a prefeitura da cidade do Recife no sentido de se fazer uso de suas dependências como anexo da Escola Municipal Antônio Tibúrcio, localizada no bairro do Alto Santa Terezinha, adjacente à Bomba do Hemetério. Assim, havia por sua intermediação o exercício de duas modalidades de ensino. A metodologia utilizada no trabalho foi a da Análise de Discurso de linha francesa associada à história oral; esta última usada apenas como uma técnica para realização das entrevistas. A perspectiva teórica foi apoiada na leitura de Culturas Híbridas de Canclini e seus desdobramentos em torno de conceitos como o de multiculturalismo. O estudo contou com a participação de 11 entrevistados. Sobre os resultados, identificamos discursos ideológicos variados, oriundos tanto do momento histórico e político estudado no recorte temporal (1986-1996), quanto da construção histórica hibridizada para a brincadeira do Reisado, o que sinalizou para o seu aspecto assistencialista, fator importante para o trato com jovens inseridos na criminalidade e para o exercício específico da educação não formal como uma possibilidade para a formação artística profissional.

Palavras-Chave: Educação Não Formal. Manifestações Culturais. Multiculturalismo. Discurso.

## **ABSTRACT**

Educational practice is not exclusive to the traditional educational establishments such as schools. This time, educational processes called formal, non-formal and informal, can happen in different places. This research aimed to identify and examine the influence of Reisado Imperial in the spread of formal and non-formal education in the neighborhood of Bomba do Hemetério. In this aspect, the precariousness of formal teaching spaces in the aforementioned location was considered in the mid of 80s and in the beginning of 90s, motivating the Reisado Imperial institution to enter into a partnership with the city hall of Recife in regard to make use of its facilities as an annex to the Municipal School Antônio Tiburcio, located in Alto Santa Terezinha neighborhood, adjacent to Bomba do Hemetério. Thus, through his intermediation, there were the exercise of two teaching modalities. The methodology used in the work was the Discourse Analysis of a French line, associated with an oral history, this last one, is used only as a technique for conducting the interviews. The theoretical perspective was supported by the reading of Canclini's Hybrid Cultures and its developments around concepts such as multiculturalism. The study was attended by 11 interviewed. About the results, we identified varied ideological discourses, arising both from the historical political moment studied in the time frame (1986-1996), as well as from the hybridized historical construction for the Reisado game, which signaled to the assistance aspect of it, an important factor for both the dealing with young people involved in crime, as well as for the specific exercise of non-formal education as a possibility for a professional artistic training.

**Keywords:** Non-formal education. Cultural Manifestations. Multiculturalism. Speech.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1 - Planta das cidades do Recife, Olinda e seus Arrabaldes .....	17
Mapa 2 - Percurso da Bomba do Hemetério até Beberibe .....	27
Mapa 3 - Bomba do Hemetério e Adjacências .....	29
Fotografia 1 - Sede do Clube Carnavalesco Misto Reisado Imperial .....	30
Figura 1 - Divulgação para Inscrição de Projetos .....	35
Figura 2 - Guia de Orientações Técnicas.....	35
Figura 3 - A Incubação .....	36
Figura 4 - Panorâmica do Programa de Incubação.....	36
Quadro 1 - Descrição de Atividades.....	37
Figura 5 - Livro Consequente do Programa Bombando Cidadania .....	43
Figura 6 - Brincante .....	51
Figura 7 - Carnavalesco mais antigo em atividade .....	52
Figura 8 - Fundação Joaquim Nabuco .....	53
Figura 9 - CD do Reisado .....	54
Figura 10 - Lista de Músicas .....	55
Quadro 2 - Temas norteadores e seus objetivos alinhados aos moradores do bairro .....	94
Quadro 3 - Temas norteadores e seus objetivos alinhados a estudantes da escola do Reisado .	99
Quadro 4 - Temas norteadores e seus objetivos alinhados a partir da proposta da direção da escola Antônio Tibúrcio e o Reisado Imperial .....	100
Fotografia 2 - Conselho Escolar .....	104
Fotografia 3 - Encontro Cultural .....	106

Quadro 5 - Temas norteadores e seus objetivos alinhados ao mestre e contramestre do Reisado .....	111
Fotografia 4 - Chapéu do Reisado .....	122
Quadro 6 - Temas norteadores e seus objetivos alinhados a brincantes do Reisado .....	123
Quadro 7 - Temas norteadores e seus objetivos alinhados à professora do Reisado .....	126

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

a. C - Antes de Cristo

AD - Análise do Discurso

COTEL - Centro de Observação Criminológica e Triagem Professor Everardo Luna

CPRH - Companhia Pernambucana de Recursos Hídricos

EJA - Educação de Jovens e Adultos

EMLURB - Empresa de Manutenção e Limpeza Urbana

GPS - Global Portfólio Strategists

IADH - Instituto de Acessoria para o Desenvolvimento Humano

IWM - Instituto Walmart

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

Ltda. - Limitada

MCP - Movimento de Cultura Popular

MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização

PINC - Programa de Incubação para o desenvolvimento Local

RECRIA - Rede Nacional de Turismo criativo do Brasil

RPA - Região Político administrativa

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SETUR - Secretaria de Turismo, Esportes e do Lazer

Universidart - Centro de Cultura e Artes da Bomba do Hemetério

USF - Unidade de Saúde da Família

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2 BOMBA DO HEMETÉRIO: contexto histórico e Reisado Imperial</b> .....	17
2.1 Processo de Formação .....	17
2.2 O Bombando Cidadania .....	30
2.3 Os Reisados .....	43
2.4 O Reisado Imperial .....	49
<b>3 FUNDAMENTOS E PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS</b> .....	56
3.1 Educação Formal e Educação não Formal .....	56
3.2 Cultura e o conceito de Híbrido .....	62
3.3 O Multiculturalismo .....	71
3.4 A História Oral como Técnica de Entrevista .....	74
3.4.1 As Fontes Oraís: as entrevistas .....	77
3.5 As Fontes Documentais .....	80
3.6 A Metodologia da Análise de Discurso .....	81
3.6.1 Condições de Produção, Interdiscurso e Intradiscurso .....	84
3.6.2 Esquecimentos .....	84
3.6.3 Paráfrase e Polissemia .....	85
3.6.4 Relações de Força, Sentido e Imaginário/Lugar .....	85
3.6.5 Formação Discursiva, Ideologia e Sujeito .....	85
<b>4 O REISADO IMPERIAL NA BOMBA DO HEMETÉRIO E A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E FORMAL NUMA PERSPECTIVA DISCURSIVA</b> .....	87

4.1 Educação Formal no Contexto da Bomba do Hemetério na década de 80 e a reviravolta educacional com o marco de 86 na cidade do Recife .....	87
4.2 OS SUJEITOS E SUAS PERCEPÇÕES DISCURSIVAS: A educação do Reisado Imperial na Bomba de seu Hemetério sob análise .....	93
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	131
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	134
<b>APÊNDICES</b> .....	140
<b>ANEXO</b> .....	144

## 1 INTRODUÇÃO

Você é filho da “Bomba”? Afirmou-me um amigo num dia desses em uma conversa descontraída. Mas... Bomba? Que tipo de Bomba? Existem vários tipos de Bombas! Bomba Elétrica, Bomba Hidráulica, Bomba Pneumática dentre tantas outras que se pode encontrar de acordo com a necessidade a ser solucionada. Evidentemente que o amigo se utilizou desta figura de linguagem, ou seja, uma metáfora, como forma de reconhecimento da minha ligação com um bairro da Zona Norte do Recife que, nas últimas décadas, tem se destacado quanto ao seu cenário artístico cultural, tanto nacionalmente quanto internacionalmente, devido aos seus aspectos multiculturais. A palavra Bomba, que às vezes é responsável por despertar risos em quem escuta o seu pronunciar, é o nome de um bairro inusitado pertencente à região político-administrativa (RPA) 2. É a Bomba do Hemetério!

Mas, Filho mesmo eu sou de Dona Maria de Fátima e do Senhor Jônatas Lisboa, pessoas simples, como a maioria dos moradores que compõem este lugar. O bairro da Bomba, como é popularmente conhecido, é um ambiente onde diferentes modalidades educacionais são evidenciadas, pois quando pensamos sobre o tema educação, comumente, nos remetemos a ambientes escolares convencionais, isto é, a estruturas e sistemas que são reflexos dos modelos educativos tradicionalmente conhecidos. São espaços que oferecem uma educação rotineiramente intitulada de formal. Todavia, a educação não se realiza apenas num ambiente protocolar, pois existem outras maneiras de se pensar e de se vivenciar a educação.

Nesta perspectiva encontramos um desdobramento de modalidades educacionais as quais, adjacentes à educação formal, são identificadas como educação não formal e educação informal. A primeira traz conceitos bem distintos ao modelo formal de ensino, uma vez que não precisa enaltecer princípios de classificação; já o tempo para a realização das atividades não é regulado por legislação educacional e a emissão de certificados ou diplomas são constituídos de caráter facultativo. (GADOTTI, 2005).

A segunda diz respeito à dinâmica natural da existência humana e, por assim ser, é naturalmente enxergada desde muito cedo: quando começamos a balbuciar as primeiras palavras, no processo de aprendizagem da língua, no realizar das tarefas domésticas, das regras comportamentais, no rezar, no cantar, no dançar, na experiência percussiva do produzir som de um balde, de uma mesa ou de outras partes do corpo com palmas ou estalos, ou seja, a arte da sobrevivência. Portanto, a educação informal esta intrinsecamente relacionada à escola da vida, ao cotidiano.

Uma vez expostas as características formadoras destes conceitos, iremos nos ater ao diálogo entre educação formal e educação não formal no ambiente do Reisado Imperial, onde encontraremos na folia de reis um misto de cultura, religião e práticas educativas. Porém, primeiramente, é importante fazer menção à diferença entre bairro e comunidade, pois, no presente trabalho, a Bomba do Hemetério será mencionada a partir dessas nomenclaturas.

Quanto a isso, Barros (2004, p.56) nos diz que "O bairro é uma unidade territorial, uma escala intermediária entre a escala da rua e a da cidade, com forma e tamanho essencial para existência da realidade urbana". Com relação ao conceito de comunidade, Stuart Hall, tomando como exemplo o ajuntamento de minorias étnicas, nos mostra que a expressão "[...]" reflete precisamente o forte senso de identidade grupal que existe entre esses grupos" (2003, p. 65).

Todavia, esta definição pode ser ilusória pelo fato de haver grupos étnicos que não aceitam sua condição existencial. Então, tradicionalmente, comunidade seria uma elaboração com o objetivo de agrupar indivíduos "[...] compostos por uma mesma classe, significando grupos homogêneos que possuem fortes laços internos de união e fronteiras bem estabelecidas que o separam do mundo exterior" (HALL, 2003, p. 65).

Embora nas últimas décadas o bairro da Bomba do Hemetério tenha sido reconhecido pela sua efervescência cultural, a sua história nos mostra a ausência de espaços educacionais em seu território, acarretando assim no deslocamento de seus moradores para outros bairros em busca do exercício da prática discente.

Tomando como base as décadas de 1970 e 1980, os bairros mais próximos da comunidade que eram responsáveis pelo acolhimento dos interessados pelo ensino eram os seguintes: Alto do Pascoal representado através das escolas estaduais Rotary, Gabriela Mistral e Rosa Magalhães Melo; Água Fria através da Escola Professor Alfredo Freire; Beberibe por meio da Escola Pedro Celso, do Colégio Estadual de Beberibe e da Escola Santo Inácio de Loyola, sendo esta última localizada na divisa entre os municípios de Recife e Olinda que fica a uma distância aproximada de 2,4 km, em um tempo estimado entre trinta e três a trinta e oito minutos de caminhada; isso tomando como ponto de partida a Praça Castro Alves popularmente conhecida como Largo da Bomba do Hemetério.

Neste cenário de precariedade educacional, o Clube Carnavalesco Misto Reisado Imperial, de acordo com seu estatuto, em 1971 funda uma Escola Primária patrocinada pela Fundação Guararapes que funcionaria diretamente ligada ao Reisado até 1985. Entre os anos de 1986 a 1996 as dependências do Reisado se transformaram em anexo da Escola Municipal

Antônio Tibúrcio, ambiente este, situado no bairro adjacente à Bomba do Hemetério no Alto Santa Terezinha.

Diante do exposto, a presente pesquisa iniciou-se pelas seguintes questões de partida: De que maneira o Reisado Imperial teve significado na educação local? Até que ponto a Escola Antônio Tibúrcio atendeu as necessidades da comunidade? Qual a percepção dos moradores do bairro em relação à cultura desenvolvida pelo Reisado Imperial?

Por conseguinte, tivemos como objetivo identificar e examinar a influência do Reisado Imperial na propagação da educação formal e não formal no bairro da Bomba do Hemetério, contudo a conveniência para a construção deste estudo é resultado da experiência vivenciada no bairro como morador desde sempre, pois cresci tendo contato com as diferentes manifestações populares: era o Boi Teimoso do seu Nelson; o Urso Cangaçá; os cabocolinhos da Tribo Canindé ou o Maracatu Elefante que aos domingos desfilava pelo bairro divulgando sua cultura centenária como o maracatu mais antigo do estado; os ensaios da Orquestra Popular da Bomba do Hemetério que semanalmente nos proporcionava um passeio pelos diferentes repertórios apresentados, além do Reisado Imperial, com sua criatividade na apresentação de seu folguedo.

No ano de 2010, pude participar do projeto de desenvolvimento local através do Instituto Walmart (IWM) em parceria com a Universidart, com o Sebrae, com o Instituto de Assessoria para o desenvolvimento humano (IADH) e com o ministério de turismo. Juntos, eles tinham como objetivo propagar a cultura local, a arte culinária e fazer da Bomba do Hemetério uma rota turística da cidade do Recife; o que ficou conhecido como o "Bombando Cidadania". Nossa contribuição se deu através do projeto "Vozes da Bomba", um coral constituído por adolescentes e jovens da comunidade que visava à ressocialização, à apreciação musical e à oportunidade de realizar música através do canto.

Dissertar sobre a influência do Reisado Imperial na educação da Bomba do Hemetério se constitui numa experiência inédita para o Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE, pois, de acordo com pesquisas previamente realizadas na construção do estado da arte sobre a temática desta pesquisa, não localizamos, no banco de dados desta universidade, estudos com o mesmo viés investigativo em que se encaminhou este trabalho.

O núcleo de Teoria e História da Educação, do referido programa, tem nos últimos anos analisado o processo educacional com lentes diferentes do que costumeiramente se encontra em outros espaços destinados à pesquisa (SOUZA, 2009). Esta cosmovisão se coaduna com o pensamento de Freire (2007, p. 35) ao declarar que "[...] ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação". Logo, "[...] a prática

preconceituosa de raça, classe e gênero, ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia" (FREIRE, 2007, p. 35). Seguindo este parecer epistêmico, o presente trabalho está dividido em três capítulos: no primeiro, realizamos um apanhado histórico sobre os processos de construção do bairro e conceitos constitutivos dos reisados.

No segundo capítulo, fundamentamos a pesquisa em seus aspectos teóricos e metodológicos onde focamos nas seguintes categorias: educação formal e educação não formal; cultura híbrida, multiculturalismo; história oral como técnica; análise de discurso de linha francesa.

No terceiro e último capítulo realizamos uma breve exposição do contexto educacional do município entre os anos de 1986 a 1996 como também análises de 11 entrevistas semiestruturadas construídas de acordo com as percepções dos sujeitos participantes, considerando as temáticas sugeridas e os objetivos a serem alcançados.

Nas considerações finais, retomamos o que foi visto, sublinhando os resultados encontrados. Assim, convidamos o (a) leitor (a) para adentrar neste ambiente do imaginário popular; um híbrido que se compõe de educação, cultura e religião.

## 2 BOMBA DO HEMETÉRIO: contexto histórico e Reisado Imperial

Esta folia que hora se inicia objetiva-se construir um panorama sobre a gênese do bairro da Bomba do Hemetério, apreciando seu cotidiano cultural ao mesmo tempo em que analisa os aspectos que constituem os reisados. Sigamos, pois a brincadeira já esta começando!

### 2.1 PROCESSO DE FORMAÇÃO

No final do século XIX e início do XX, dentre os vários bairros que compunham a Zona Norte da cidade de Recife, se desenhou o chamado bairro da Bomba do Hemetério, *a priori* com uma extensão territorial considerável, uma vez que seus limites começavam da atual Estrada Velha de Água Fria, na época intitulada Estrada Velha de Beberibe, passando por terras que hoje compõem a Avenida Norte Miguel Arraes de Alencar, formando, assim, uma quase circunferência que engloba os seguintes bairros: Alto José Bonifácio, Alto do Pascoal, Alto Santa Terezinha, dentre outros (PEREIRA, 2015).

Toda essa vasta região estava contida num perímetro conhecido como Água Fria de Beberibe e sua análise foi possível a partir dos registros de Lobo, [18--?], quando formula a planta das cidades de Recife, Olinda e seus Arrabaldes. Nesse período, a Bomba do Hemetério pertencia ao município de Olinda, assim como uma parte considerável da Zona Norte (ACTOS OFFICIAES, 1891).

**Mapa 1** - Planta das cidades do Recife, Olinda e seus Arrabaldes



**Fonte:** LOBO, Ildefonso Ilídio de Souza. Planta das cidades do Recife, Olinda e seus arrabaldes. Pernambuco, [18--?] 1 mapa, 53x76. **Organização:** O Autor, 2020.

Contudo, vale salientar que na segunda metade do século XIX estes bairros ainda eram formados por um ajuntamento de variados sítios, os quais eram beneficiados por uma bomba d'água cedida pela Companhia de Viação e obras que fornecia água às terras de um senhor coronel chamado Hemetério José Veloso da Silveira, conforme sugere a matéria intitulada "Questão das Águas" encontrada no Jornal *A Província* (1890, p. 2). Desse acontecimento surge a seguinte expressão popularizada na memória coletiva dos antigos moradores da comunidade: "Vamos buscar água na bomba de seu Hemetério!"

Assim, o bairro passa a ser conhecido de forma romantizada como Bomba do Hemetério, mas quem seria esse morador portador do nome Hemetério, nome que parece ser tão popular no início do século XIX? Estamos falando do Senhor Hemetério José Veloso da Silveira, um oficial da guarda nacional da província de Pernambuco que, subindo de posto, passou de Tenente-Coronel a patente de Coronel.

Fontes indicam ter sido ele casado com D. Anna Joaquina da Silveira e que juntos tiveram sete filhos: Dr. Hemetério José Velloso da Silveira, D. Amélia Amália Velloso da Silveira, D. Emília Amália Velloso da Silveira, D. Júlia Honerina Velloso da Silveira, Sr. Frederico Velloso da Silveira, D. Josepha Josephina Velloso da Silveira e D. Maria da Purificação Silveira. Essa informação foi retirada de nota referente ao pedido de revisão dos bens do casal após suas mortes (SENTENÇA, 1895).

Fontes também indicam que nessa época a Bomba do Hemetério tornou-se um grande sítio que, sob o domínio desse militar, passou a integrar morros adjacentes como o Alto José do Pinho, Alto Santa Terezinha e, como já dito, o Alto do Pascoal. Informações do *Diário de Pernambuco*, referentes ao dia 05 de março de 1839, nos revelam dados da vida de seu Hemetério como, por exemplo, o de ser possuidor de escravos:

O Homem do mato, que no dia primeiro, ou dois do corrente foi a fortaleza das 5 pontas procurar pelo Tenente José Pedro, que diz morou na rua do Fagundes, dizendo que tinha em seu poder um escravo fugido pertencente ao dito, compareça na mesma fortaleza, ou na rua Direita D. II, no primeiro andar por cima da botica, pois o dito escravo pertence ao Tenente Hemetério José Veloso da Silveira, cunhado do referido José Pedro Sr. do engenho Lage gratificado (AVISOS DIVERSOS, 1839. p. 4).

Em outro jornal, *A Província* (1872 - 1878), cujo editor era o abolicionista José Mariano Carneiro da Cunha, na edição do dia 31 de Maio de 1876, era colocada uma nota com letras em destaques sob o título: "CYRIACO está fugido", o que confirma o fato do senhor Hemetério ter sido de fato dono de escravos:

No dia 27 do mez findo, fugio o escravo CYRIACO, preto crioulo, alto, secco, tem pouca barba, pés compridos e malfeitos, vendia lenha n'um cavallo n'esta cidade, principalmente na freguesia da Boa-Vista: quem o pegar leveo ao sitio de Agua-Fria de Beberibe do Tenente Coronel Hemetério que será recompensado. (ANNUNCIOS, 1876, p. 4).

A *Província*, na execução de suas funções, traz posteriormente uma nota na edição do dia 1 de Dezembro de 1877, mostrando-nos mais uma fuga, agora de uma escrava, pertencente ao responsável pela bomba d'água. Essas notas de jornais se contrapõem às versões de domínio popular que circulam no bairro acerca do caráter ideal do senhor Hemetério:

Está fugida, desde o dia 21 de Setembro último, a escrava Theodora, com os seguintes signaes: estatura alta e corpo secco, côrfulla, cabellos carapinhos, olhos grandes, falta de dentes na frente no queixo superior, mãos e pés grandes e falla desembaraçada. Tem sido vista no Chora-menino. Presta-se pelo pagamento dos dias de serviço e a competente acção criminal contra quem a tiver acolhido. Quem a prender leve-a ao seu senhor o coronel Hemetério em Água-Fria de Beberibe que será gratificado. (ANNUNCIOS, 1877, p. 3).

Todavia, voltando à história do bairro, que é o que nos interessa, com o tempo, percebe-se o crescimento populacional como resultado da desapropriação dos moradores dos mocambos<sup>1</sup> no centro do Recife, realizada pelo governo do estado; fato que ocorreu a partir da execução das discussões produzidas e disseminadas pela política do Estado Novo<sup>2</sup> na busca do desenvolvimento do país. Para tal, se inicia uma política de aniquilação dos mocambos no centro da cidade, cujo objetivo e justificativa se pautam na construção de um Recife moderno que deve se livrar de poluições existentes, dentre elas a visual (CAVALCANTI, 2017).

Evidentemente que num processo de manipulação social se utiliza de tudo que se está à disposição, afinal é preciso alcançar metas. Desse modo, na busca de um novo Recife, variados artifícios de diferentes categorias foram empregados como poemas, discussões políticas, palestras e uso da força policial; tais artifícios foram usados num processo

---

<sup>1</sup> Trás o sentido de esconderijo, isto é, um local de acolhimento ou abrigo para escravos foragidos. A palavra demonstra uma aproximação conceitual com o quilombo. (LIRA, 1994).

<sup>2</sup> Foi um golpe que aconteceu na política brasileira em 10 de novembro de 1937, no qual, o então presidente da república Getúlio Vargas, através desse ato, se manteve no poder estabelecendo assim, um governo ditador que ficou conhecido como Estado Novo. Logo, uma nova constituição fora produzida pelo ministro da justiça desse período, o senhor Francisco Campos, que trazia em seu conteúdo ações que se coadunavam com governos totalitários daquele momento, a saber: Portugal, Espanha e Itália. Agora, sem o congresso para servir de oposição ao governo, uma vez que o mesmo havia sido fechado e austeras leis de censura instauradas, Vargas pode então governar sem antagonismo institucionalizado. (CAVALCANTI, 2017).

gradativo, cujo clímax foi a demolição dos mocambos. Nota-se que a proposta fora encarada de maneira ferrenha, pois, de fato, o propósito era alinhar-se com os preceitos defendidos pelo Estado Novo na idealização de um *novo homem*, que irrompe na instauração de uma política que evidencia o nacionalismo, a religião e a família nuclear, ratificando, assim, valores historicamente aceitos (CAVALCANTI, 2017).

Por outro lado, a "Mucambaria da Bella Mauricéia", como dizia o doutor sanitariaista Barca-Pellon (COUSAS DA CIDADE, 1935, p. 2), tem seu cotidiano narrado de forma poética pelo escritor Josué de Castro, mostrando a realidade dessa população, pejorativamente, chamada na época de mucambeiros:

Afogados, Pina, Santo amaro, zona dos mangues dos 'mocambos, dos operários dos sem profissão, dos inadaptados, dos que desceram do sertão na fome e não puderam vencer na cidade, dos rebelados e dos conformados – dos vencidos. Zona dos 'mocambos'. Cidade aquática com casas de barro batido a sopapos, telhados de capim, de palha e de folhas-de-flandres. Cumbucas negras boiando nas águas. Mocambos - verdadeira senzala remanescente fracionada em torno às casas grandes da Veneza americana. Poesia primitiva de negros e mestiços fazendo xangô e cantando samba. Fisionomia africana. (CASTRO, 1968, p. 17).

Nesse contexto, a construção de vilas operárias aparece como uma alternativa no processo de urbanização da cidade. Nesse caso, a ideia era proporcionar ao funcionário de determinadas usinas de açúcar e empresas - como exemplos: A firma Tancredo Costa & Cia e a Cotonficio Othon Bezerra de Melo S/A na vila operária da Macaxeira - um espaço que evidenciasse lazer, serviço médico especializado, seguro contra acidentes e uma casa higienizada como pretendia o médico Amaury de Medeiros. Num contraponto do ideal para a cidade, o médico esclarece suas ideias a respeito dos mocambos: "essas casas são tudo quanto há de mais insalubre e desconfortável". (LIRA, 1994, p. 745).

O *Diário de Pernambuco* no dia 01 de Janeiro de 1932 traz uma nota intitulada "Obra Meritória". Neste espaço comunicativo, a seguir, o Jornal compartilha informações a respeito dos benefícios de uma vila operária:

A firma Tancredo Costa & Cia. ao mesmo tempo em que procurou afastar de sua fabrica os métodos rotineiros que a tornavam deficitária fez obra de filantropia construindo em suas propriedades vilas operárias, a fim de que os seus trabalhadores pudessem ter, habitação higiênica e saudável. A vila operária de Pumati é construída de agrupamentos de casas todas de alvenaria, com iluminação elétrica e dotadas de fossas liquefadoras. No centro da vila construiu a firma um amplo e higiênico prédio, dotando de mobiliário pedagógico, onde foi instalada uma escola pública estadual. [...]. (USINA PUMATÍ, 1932, p. 20).

O padre e deputado estadual de Pernambuco, Gonzaga de Lyra, em entrevista concedida ao "*O Jornal*", do Rio de Janeiro, em 1936, sob o título de "A Dolorosa Situação dos Moradores dos Mocambos do Recife", entrevista também reproduzida pelo *Diário de Pernambuco*, no mesmo ano, compartilha um conceito sobre o que viria a ser um Mocambo: "[...] uma palavra tectrica. Synthetiza em suas letras uma sequencia interminável dos maiores sofrimentos de que pode padecer a alma humana. Pobrezas, doenças, promiscuidade social, impudismo". (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1936, p. 2).

Em seguida, a entrevista apresenta dados referentes ao Recife que contam com "[...] quarenta mil mocambos, habitações tipicamente africanas e palustres, onde uma população de duzentos mil pobres se degenera e se sacrifica dizimada, sobretudo pela tuberculose e pela falta quase absoluta de alimentação" (IBIDEM). Num caráter denunciatório, o Vigário político ou político Vigário atesta, de forma contundente, que "[...] o mocambo de Pernambuco constitui uma mancha negra na civilização brasileira. Eu preciso dizer esta verdade ao Brasil inteiro" (IBIDEM). Mais adiante coloca que ele:

[...] se compõe, em geral, de uma pequena sala de frente, um quarto e uma sala de refeições, que serve também de cosinha. [...] as paredes, quando existem, são feitas de barro e varas. O piso é o chão puro, constantemente humido. Quasi sempre seus moradores, não tendo camas nem redes, dormem no chão (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1936, p. 2).

O relato continua focando no quantitativo de pessoas que habitam esse espaço. Um número aproximado entre cinco e dez pessoas componentes de uma família, o que o padre chama de "perigosa promiscuidade", levando-o a assegurar ser "[...] impossível haver moral e educação doméstica nesses lares infelizes" (IBIDEM); não se esquecendo também da falta de iluminação e das lameiras causadas nos períodos chuvosos. No fim da entrevista, o religioso ressalta que a falta de recursos financeiros é o grande vilão responsável pela não construção familiar do operário. Assim, não podendo arcar com os custos familiares "[...] a imoralidade invadiu as classes pobres do Recife" (IBIDEM).

Sem condições financeiras adequadas, mas à procura de entretenimentos, o operário, na época, buscava passatempos que cabiam em seu bolso e o padre e deputado, já mencionado, se utiliza de comentários hoje tidos como preconceituosos, à medida que faz referência às distrações mais comuns dos que vivem nos mocambos como:

[...] o catimbó, o fetichismo, o changô, o pastoril, onde, quase sempre predomina uma superstição quando não aparecem, por meio de gestos e

palavras, insinuações que atentam contra a moral e os bons costumes (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1936, p. 2).

Conclui sua fala mostrando uma suposta visão social holística na qual, o cuidado do ser em seus aspectos humanos e espirituais, ratifica que "[...] talvez a medida mais conveniente, fosse a construção de Villas Operárias" pois, " O Mocambo de Recife é um caso grave que merece toda atenção, dos poderes públicos."(IBIDEM).

Assim, esse projeto de destruição desses espaços se efetiva e é através do interventor Agamenon Magalhães, no final dos anos de 1930, motivado pela política nacionalista instaurada no estado pernambucano, onde os trabalhos da Liga Social<sup>3</sup> se iniciam e têm como meta o fim dos mocambos. Desse modo, fundamentado nos argumentos já levantados em 1908, Lira (1994, p. 743) comenta que os mocambos do Recife já vinham a substituir "[...] aos quadros e aos cortiços na definição de um dos maiores defeitos desta cidade, uma ameaça constante a saúde pública". Logo, como forma de apoio a essa empreitada, o *Diário de Pernambuco* traz uma reportagem intitulada "Liga Social contra os Mocambos" que mostra os elogios do presidente Vargas referente a essa iniciativa. Abaixo, trechos da reportagem:

Do presidente Getúlio Vargas recebeu o interventor federal no estado o seguinte telegrama: "Acusando o recebimento da comunicação sobre a louvável e patriótica iniciativa da fundação da Liga Social contra os Mocambos, aprez-me declarar-lhe que as medidas sugeridas vão merecer de parte do governo o maior, mais atento e imediato exame. Cordiaes saudações - Getúlio Vargas." (LIGA SOCIAL, 1939, p. 9).

Vale salientar que na mesma reportagem há o enfoque no registro do Sindicato dos Usineiros através da pessoa de seu presidente, apoiando essa tarefa:

Os usineiros de Pernambuco sentem-se bem em aplaudir e cooperar com o magnanimo e patriótico movimento que v.exc. iniciou e esta animando em favor da extinção dos mocambos do Recife. Muito embora já esteja os usineiros pernambucanos realizando na zona rural de suas actividades, a substituição dos mocambos residenciais de seus operários, por grupos de casinhas condignas [...] o Sindicato dos Usineiros estudará, ainda, um plano da construção de casa própria dos seus empregados de melhor categoria. Attenciosas Saudações - (a) Leoncio Araujo. (LIGA SOCIAL, 1939, p. 9).

Diante desse conjunto de circunstâncias do processo de reconstrução do Recife, as famílias destituídas de suas casas migram em direção à Zona Norte da cidade, indo entre outros lugares, para o bairro da Bomba do Hemetério em busca de moradia, afinal, o plano de

---

<sup>3</sup> Foi um programa político social iniciado em Julho de 1939, que tinha como proposta a construção de residências populares em substituição aos mocambos do Recife. (CAVALCANTI, 2017).

governo referente ao financiamento de casas populares não beneficiava a todos os desprovidos, uma vez que nem todos eram operários. Observa-se que, na prática, aconteceu apenas uma transferência dessas habitações, depreciadas como mocambos, para a sua intensificação na Zona Norte da cidade.

Nessa redistribuição populacional espalhada nos morros, importantes comunidades são estabelecidas, como por exemplo, o bairro de Casa Amarela e tantos outros que se situam às margens da Avenida Norte Miguel Arraes de Alencar. Outro importante fator a ser considerado nessa transição, é a utilização da estrada de ferro do limoeiro que, através das locomotivas, não se limitava apenas à função do transporte cargueiro, mas também intensificava o redirecionamento das pessoas na busca por novas oportunidades (PEREIRA, 2015).

O aspecto religioso não está excluído desse contexto formativo da Zona Norte do Recife e, por tabela, da Bomba do Hemetério, pois nessa construção, adeptos da cultura afro ou como os jornais da época enfatizavam, do Catimbó, migraram para lá, como forma de preservação de seus costumes e pela busca de moradia, encontrando nos diversos morros de Casa Amarela, Bomba do Hemetério e Beberibe uma espécie de refúgio (IBIDEM).

Sobre essa pertença religiosa, no entanto, o *Diário de Pernambuco* exibiu um importante quantitativo de notas explicativas sobre a prática do Catimbó, considerando-o como ignorância, feitiçaria e charlatanismo, configurando-o como crime. Assim, sob o título de “Feitiços e Feiticeiros” tal jornal traz a seguinte notícia em 1906:

N'uma casa existente em Beberibe, funcionava desde o mez passado, todas as noites, grande mesa de bruxarias, sob a direcção dos indivíduos Aprigio Francisco Pereira e Cesino Baptista de Mello. Scientes das constantes reuniões, o sub delegado local tratou de tomar providencias a respeito. Ante hontem, aquella autoridade resolveu cercar a residencia dos tais feiticeiros encontrando-os no momento das preces, cercados de fanáticos. [...] Os taes admiradores do Catimbó, já seguiram para a cadeia de Olinda, à disposição do dr. delegado do respectivo município (ORLANDO, 1906, p. 1).

Os Bairros de Campo Grande e Casa Amarela, importantes povoados da Zona Norte, seguem por vários anos como exemplos dessa caça às crenças religiosas de matrizes africanas. Ainda sobre isso, o *Diário de Pernambuco*, em 28 de Agosto de 1938, salienta o período do Estado Novo quando traz a seguinte notícia:

Campo Grande era um foco permanente de Catimbó, Changô, etc. Em cada rua era quasi certo se encontrar funcionando uma macumba. Veio o estado

novo e severas medidas foram tomadas pelas autoridades policiais para extinguir o mal. No entanto, apesar da severa vigilância da polícia os adeptos do catimbó procuram burlar a vigilância das autoridades e a polícia esta sempre a descobrir novos coitos. Ainda na quarta-feira ultima, os investigadores numeros 22 e 63, numa feliz diligência à noite, efetuaram a prisão do individuo [...] em que o mesmo, cercado de adeptos, dava inicio aos trabalhos de uma secção de Catimbó. [...] em Casa amarela, ainda na mesma noite, os mesmos policiais prenderam a mulher Euphrozina Maria da Conceição no momento em que chefiava uma concorrida secção de Macumba. (PELOS SUBURBIOS, 1938, p. 2).

Entretanto, como forma de proteção aos saberes e práticas religiosas populares, a cultura afro fora utilizada de maneira estratégica na estrutura comunitária desses bairros, entre eles, a Bomba do Hemetério, o que segundo Pereira (2015, p. 65) revela que "[...] esses grupos se denominaram agremiações carnavalescas, nações de maracatus, nações de caboclinhos e centros espíritas" e esse misto efervescente e dinâmico consolidou-se de modo híbrido, como veremos adiante, como modo de sobrevivência da cultura popular. Portanto, os habitantes do bairro da Bomba, de acordo com a construção de argumentos históricos, podem ser determinados como um *mix* de grupos operários, imigrantes vindos da zona rural do estado e ajuntamentos de grupos afrodescendentes.

Contudo, a partir do decreto municipal nº 85, assinado em 05 de Janeiro de 1949 pelo então prefeito Manoel César de Moraes Rêgo, o Recife passou a ser dividido em quatro zonas, a saber: Zona Central, Zona Urbana, Zona Suburbana e Zona Rural. Diante dessa divisão, a Bomba do Hemetério passou a se localizar na Zona Suburbana:

[...] seguindo daí pela Rua Afonso Olindense até a praça de Caxangá, daí pela av. Caxangá até encontrar novamente a perimetral já referida, seguindo daí por esta perimetral até alcançar a estrada de Apipucos, contorna o açude do mesmo nome [...] até alcançar o córrego do Bartolomeu, donde segue pela Bomba do Hemetério até encontrar a estrada velha de D'Água Fria, donde segue pela estrada do mesmo nome até alcançar a praça D'Água Fria e daí pela av. Beberibe até a travessa do Fundão [...] onde atravessa o rio Beberibe, seguindo depois pelo limite Olinda-Recife [...] (RECIFE, 1949, p. 1).

Na administração de Miguel Arraes de Alencar, em 14 de Novembro de 1961, é aprovada pela câmara municipal, a lei de número 7593 que autoriza, em seu artigo primeiro, a construção da "[...] estrada que liga o Córrego do Tiro à Rua Uriel de Holanda (Linha do Tiro), em Beberibe" (RECIFE, 1961, p. 1). As estradas liberadas para construção figuram como fronteiras para o bairro da Bomba do Hemetério. Reparasse então que, paulatinamente,

a comunidade vai sofrendo mudanças que tanto alteram sua aparência quanto melhoram a locomoção de seus habitantes.

O *Diário de Pernambuco*, no dia 11 de Março de 1961, traz uma nota que cita o vereador Aristófanés de Andrade, autorizando a instalação de um chafariz na comunidade da Bomba. Entretanto, somente no ano seguinte é que de maneira oficial o mesmo Jornal registra uma matéria que mostra diversas ações do governador Cid Sampaio, dentre essas, a inauguração de chafarizes em vários locais do bairro que contou, inclusive, com a presença do governador no referido ato.

[...] Foram inaugurados, terça-feira ultima, pelo secretário de viação, sr. Lael, mais chafarizes nesta capital. Estão situados na bomba do Hemetério, Alto do Cotó e no Córrego do Cotó. A lata água será fornecida a 20 centavos, nesses chafarizes. O governador Cid Sampaio esteve presente à inauguração do chafariz da Bomba do Hemetério, em companhia do deputado João Cleofas. (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1962, p. 5)

Foi perguntado em entrevista realizada com uma residente do bairro e moradora há aproximadamente sessenta anos, como foi a chegada dela na comunidade:

Foi tão estranha, porque primeiro dia em que eu cheguei aqui pra Bomba não tinha nem ônibus. (**Breve Pausa**) ai, eu vim de pés da cidade com papai até aqui na Bomba pra chegar na Bomba. Primeiro dia que eu vim né? Depois, só tinha dois ônibus na Bomba nesse tempo. Quando um ia, o outro voltava era assim, só tinha dois ônibus só! (ENTREVISTADA N°1, 2019).

Com relação ao transporte público, a primeira empresa que se tem conhecimento no bairro fora extinta, 18 de Setembro, que, por sinal, oferecia um serviço de qualidade questionável. Em notícia intitulada: "Ônibus capotou no Arruda ferindo nove passageiros", o *Diário de Pernambuco* em 25 de Outubro de 1967 detalha o acidente:

Viajando com o destino cidade-subúrbio, o ônibus da empresa 18 de Setembro, de placa ... 120519, que faz a linha de Bomba do Hemetério capotou espetacularmente, ao transitar pela rua Cônego Barata, no Arruda, saindo feridas nove pessoas, umas das quais, o menor Humberto José dos Santos, ficou internada com ferimentos nas pernas. [...] (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1967, p. 9).

Como o próprio nome já sugere, o acidente é um fortuito. Todavia, as condições dos serviços prestados por essa empresa que abastecia o bairro deixavam a desejar: "Quero também solicitar providências sobre a segurança dos ônibus da empresa 18 de Setembro, que serve as linhas de B. Hemetério, Alto J. Bonifácio e Alto do Mandú [...]". (MIRANDA, 1980, p. A 10). Nesse aspecto, só em Junho de 1980 é que tal companhia é vendida à Empresa São

Paulo Ltda, cuja sede localizava-se na Avenida Beberibe, nº 1478 no Arruda, só assim melhorando os serviços de locomoção na localidade. Todavia, nos anos 90, a empresa Metropolitana assume a maioria das linhas de ônibus da comunidade, sendo nos anos dois mil substituída pela atual Rodoviária Caxangá.

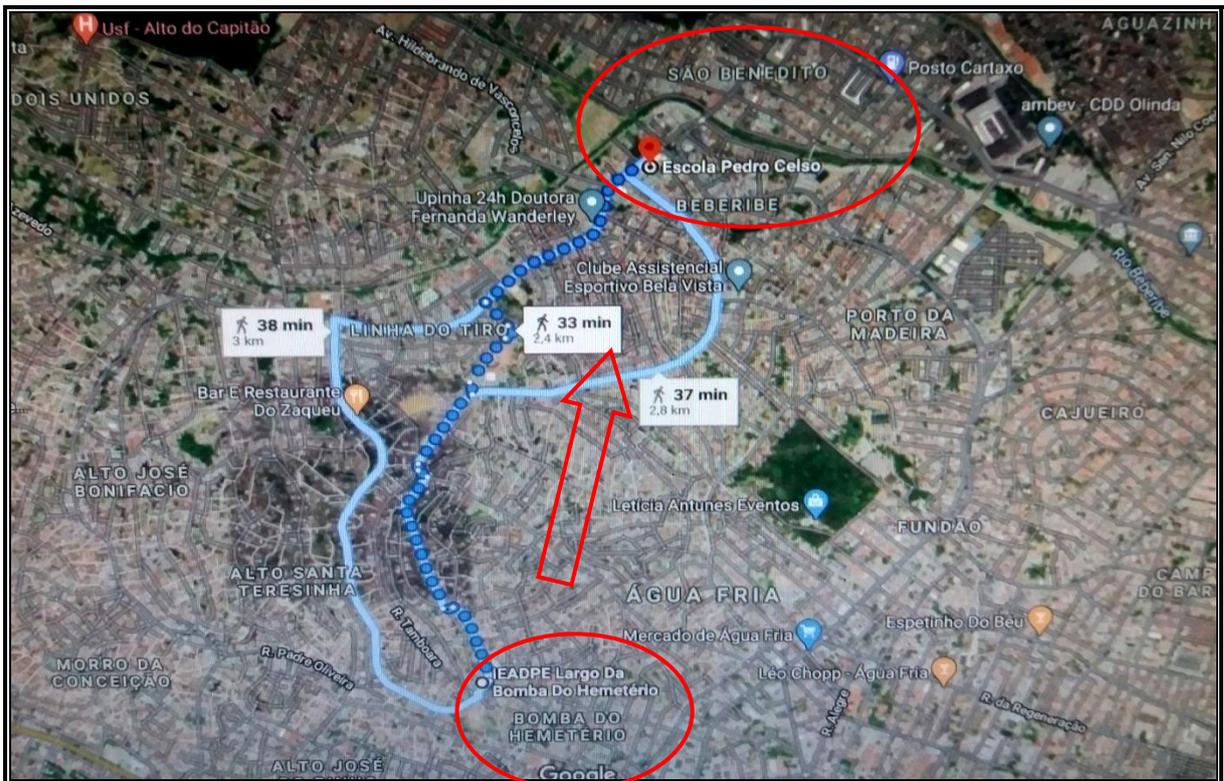
Sobre a vida política do bairro, sublinha-se a representação na Câmara Municipal do Recife através do Vereador Ireno Tibúrcio Cavalcanti em dois mandatos: o primeiro em 1968 quando ficou como suplente vindo a assumir de fato o mandato dois anos mais tarde. No segundo mandato foi reeleito de forma convincente cumprindo-o totalmente até 1976. (RECIFE, 2011). Este é um dos fundadores do partido MDB, era considerado membro do grupo dos "vereadores do asfalto", expressão utilizada para lideranças comunitárias que mesmo sendo eleitas não se mudavam de suas comunidades.

O citado vereador conquistou sua relevância nos bairros da Zona Norte onde fundou o Centro de Assistência Social Antônio Tibúrcio, na década de 70, em homenagem ao seu pai, oferecendo atividades para o público jovem que se distribuía entre educação, cultura e esporte. (RECIFE, 2011). Nesse espaço, atualmente, funciona a Escola Municipal Antônio Tibúrcio, situada no bairro do Alto Santa Terezinha, a qual será abordada mais adiante.

Contudo, observa-se que desde sua origem até aproximadamente o final dos anos 90, o bairro da Bomba do Hemetério se mostra sem expressividade social, sem interesse turístico, sendo lembrado como tantos outros bairros do Recife, apenas quanto aos aspectos de violência e pobreza. (WALMART, 2015). Por conseguinte, em relação ao seu contexto educacional, considerando o seu quantitativo de escolas públicas, não poderia ser diferente. A precariedade era mais um item a ser vencido, pois, esta fazia com que seus moradores se locomovessem para os seus arredores em busca do exercício da prática discente (MORADOR Nº 2; MORADOR Nº 3).

Tomando como base a década de 1960, os bairros mais próximos da comunidade que eram responsáveis pelo acolhimento dos interessados pelo ensino se resumem aos seguintes: No Alto do Pascoal, representado através das escolas estaduais: Rotary, Gabriela Mistral e Rosa Magalhães Melo; em Água Fria, através da Escola Professor Alfredo Freire; em Beberibe, por meio da Escola Pedro Celso, do Colégio Estadual de Beberibe e da Escola Santo Inácio de Loyola, sendo esta última localizada na divisa entre os municípios de Recife e Olinda que fica a uma distância de 2,4 Km, no percurso mais rápido, o que equivale a 33 minutos de caminhada tomando como ponto de partida a Praça Castro Alves, popularmente conhecida como Largo da Bomba do Hemetério, de acordo com a imagem a seguir.

**Mapa: 2 -** Percurso da Bomba do Hemetério até Beberibe



Fonte: Google Maps. Organização: O Autor, 2020.

No início dos anos oitenta, sob a influência do religioso Dom Hélder Câmara, arcebispo emérito de Olinda e Recife, um grupo aproximado de cinquenta integrantes, intitulado como Movimento de Reivindicação, se dirigiu até ao Palácio do Campo das Princesas, sede do governo do estado, a fim de cobrar ao então governador da época, Roberto Magalhães, uma das maiores prioridades para a comunidade: a construção de uma escola pública. Para tal, um imenso terreno onde havia uma vacaria, fora desapropriado para a construção e inauguração no ano de 1985 do que é hoje a Escola de Referência em Ensino Médio Prof.º Mardonio de Andrade Lima Coelho (WALMART, 2015).

Atualmente, o bairro conta com duas escolas estaduais, seis escolas municipais e duas creches (WALMART, 2011). No final dos anos 80, mais precisamente em 1988, a comunidade conquista mais uma vitória, agora no campo da saúde, com a entrega do Centro de Saúde Drº Luiz Wilson, inaugurado na gestão do prefeito Gilberto Marques Paulo, atuando hoje no tipo (USF) - Unidades Saúde da Família (WALMART, 2015).

Retomando o aspecto religioso, encontra-se atualmente espalhado pelos córregos, escadarias e morros, que compõem a Bomba do Hemetério, uma quantidade considerável de espaços afro que, embora não operem com frequência como em anos passados, hoje têm

realizado seus "toques" em dias considerados sagrados para a religião. Entretanto, da mesma forma que há um determinado número de centros de Umbanda e Candomblé, existe também o contraponto religioso representado pelo antagonismo das igrejas cristãs tradicionais, pentecostais, neopentecostais e católicas. (PEREIRA, 2015).

No que se diz respeito à descrição populacional do bairro, o mesmo possui 43 (hectares), cerca de 2.350 domicílios e uma população de aproximadamente 8.472 habitantes. A média de moradores por domicílio (Habitação/Domicílio) é de 3,6. Destes, 55,66% são do sexo feminino e atuam como responsáveis pela manutenção de suas residências. Subdividindo a população por raça, encontramos determinados percentuais: Cor Branca 30,37 %, Cor Preta 14,11 %, Cor Parda 54,45 %, Cor Amarela 0,86 %, Indígena 0,21%. O valor do rendimento nominal médio mensal dos domicílios é de R\$ 1.346,55 (RECIFE, 2010).

Nestes últimos anos, a Bomba do Hemetério tem sido conhecida pelo menos por dois motivos: por sua efervescência cultural e pelo turismo de base comunitária com foco no empreendedorismo e cidadania. Com "mais de sessenta grupos de manifestações de raiz" (WALMART, 2015, p. 35), tal bairro é uma mina de saberes. Observa-se que 63% (sessenta e três por cento) desses grupos foram organizados antes do ano de 2010, no entanto, alguns desses apresentam mais de cem anos de fundação.

Nesta comunidade localizam-se, por exemplo, a Orquestra Popular da Bomba do Hemetério que, além do Gênero musical frevo, também apresenta em seu repertório tanto o Maracatu quanto a Ciranda, segundo as palavras do senhor Francisco Amâncio da Silva ou tão somente maestro Forró; o maracatu Nação Elefante, uma das nações de baque virado mais tradicionais do estado; a Troça Mista Abanadores do Arruda; o Clube Carnavalesco Misto Reisado Imperial do mestre Geraldo Almeida (único em funcionamento no grande Recife) e o Grêmio Recreativo Escola Gigante do Samba, uma das escolas de samba mais queridas da cidade do Recife com seus doze títulos de campeã do carnaval Pernambucano (SEBRAE, 2014).

Dentre tantas agremiações carnavalescas em evidência, não se pode deixar de fazer referência ao trabalho dos mestres populares, artesãos e gastrônomos do bairro que através de suas diferentes atuações permanecem linkados a esse ambiente exalador de cultura. Por conseguinte, podemos encontrar o mapa atual da Bomba do Hemetério e suas adjacências que após as ações do Programa Bombando Cidadania passou a se intitular de Grande Bomba!



aproximadamente seis minutos para poder chegar até a antiga Rua 35, hoje chamada de Rua Arapixuna, onde se encontra a sede do Reisado Imperial na nona casa do lado esquerdo.

**Fotografia: 1** - Sede do Clube Carnavalesco Misto Reisado Imperial



**Fonte:** O Autor, 2020.

## 2.2 O Bombando Cidadania

Uma expressão que ganhou as mídias sociais e se popularizou rapidamente foi o "Tá Bombando!", dito utilizado para se referir a ações articuladas ao nome do bairro da Bomba do Hemetério e à parceria com o desenvolvimento local iniciada no final de Julho de 2008, que trouxe transformações para a comunidade através do Programa Bombando Cidadania.

O Programa Bombando Cidadania foi o primeiro de desenvolvimento local do Instituto Walmart<sup>4</sup> no Brasil (IWM). Eles justificam ter sido o Recife escolhido para o programa devido a alguns elementos, dentre os quais se destacam: 1) o estudo sobre aspectos socioeconômicos e 2) o fato do Recife ser o berço da rede Bompreço; hoje inserida no grupo supracitado. Até se chegar à escolha da Bomba do Hemetério como bairro, o IWM analisou 63 comunidades com competências a serem assistidas pelo programa, das quais 16 foram pré-selecionadas e deveriam corresponder aos seguintes critérios: 1) localizar-se numa Zona Especial de Interesse Social (no caso do bairro, localizada na zona Zeis) e 2) ser reconhecida por diferentes atores sociais (governamentais e não governamentais) pelo grau de participação e mobilização social (WALMART, 2015, p. 16).

A responsável pela implantação do programa junto ao IWM, a senhora Adriana Franco, em depoimento, retrata pontos importantes para esta escolha:

A Bomba sempre foi diferenciada, mais proativa, com um grupo forte de moradores mobilizados [...] Isso tudo associado à história de formação do bairro e suas potencialidades culturais foi muito interessante para definirmos o local (WALMART, 2015, p. 16-17).

Seguindo esta lógica, o *Diário de Pernambuco*, em 03 de Julho de 2008, traz uma notícia que ratifica a parceria entre o governo do estado, prefeitura do Recife e o Instituto Walmart:

O Instituto Wal-Mart inaugura em Pernambuco o seu primeiro projeto de desenvolvimento local integrado ao poder público. Durante cinco anos, junto com o governo do estado e prefeitura do Recife, a multinacional vai atuar na Bomba do Hemetério com o objetivo de equiparar o IDH do bairro, que é de 0,704, ao índice de 0,797 da cidade do Recife. [...] o governo do estado ficará responsável pela redução dos índices de violência e pela transformação da escola Mardônio Coelho em um pró-centro [...]. (BOMBA DO HEMETÉRIO, 2008, p. B3).

Com parceria estabelecida, o Programa Bombando Cidadania seguiu na busca de implantação de projetos de expansão no bairro. Com uma agenda que abarcava "[...] ações nas

---

<sup>4</sup> É uma organização da sociedade civil de interesse público (OSCIPI), criada em 2005 sem fins lucrativos e patrocinada pelo Walmart Brasil, ou seja, uma rede de lojas espalhadas por grande parte do território nacional, estas organizadas nos formatos de hipermercado, supermercado, atacado, lojas de vizinhança e clube de compras. O IWM aproveita os locais onde suas lojas estão inseridas e contribui para promover transformações sociais. Segundo o próprio instituto, sua missão se afirma na criação de oportunidades para as pessoas viverem melhor. Desta feita, se regula ele por duas diretrizes: 1º) no criar oportunidades para a juventude e 2º) no viver melhor a comunidade. Disponível em: <https://www.walmartbrasil.com.br/responsabilidade-corporativa/instituto-walmart/sobre-o-instituto-walmart/>. Acesso em: 14 fev. 2019.

áreas de trabalho e renda, saúde e meio ambiente, comunicação, educação, juventude, arte e cultura" (IADH, 2011, p. 1), o programa definiu um prazo entre 05 e 06 anos para apoio e monitoramento das atividades realizadas na comunidade. O objetivo assim era com o ambiente sustentável de "[...] tornar a comunidade protagonista do desenvolvimento do território, apropriando-se de técnicas que levem as pessoas a empreender a partir de seus potenciais" (IBIDEM). Para execução prática dessa empreitada, outras parcerias foram efetivadas, pois a proposta do IWM não era a adoção de um bairro específico, mas a de dar início a uma proposta na qual outras entidades sentissem interessadas em serem coadjuvantes. Nessa direção se alinhou o IADH<sup>5</sup>, cuja responsabilidade se aplicava no parecer técnico-pedagógico do programa, além dos seguintes atores:

Parceiros da iniciativa privada: Nestlé, IBM, Neo energia, EMS Medicamentos. Parceiros governamentais: Ministério do Turismo, Ministério da Educação, Governo do Estado de Pernambuco, Prefeitura da Cidade do Recife. Parceiros Setoriais: Sebrae, Senac. Parceiros da Sociedade Civil e Pública: Gestos - Soropositividade, Educação e Gênero, Casa Menina Mulher (CMM), Centro de Apoio aos pequenos empreendimentos de Pernambuco (Ceape), Universidade Católica de Pernambuco, Universidade Federal de Pernambuco, Instituto Federal de Pernambuco. Cooperação Internacional: Fundo das nações unidas para a infância (Unicef), United States Agency for international Development (Usaid). [...]. (WALMART, 2015, p. 79)

Toda essa organização, em busca de um propósito particular, se viu instigada por um significativo utilizado corriqueiramente nas reuniões: "a execução de ações sinérgicas que proporcionassem transformações na localidade" (WALMART, 2015, p. 18). As mudanças no bairro, no entanto, foram acontecendo de forma paulatina e dois importantes produtos para a geração de renda vieram através da gastronomia e do turismo, afinal a Bomba do Hemetério tornou-se o primeiro local turístico de base comunitária da cidade de Recife (SEBRAE, 2014, p. 5). Karina Zapata, consultora do Programa, traz a seguinte concepção em relação ao trabalho turístico realizado no bairro:

O turismo de base comunitária, que propomos para a Bomba do Hemetério, é uma tendência mundial do mercado. As pessoas estão visitando territórios com identidade e experiências singulares. E a Bomba do Hemetério é um território que derrama cultura por todas as suas esquinas. [...] É um bairro

---

<sup>5</sup> Que significa Instituto de Acessória para o Desenvolvimento Humano (IADH) que funciona como uma OSCIP. A referida instituição traz como missão a de desenvolver a capacidade de pessoas e organizações em estratégias e processos de desenvolvimento local sustentável; tendo sido fundada no ano de 2003, possui uma equipe profissional multidisciplinar a fim de desenvolver seus programas e projetos. Disponível em: <https://www.iadh.org.br/sobre/>. Acesso em: 14 fev. 2019.

onde você tem expressões culturais de todo o estado de Pernambuco [...] (WALMART BRASIL, 2012, p. 1).

Transformou-se numa nova rota turística para a cidade, mobilizou a Secretaria de Turismo do estado e aproximou o governo na discussão de políticas para o território. Como forma de solidificação e incentivo na busca de melhorias, o Bombando Cidadania constituiu uma comissão formada por moradores do bairro com o objetivo de atestar as ações realizadas. Para tal, fora efetivada uma espécie de capacitação, ou seja, uma especialização para um público de 40 pessoas que, ao fim, seriam reconhecidas como agentes de desenvolvimento local. Essa formação contou com uma carga horária de 370 horas. Nesse período, uma série de assuntos foram realçados "[...] com destaque para a perspectiva de liderança inspiradora: aquela que agrega, mobiliza e dá o exemplo" (WALMART, 2015, p. 19).

Os microempreendedores receberam auxílio jurídico para formalização dos seus negócios e a cultura local passou a enxergar seus saberes como empreendimentos que movimentariam a economia criativa local. Assim, como iniciativa, os produtos dos artesãos passaram a ser divulgados numa feira cultural intitulada de Bombarte, que acontecia na Praça Castro Alves, o popular Largo da Bomba, sempre no primeiro sábado de cada mês. Um exemplo de sucesso dessa iniciativa é o caso de uma moradora artesã chamada Elienai Porto. Como costureira "[...] sempre fez camisetas, camisas, vestidos e calças para vender, mas só para um universo de pessoas próximas" (IBIDEM, p. 34).

Contudo, incorporada ao programa de desenvolvimento local, a artesã fora uma das protagonistas na criação de produtos vinculados à marca e ao bordão "O que é da Bomba é Bom!", então, além dos materiais que sempre confeccionou, atrelou ao seu processo criativo "[...] bolsas, sandálias, carteiras e colares - todos com referências visuais ao bairro, como bombas d'água, que são o símbolo do local" (IBIDEM). Com as capacitações oferecidas pela Aliança Empreendedora, os negócios da artesã se expandiram e, saindo do contexto do Bombarte, se estenderam para "[...] Fenearte, na Fenahall, no Museu do Homem do Nordeste, no Marco Zero, no Sítio da Trindade e em eventos de economia solidária" (IBIDEM, p. 35).

Os restaurantes e gastrônomos seguiram também nessa busca de oportunidades com a culinária da região sendo prestigiada, uma vez que o roteiro gastronômico também figurou neste ambiente de exploração e conhecimento da comunidade. Assim, cinco restaurantes fizeram parte do programa e, nesse aspecto, a memória religiosa da comunidade não poderia ficar de fora com o Afoxé Ogbon Obá, estando atuante na apresentação referente ao circuito pelo bairro, esse, especificamente, intitulado "Vivências do Terreiro" que oferecia ao visitante

um passeio pela cultura e religião afro, proporcionando ao turista, além do aprendizado adquirido durante a visita, a oportunidade de degustar da comida e das oferendas produzidas pela própria cozinheira do terreiro (SEBRAE, 2014).

Dentre tantas ações vinculadas ao Programa Bombando Cidadania, uma de grande importância diz respeito às questões ambientais. Desse modo, a Agenda 21 local foi criada para mostrar:

[...] um diagnóstico das condições socioambientais do bairro a as propostas e os compromissos para a solução de problemas, como carência de serviços básicos, saneamento, coleta de lixo e até conscientização ambiental (WALMART, 2015, p. 20).

Como resultado, a comunidade minimizou as dificuldades relacionadas ao sistema de coleta de lixo, através de parceria estabelecida com a Emlurb e adquiriu um ponto de coleta de resíduos sólidos no largo da Bomba. As conquistas proporcionaram ao Programa, dois prêmios relacionados ao meio ambiente: o Prêmio Vasconcelos Sobrinho de Meio Ambiente, concedido pela CPRH/Secretaria de Meio Ambiente do estado de Pernambuco, e o *Prêmio Planeta Casa Sustentável*, da Editora Abril (WALMART, 2015, p. 49).

Nesse relato histórico, o próximo passo é o Programa de Incubação para o Desenvolvimento Local (PINC). Nele, o movimento cultural local, distribuído entre maracatus, bois, troças, afoxé, dentre tantos que desfilam nesse terreno, teriam investimentos de empreendedores sociais em suas ações e, assim, se comprometiam em trazer benefícios econômicos para a comunidade. Todavia, para que isso acontecesse, era necessário apresentar um projeto que se adequasse à proposta do programa. Nessa disputa, os artistas da Bomba do Hemetério não concorreriam sozinhos. Os morros, que estão ao seu redor e que hoje se formulam como bairros estavam juntos nessa disputa pelo apoio cultural, fazendo com que a Bomba do Hemetério, nesse momento aglomerado, ficasse conhecida como Grande Bomba ou tão somente Bomba Expandida.

Segundo Pereira (2015), depois de uma vasta pesquisa sobre o quantitativo de artistas locais, a computação chegou a um total de 87 grupos que se dividiam entre artistas individuais e agremiações. No período denominado de pré-incubação, o programa disponibilizou um guia de orientações técnicas que tinha como objetivo, mostrar o passo a passo para a construção de uma proposta adequada. (IADH, 2011).

Por conseguinte, 57 propostas foram enviadas para concorrerem ao processo seletivo. Contudo, apenas 19 projetos foram incubados<sup>6</sup> e aperfeiçoados através de oficinas, as quais equiparam os grupos selecionados para melhorarem seus projetos em suas áreas específicas, deixando-os aptos a participarem de editais e concorrências formais na busca por financiamento. Esses projetos incubados e agora reconhecidos como empreendimentos sociais estavam divididos nas seguintes áreas: "alfabetização; artes cênicas e artes visuais; artes integradas; dança; comunicação comunitária; esporte; inclusão digital; música e percussão; trabalho e renda; e gênero". (IADH, 2011, p. 8).

**Figura: 1** - Divulgação para inscrição de Projetos

**Figura: 2** - Guia de Orientações Técnicas



**Fonte:** IADH **Organização:** O Autor, 2020.

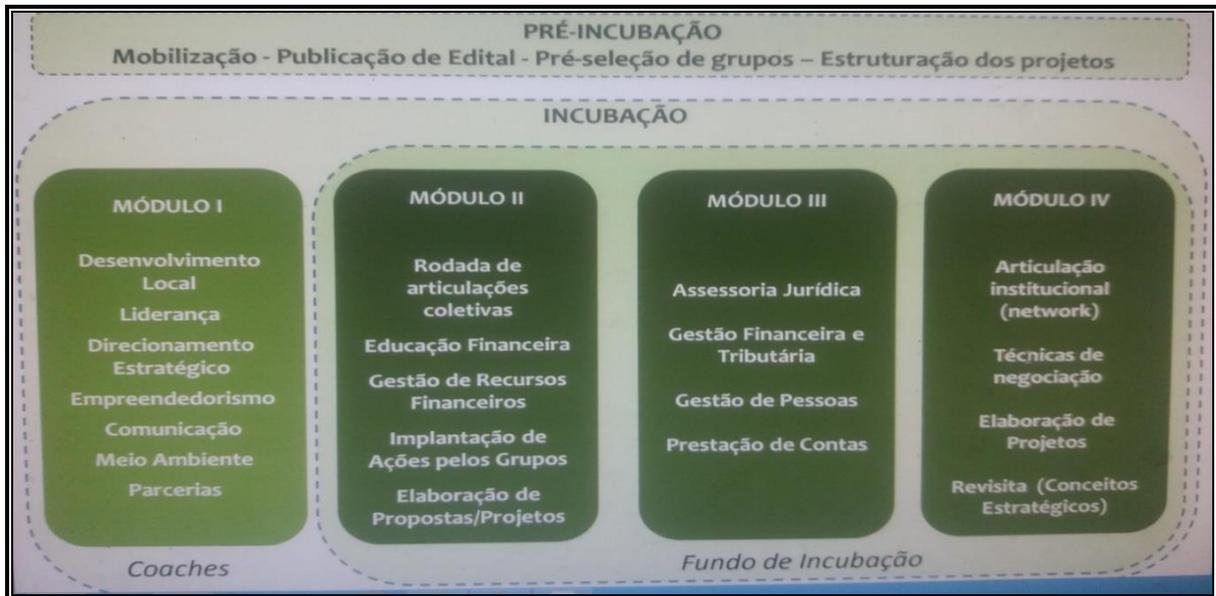


**Fonte:** IADH. **Organização:** O Autor, 2020.

<sup>6</sup> Segundo o Minidicionário da língua portuguesa a expressão possui os seguintes significados: premeditar; planejar; chocar os ovos. BUENO, 1996, p. 360.

A figura seguinte apresenta de forma sistemática tanto as etapas do período pré-incubatório, quanto a capacitação em módulos a serem estudados por cada grupo empreendedor.

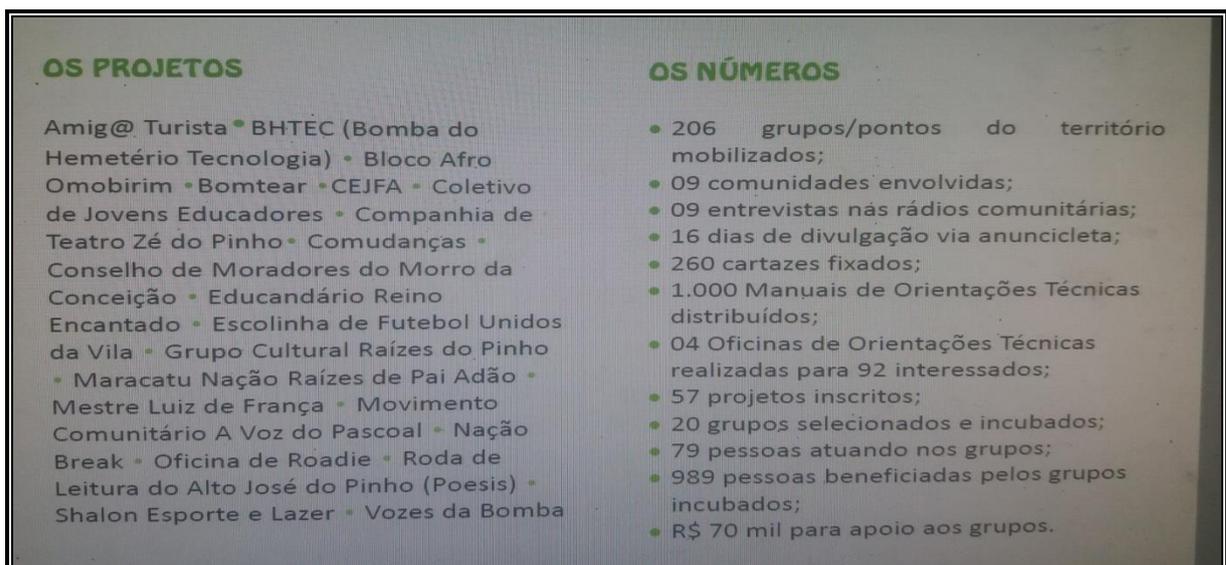
**Figura: 3 - A Incubação**



Fonte: IADH, 2011 Organização: O Autor, 2020.

Por conseguinte, julga-se pertinente observar de maneira geral a mobilização no processo de incubação.

**Figura: 4 - Panorâmica do Programa de Incubação**



Fonte: IADH, 2011 Organização: O Autor, 2020.

Como já dito, o programa teve início em 2008 e foi dividido em três momentos. O primeiro momento (2008-2009) teve como objetivo equipar a população local, permitindo-lhe

ter acesso aos trâmites legais para tornarem-se empreendedores. Então, ao fim do primeiro ano, "[...] o projeto contou com cursos, palestras, consultorias, voltadas ao coletivo cultural da Bomba do Hemetério [...] em parceria com o Sebrae/PE no campo do empreendedorismo cultural" (IADH, 2009, p. 1). Nota-se que nesse momento, de fato, a proposta era preparar a comunidade para aumentar seus rendimentos e movimentar a economia.

Os serviços realizados naquele ano permitiram que uma parceria com a Fundarpe fosse feita, o que possibilitou a participação do Bombaguá no Festival de Inverno de Garanhuns. O Bombaguá é um espetáculo que gira em torno do personagem Jaraguá, em uma mistura de música, teatro, dança e poesia (IADH, 2009; SEBRAE, 2014). Segundo Karina Zapata, consultora do IADH que já mencionamos, nesse primeiro momento "[...] foi dado um grande salto político-institucional, ampliando e fortalecendo a dimensão cooperada e integrada que permeia o Programa Bombando Cidadania" (IADH, 2009, p. 1).

O segundo momento (2009-2010) fora marcado pela pauta que evidenciava a construção dos seguintes projetos:

Centro Cultural seu Hemetério; website do Pólo Cultural da Bomba do Hemetério; Circuito Bomba Cultural; Bombarte - Feira de Artesanato da Bomba do Hemetério; Cine Bomba - Cultura e Comunidade; Bomba em Cena, Festival Bomba Musical, Lição de Arte, Projeto Bombaguá - O Espetáculo (IBIDEM, p. 1)

Nesse período é elaborado o calendário de eventos do bairro e sua roteirização turística, uma vez que a diversidade cultural da comunidade era a mina a ser explorada. Dessa forma, os ensaios dos grupos artísticos, que tradicionalmente eram realizados em seus espaços próprios, foram orientados como estratégia de *marketing* a serem cumpridos como eventos espontâneos. À vista disso, o público teria acesso ao evento (PEREIRA, 2015).

De acordo com o Guia turístico para a comunidade, editado pelo Sebrae em 2014, os grupos artísticos, carnavalescos e/ou agremiações e terreiros no cotidiano se apresentariam na estrutura que reproduzimos abaixo:

**Quadro 1 - Descrição de Atividades**

<b>Grupo Artístico</b>	<b>Dias de Apresentação</b>	<b>Apresentações no Mês</b>	<b>Horário de Apresentação</b>	<b>Tempo de Apresentação</b>
Escola de Samba Gigante do Samba.	Quartas Feiras	15 em 15 dias	16 horas	Quase 60 min.

Troça abanadores do Arruda.	Sábados ou Domingos	1 vez no mês	19 horas 16 horas.	45 min.
Bombaguá Universidart	Sábados ou Domingos	1 vez no mês	16 horas	-
Boi Mimoso	Sábados	1 vez no mês	18 ou 19 horas	-
Boi Malabá	Sábados e Domingos	-	16 horas	Quase 60 min.
Maracatu Estrela Brilhante	-	1 vez por semana	-	50 min.
Maracatu Encanto da alegria	Sábados	15 em 15 dias	16 horas	-
Maracatu Raízes de Pai Adão	Todos os dias	Todos os dias	16 horas, ou outro horário agendado	60 min.
Caboclinhos 7 Flechas	Domingos	1 vez por semana	-	60 min.
Bacnaré - Balé de Cultura Negra do Recife	Sábado Domingo	1º Final de Semana	16 horas	45 min.
Afoxé Ogbon Obá	Quartas e Sextas Feiras	15 em 15 dias	16 horas	60 min.

**Fonte:** Polo Cultural da Bomba do Hemetério. Sebrae, 2014. **Organização:** O Autor, 2019.

O terceiro momento desse trabalho (2010-2011) fora marcado pela inclusão do carnaval do Recife no Polo Cultural da comunidade, seguido do estabelecimento dos roteiros turísticos, o chamado Circuito Bomba Cultural, assim como da formação de um calendário de eventos para o bairro. Além disso, a Comunidade passou a ser inserida no orçamento participativo da cidade e a rádio seu Hemetério virou uma realidade (SEBRAE, 2014).

O calendário, que apontou as festividades do bairro, se formatou do seguinte modo: os meses de fevereiro e março foram marcados pelo tradicional cortejo de carnaval, realizado sempre no domingo anterior ao sábado de Zé Pereira; já o mês de junho cultuou a diversidade,

se transferindo do que é tradicionalmente conhecido pela comunidade e envolvendo-se em outros ares na busca pelo forró no arraial de seu Hemetério; nos meses de julho a setembro, a culinária local ganhou seu espaço, através do Festival Delícia da comunidade, e em dezembro, os autos de Natal ganham destaque.

Contudo, não se deve esquecer, que no primeiro sábado de cada mês há um encontro com O Bombarte, no largo da Bomba, e toda primeira quinta-feira do mês, finalizando a diversão, a tela do cinema encontra o seu lugar através do Cine Bomba, que traz a sétima arte a este cenário multicultural (IBIDEM).

A título de informe, sabemos que quatro outros roteiros ainda foram definidos para serem visitados e eles abrangem os "[...] grupos culturais, artistas e empreendedores da Bomba" (INSTITUTO WALMART, 2015, p. 36). Estes percursos passaram a ser difundidos maciçamente na mídia e, nessa divulgação, o visitante/turista que estiver disposto a conhecer a cultura encontrada na grande Bomba pode seguir as sugestões que foram previamente instituídas para a excursão. Abaixo, segue uma breve exposição desses roteiros:

- Primeira Parte do Roteiro: conhecendo o território

Para esta trilha é aconselhável que o turista/visitante se hospede durante um dia e uma noite, pois esse momento tem seu início a partir das 17 horas com um passeio pela comunidade, por seus becos, ladeiras e escadarias, indo de encontro a três importantes referências históricas da localidade: A História Brilhante, que pode ser contada por dona Marivalda, rainha do centenário Maracatu Estrela Brilhante; as Vivências do Terreiro, onde o turista pode provar da culinária de santo; além do Brincando com o Boi Mimoso, situado na rua da alegria; nessa última o turista pode assistir a uma apresentação bastante divertida com personagens da cultura popular. Outra alternativa, dentro deste roteiro, é conhecer o Ateliê do artista plástico Zildo Marques ou então ir ao grupo Emoções Afro (SEBRAE, 2014).

- Segunda Parte do Roteiro: roteiro das artes

Para este roteiro o turista/visitante precisará de dois dias e uma noite. Tendo seu início às 16 horas. No primeiro dia do trajeto, se evidencia parte da cultura afro, através de danças, músicas e comidas; em seguida, se é convidado a adentrar em ambiente nordestino e assim apreciar a história da vida de lampião e o ritmo do xaxado. Tudo isto é compartilhado junto à apresentação e exibição de O Rei do Sertão. O segundo dia se inicia mais cedo, às 15 horas, e

nele se conhece a oficina Criando e Recriando, onde se pode produzir arte através de materiais recicláveis. O circuito conclui-se com a apresentação do maracatu Um Boi Muito Louco (IBIDEM).

- Terceira Parte do Roteiro: cultura e tradição

Para execução deste roteiro, o turista precisará de três dias e duas noites de hospedagem, pois se inicia às 16 horas com o espetáculo Muito Brilho e Tambores, em que o turista é mergulhado num momento que cultiva o sentimento musical e a tradição. Em seguida, o visitante é encaminhado para o Espetinho da Ceça; restaurante popular do bairro que confecciona quitutes. No segundo dia, a festa é liberada a partir das 17 horas com os tambores em evidência no Encontro do Maracatu e do Sítio Sagrado. A tradição persiste e a religiosidade ancestral é divulgada ao sair deste ambiente histórico, pois a proposta é cair na folia com a troca de frevo Bailando com as Senhoras e Senhores da Corte. No terceiro dia, as atividades começam mais cedo, às 15 horas, e logo se chega ao espaço das Sete Flechas e de Pura Alegria e Paixão; nele, o turista pode conhecer os adereços e as histórias dessa tribo de Caboclinhos. Mais adiante, o passeio se estabelece na avenida do samba em direção à atividade Alegria do Samba de Raiz; é quando o turista tem acesso a uma parte dos costumes e práticas da maior escola de samba do Recife. O roteiro se despede prestigiando o Cortejo do Boi Malabá (IBIDEM).

- Quarta Parte do Roteiro: BombÁfrica

Para este roteiro existem duas possibilidades de visitas, mas em ambas, o turista precisará ficar hospedado no período de um dia e uma noite. A primeira possibilidade se inicia às 16 horas e o turista tem a oportunidade de conhecer o Bacnaré, ou seja, O Balé de Cultura Negra do Recife. A atividade apresentada intitula-se Tributo à África e nela o visitante se sente envolvido com as vibrações e tradições africanas evidenciadas através da dança e da música. Nesse clima de tradição, se caminha em direção à segunda atividade, Emoções Afro, na qual o viajante é convidado a entrar em contato com os elementos da cultura, podendo dançar e tocar com o grupo. O passeio termina num lugar considerado sagrado para os adeptos das religiões de matrizes africanas da zona norte, isto é, o Sítio de Pai Adão onde se dá o encontro do Maracatu e do Sítio Sagrado (IBIDEM).

A Segunda Possibilidade dentro desse roteiro tem seu início também às 16 horas com a visita ao afoxé Ogbon Obá, liderado pelo pai Everaldo de Xangô. A atividade é intitulada Vivências do Terreiro e reúne várias expressões culturais como: Maracatu, coco, gastronomia,

dentre outras. Entretanto, o clímax desse encontro se dá no momento da degustação da comida de santo preparada pela senhora Carmem Virginia de Xangô. Esse é um momento onde o visitante se envolve na subjetividade da localidade. A visita é concluída com a apresentação do Maracatu Encanto da Alegria que executa a atividade intitulada Muito Brilho e Tambores. O referido maracatu se define como sendo de baque virado<sup>7</sup>. Nessa visita tão envolvente, produtos e elementos que divulgam o candomblé são comercializados (IBIDEM). O produto final desse circuito desaguou na construção do Guia do Polo Cultural da Bomba do Hemetério, produzido em parceria com o Sebrae (WALMART, 2015, p. 37).

Ainda sobre a visibilidade do bairro como pólo turístico, O Jornal do Comércio, publicado em 29/04/2019, traz uma matéria intitulada "Ilha de Deus e Bomba do Hemetério na Rota do Turismo Brasileiro". Nela, salienta-se a parceria realizada entre A Secretaria de Turismo, Esportes e do Lazer do Recife (SETUR) e a Rede Nacional de Turismo Criativo do Brasil (RECRIA) na elaboração de mais uma programação interativa com o local. De acordo com a notícia, o intento dessa programação é "[...] desenvolver o empoderamento e movimentar a economia local das comunidades do Recife" (JC ON LINE, 2019, p. 1).

Nesse aspecto, a outra programação segue o seguinte itinerário: no turno da manhã se visita os atrativos da Ilha de Deus; já no turno da tarde, a partir das 14 horas, passeia-se pela Bomba do Hemetério tendo início a visita pelo Ateliê Arte Plena, que tem como artista responsável o senhor Leopoldo Nóbrega, autor da escultura do Galo da Madrugada no corrente ano. Em seguida dar-se uma passada pelo Sítio de Pai Adão onde o Maracatu Raízes de Pai Adão realiza uma apresentação. O passeio conclui-se na Praça Castro Alves com a apresentação do Boi Malabá. A reportagem encerra sugerindo uma visita ao Espetinho da Ceça, restaurante já mencionamos (JC ON LINE, 2019, p. 1).

Observa-se que as ações iniciadas pelo Programa Bombando Cidadania em 2008 continuam ativas, ao menos em alguns setores, e a Multiculturalidade encontrada e explorada por ele no bairro se tornou o mais importante fator de geração de renda. Dessa forma, segundo dados do IADH:

Esse celeiro cultural - amplo, diverso e original - permite constatar que a Bomba do Hemetério é uma das comunidades que mais representa a multiculturalidade presente na cidade do Recife e no próprio Estado de

---

<sup>7</sup> Existem dois tipos de Maracatu em Pernambuco. O Maracatu de Baque solto e o Maracatu de Baque Virado. O primeiro também é conhecido como Maracatu rural e tem sua história vinculada à saída da população da cidade em direção à zona da mata do estado. O segundo, conhecido como nação, representa a tradição e a religiosidade africana. O Baque teria um sinônimo de ritmo, logo, de acordo com o tipo do Maracatu, a pegada, o baque é diferente. (MARTINS, 2015).

Pernambuco, que goza de uma grande fertilidade artística e possui uma das mais efervescentes cenas culturais do país, abrangendo diversas manifestações da cultura popular que percorrer todas as suas regiões (IADH, 2011, p. 33-34 citado por, PEREIRA, 2015, p. 72)

Portanto, o Programa Bombando Cidadania, durante os 06 anos em que esteve presente na Bomba do Hemetério, articulou a cultura do bairro aos meios diversos para manutenção de uma economia sustentável e minimização de problemas que transitam entre o social e político. Sobre isso, o Instituto Walmart, em 2011 e 2012, encomendou uma pesquisa ao Instituto GPS (Global Portfolio Strategists) com o intento de avaliar o andamento desse programa. Obteve as respostas de pessoas sondadas sem elas saberem que se tratava do programa em questão. Nessa sondagem, a pesquisa revela que "66 % dos moradores da Bomba do Hemetério sentem mudança para melhor na vida do bairro. E 63 % consideram que hoje têm mais orgulho de viver na localidade" (INSTITUTO WALMART, 2015, p. 21).

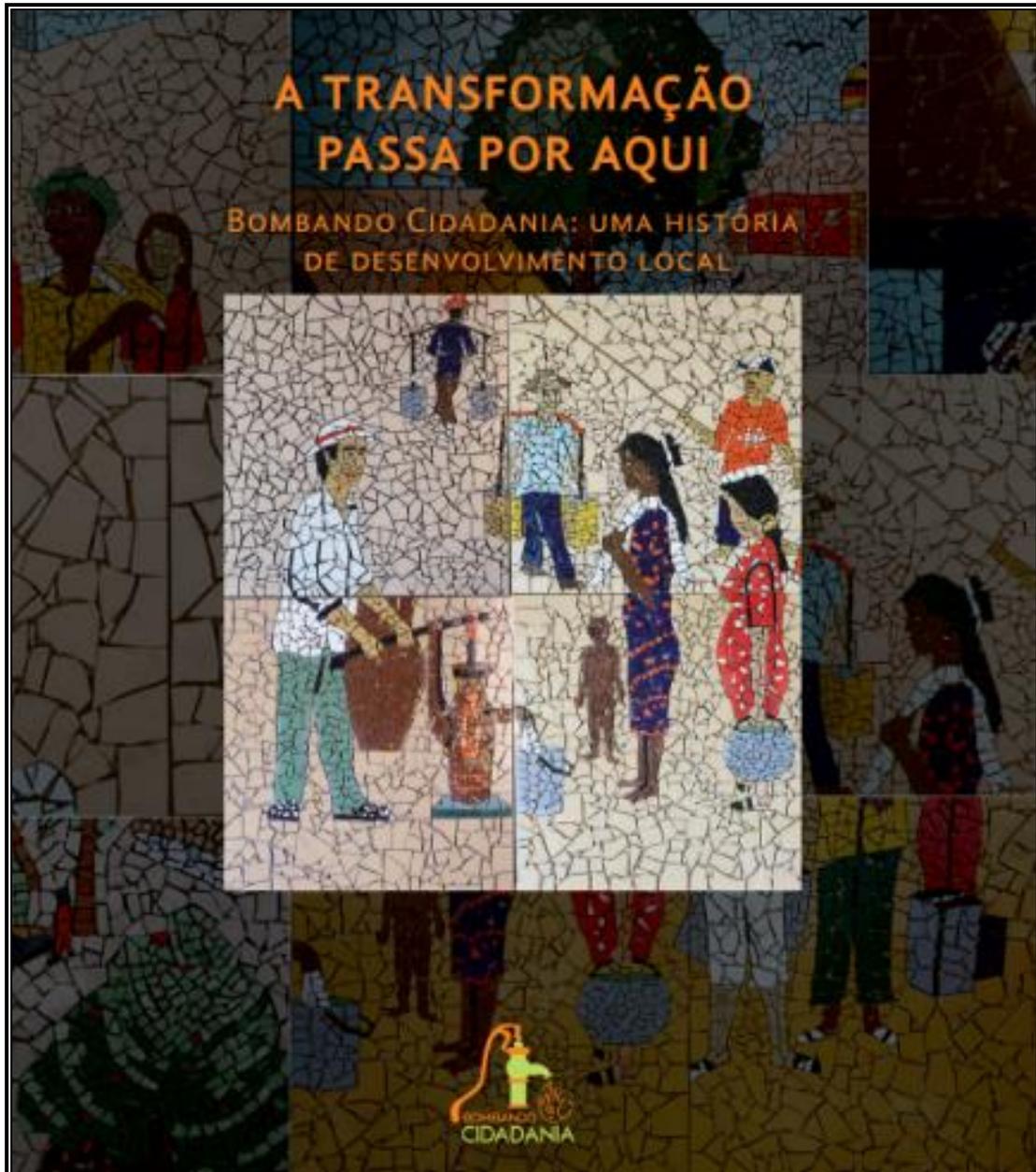
Estima-se que para alcançar tais resultados, o IWM tenha investido no programa, desde o seu início, o equivalente a mais de R\$ 6 milhões e mais R\$ 3,1 milhões através das diversas parcerias que foram realizadas. No geral, o programa abraçou 700 componentes diretos e aproximadamente 3.000 componentes indiretos. Desse empoderamento do bairro, nasceu o livro "A Transformação Passa por Aqui - Bombando Cidadania: uma experiência de desenvolvimento local" (WALMART BRASIL, 2015, p.1).

Na época, o secretário municipal de turismo, Camilo Simões, declarou "[...] o Bombando Cidadania foi uma fonte de inspiração para nós da secretaria, nos despertou o sentimento de que o turismo ia muito além do que fazíamos com propagandas" (IBIDEM, p.1). De fato, tal proposta representou uma novidade turística para Recife e Pernambuco porque descentralizou os visitantes dos locais vendidos na divulgação da região como, por exemplo, o bairro de Boa Viagem e o município de Olinda.

Ainda sobre esse programa, ocorrido em 2015, o diretor do Walmart Brasil, Luiz Herrisson, fez o seguinte comentário "[...] teve um começo, um meio, mas não há mais como ser parado" (IBIDEM). Assim, o sucesso incentivou investidores ao ponto do diretor supracitado concluir sua explanação dizendo que o "[...] desafio atual é levar parte do que foi feito lá para as mais de 500 comunidades que temos presente no Brasil" (IBIDEM).

A experiência julgada como exitosa, proporcionou a edição de um livro, relatando a experiência vivenciada pelo programa na comunidade.

**Figura: 5 - Livro Consequente do Programa Bombando Cidadania**



Fonte: Google.

### 2.3 Os Reisados

Os Reisados são autos populares, ou seja, peças de teatro, aos moldes medievais, compostas por um enredo híbrido sacro-profano e uma linguagem comum aos seus ouvintes, o que lhes caracterizam como espetáculos populares (CASCUDO, 2001). Representam uma herança portuguesa e podem ser encontrados em vários estados brasileiros, com mais expressividade no Nordeste.

A Folia de Reis, como também se conhece esse espetáculo da cultura popular nas regiões Sul e Sudeste do Brasil, é executado pelos brincantes dos reisados, tendo seu fundamento religioso, *a priori*, baseado no catolicismo. A atividade cultural ganha foco no ciclo natalino, mais precisamente, às 00h00min do dia 24 de dezembro e se estende até o dia 06 de Janeiro quando se comemora o dia dos Santos Reis com a queima da lapinha,<sup>8</sup> encerrando, assim, as festividades natalinas (CARNEIRO, 2006). Todo o movimento é produto da expressão religiosa cristã em homenagem ao nascimento do menino Jesus. O embasamento para essa expressão da cultura popular se encaixa no texto bíblico encontrado no evangelho de São Mateus, em seu capítulo dois, quando se narra a peregrinação dos três reis magos do oriente quando buscam conhecer o rei dos Judeus:

Tendo nascido Jesus na cidade de Belém, na Judéia, no tempo do Rei Herodes, alguns magos do Oriente chegaram a Jerusalém e perguntaram: onde está o recém-nascido rei dos judeus? Nós vimos a sua estrela no Oriente e viemos para prestar-lhe homenagens. [...]. Depois que ouviram o Rei, eles partiram. E a estrela, que tinham visto no Oriente, ia diante deles, até que parou no local onde o menino estava. Ao verem de novo a estrela, os magos ficaram radiantes de alegria. Quando entraram na casa, viram Maria com o menino. Ajoelharam-se diante dele, e lhe prestaram homenagem. Depois abriram seus cofres e ofereceram presentes ao menino: ouro, incenso e mirra (BÍBLIA, 2001, p. 949).

Essas personagens descritas no texto bíblico, identificadas como magos do oriente, podem ser mais bem explicadas sob a ideia de sábios, isso porque, no período histórico dos acontecimentos narrados, o conceito real de um "mago" trazia certa complexidade em sua tradução (BARCLAY, 1956). Sabe-se que os Medos, parte integrante do império Persa, possuía uma tribo chamada de "magos" que, em dada ocasião, arquitetou um projeto político de separação e controle frente ao império Persa, entretanto, o plano não se concretizou. Diante de tal frustração, eles migraram dos ideais de controle político para se tornarem, então, uma tribo de sacerdotes. A partir dessa metamorfose "[...] chegaram a ser professores e instrutores de reis persas" (BARCLAY, 1956, p. 29). Isso se deu como resultado de suas variadas habilidades, uma vez que "[...] eram homens versados em filosofia, medicina e ciências

---

<sup>8</sup> Configura-se como uma manifestação cultural cristã, que encerra os festejos natalinos no dia de Reis. De acordo com a tradição, os devotos têm a oportunidade de queimar pequenos papéis onde escreveram petições de bênçãos para o ano que se inicia. Na queima dos papéis a fumaça sobe em direção ao Deus cristão. Em Pernambuco é um evento que acontece em várias cidades. (TRADIÇÃO, 2020, p.1). Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2020/01/ciclo-natalino-e-encerrado-com-queima-da-lapinha-em-cidades-pernambuca.html>. Acesso em: 20 abr. 2020.

naturais" (IBIDEM), além de dominarem tanto o mundo dos encantamentos quanto da interpretação de sonhos, segundo estudos da época.

Repara-se também que nesse momento histórico, a crença na astrologia era bem acentuada e, por assim ser, acreditava-se que se podia conhecer o futuro através da movimentação das estrelas. Portanto, quando havia um nascimento, por exemplo, os atos futuros desse indivíduo já estavam ordenados pela estrela que o acompanhava no momento do seu nascimento (IBIDEM). Nessa perspectiva, Barclay (1956) comenta a respeito de um fato ocorrido entre os anos 5 e 2 a.C, em que a astronomia da época estudava a respeito de uma estrela conhecida como Sírio, cujo nome entre os egípcios se traduzia por Messori, fazendo alusão ao nascimento de um príncipe ou de um rei.

Nesse contexto, observava-se que a aparição da estrela tornava-se, sistematicamente, aparente sempre ao cair das tardes. Entretanto, mesmo não se podendo afirmar qual foi de fato a estrela vista pelos magos, Barclay (1956) faz referência a citações de historiadores romanos que ratificavam a crença, em todo o mediterrâneo, de que era iminente o surgimento de um rei. Quanto a isso, anos depois, Tácito (Histórias, 5:13), citado por Barclay (1956, p. 31), comenta que "Havia a convicção de que nesta época o Oriente cresceria em poder e que governantes de origem judia adquiririam um império universal". Assim, de acordo com este argumento histórico, a visita dos magos ao menino Jesus foi motivada por uma expectativa que movia o mundo de então.

Com relação à narrativa do texto referente à estrela guia não se pode interpretá-la de maneira literal, uma vez que sua escrita é realizada de forma poética e por assim ser, a estrela não guiará os magos em tempo real, mas, tão somente, resplandecia sobre a cidade profética de Belém (BARCLAY, 1956).

Retomando o assunto, magos do oriente, variados contos foram criados em relação a eles e o primeiro está relacionado ao seu quantitativo, pois embora o texto bíblico não assevere o número exato dos magos, por inferência, diante da quantidade de presentes entregues ao menino Jesus subentende-se que foram três os reis comparecidos. Entretanto, na antiguidade oriental afirmava-se terem sido doze o número de magos encontrados na narrativa bíblica (BARCLAY, 1956). O segundo conto sobre os magos diz respeito aos mesmos serem considerados reis, porém o texto não traz essa informação. Já o terceiro conto sobre os magos relaciona-se aos seus nomes, uma vez que passaram a ser identificados como: Melchior, Gaspar e Baltazar.

Ainda sobre a construção de contos produziu-se tanto a descrição das aparências de cada mago, quanto se definiu qual mago trouxe determinado presente. Neste cenário de

suposições, a distribuição das características de cada mago do oriente e o que cada um trouxe como presente foram assim distribuídos: Melchior era um idoso de cabelo na cor cinza e barba longa; seu presente foi o ouro; Gaspar ao contrário do primeiro, era jovem, sem barba e demonstrava um certo comportamento arrogante; seu presente foi o incenso; já Baltazar tinha cor negra e seu presente foi a mirra (IBIDEM).

Na história da teologia cristã, variadas são as interpretações sugeridas para a significação dos presentes dados pelos magos ao menino Jesus. Entretanto, a hipótese mais levantada é de que os supostos presentes recebidos estariam ligados diretamente ao contexto de vida do Jesus Histórico, uma vez que, como já visto, era a estrela quem determinava o destino do ser. Nessa perspectiva Barclay (1956) corrobora dizendo que o ouro, primeiro presente, era exclusivo para reis, e citando Sêneca, escritor romano, comenta que no antigo Império Parta na Pérsia "[...] havia o costume de que ninguém podia aproximar-se da presença do rei sem levar um presente" (IBIDEM, p. 35).

O segundo presente, o incenso, era destinado para sacerdotes, ou seja, indivíduos que faziam mediação entre homens e divindades. E desta feita o incenso estaria vinculado às obrigações religiosas do culto e dos sacrifícios ritualísticos. Já o terceiro presente, a mirra, era um material utilizado para alguém que estava prestes a morrer, isso porque, usava-se para embalsamar mortos (IBIDEM).

Uma vez explicado o suposto sentido dos presentes dos magos do Oriente dados ao menino Jesus, Lourenço (2014) relata que na progressão histórica do cristianismo, o culto aos magos é inserido de maneira paulatina e como forma de identificá-lo, este passa a ser reconhecido como Epifania, cuja ideia evidencia a aparição do Cristo entre os homens. No século IV a festa da Epifania é autenticada como um importante evento para o cristianismo, por comunicar uma mensagem messiânica não exclusivista, ou seja, de que o Cristo não tinha vindo "salvar" apenas o público judeu, mas toda a humanidade. Entretanto, Lourenço (2014) comunica que de acordo com as resoluções do II Concílio do Vaticano, entre os anos de 1962 e 1965, tanto o dia de Santo Reis quanto o dia da Epifania foram retirados do calendário cristão oficial, perdendo-se, desta forma, a ênfase sobre a comemoração.

Por conseguinte, entre os séculos XI e XII da história da igreja, percebe-se uma desvalorização em relação à figura dos magos. Logo, como forma de possibilitar um *upgrade* na imagem distorcida dos personagens viajantes, a igreja os eleva ao *status* de reis, os batiza com nomes e lhes presenteia com bandeiras, como se fazia com os indivíduos mais importantes da época (LOURENÇO, 2014).

Nos contos medievais, de maneira poética, os três reis magos se reencontravam na atual Turquia e, pelo fato de terem sido os primeiros a verem a Cristo, passaram a ser reconhecidos tanto como primeiros cristãos, como também primeiros evangelizadores. Assim, em suas andanças pela Ásia menor, cumpriram sua missão evangelizadora, mas também morreram e foram sepultados.

Seus restos mortais foram enviados, *a priori*, para Constantinopla como relíquias sendo-os, no século VI, transferidos para Milão na Itália. Após seis séculos, Milão foi invadida pelo Imperador Frederico Barba Roxa e desta feita, aproximadamente no ano 1164, as relíquias foram transferidas para a cidade de Colônia na Alemanha sendo-as, conforme Lourenço, (2014, p. 66) "[...] no dia 23 de Julho do mesmo ano, depositadas na antiga catedral, onde estão até hoje em uma rica urna no Altar-Mor".

Todavia, a tradição sobre as figuras dos três reis viajantes se configurou na idade média como um motivacional para as práticas políticas, sociais e religiosas de Portugal na colonização e cristianização dos povos considerados bárbaros. Nessa lógica, as viagens marítimas que descobriam "O outro" eram tidas como "abençoadas" pelos reis evangelizadores. Um exemplo considerável diz respeito à coletânea de sermões Epifânicos pregados pelo padre Antônio Vieira na colônia brasileira como forma de ratificar a hegemonia portuguesa e, ao mesmo tempo, a proteção dos reis magos sobre a empreitada colonizadora (LOURENÇO, 2014).

Por conseguinte, na nova terra encontra-se, historicamente na Folia de Reis, um enredo composto por rezas e cantorias que, embora se direcionem ao menino Deus, este, parece mais um coadjuvante, uma vez que os papéis principais estão sobre as figuras e/ou personagens do reisado.

Andrade (1934), em suas investigações, ressalta que o reisado de fato deriva de reis, contudo, no contexto brasileiro sofre uma modificação pelo fato de em Portugal o termo ser feminino, identificado como Reisada e faz alusão à expressão "rapaziada" que denota indivíduos que gostam de brincar, de se divertir.

O estado de Alagoas é uma referência na prática dos reisados, o que faz Brandão (1961) supor que isso é fruto da cessação das chuvas nesse território nos meses de dezembro e janeiro ou, tão somente, resultado da folga que os trabalhadores têm das usinas de açúcar na região nesse período. Dessa forma, os dois episódios corroboravam na disponibilidade das pessoas realizarem suas brincadeiras no nordeste açucareiro:

[...] ao contrário do que ocorre no sul do país e nos países andinos, foi o Natal e não as festas de Padroeiros que capitalizaram maior número de folguedos e autos populares, justamente autos e folguedos estruturados nas formas portuguesas e peninsulares da Nadales, Reis e Janeiras (BRANDÃO, 1961, p 17).

Assim, duas expressões triviais no cotidiano desses autos eram os janereiros e os reiseiros, isso porque remetiam a grupos pertencentes ao período da Idade Média e a identificações que ampliam o sentido do termo por relatarem a ação de pessoas, solicitando que moradores abram suas portas a fim de ouvirem sobre as notícias do nascimento do rei judeu. Contudo, janereiros, no presente contexto, têm um significado pagão. Isso é dado pelo fato de ser um desdobramento do mês de janeiro, mês do qual se origina no deus Juno da mitologia romana (CARNEIRO, 2006).

Essa entidade cultuada a partir do deus Juno teria o "poder" de abrir e fechar portas, dando início a novos projetos e afastando maus fluídos, possibilitando, assim, um novo começo existencial. Em comemoração a chegada de uma nova realidade, seus adeptos romanos se cumprimentavam mutuamente. Tais ações se perpetuaram e chegaram ao ponto de o dia 1º de Janeiro ser considerado feriado universal para diferentes culturas e religiões, inclusive para o cristianismo que não conseguiu afastar-se dessa tradição.

Esse bando de janereiros, ao chegarem às residências, recebia sustento através de valores e comida. No Brasil, algumas características dessa tendência ainda permanecem, outras foram perdidas ou adaptadas. Entretanto, o que se observa é que o *modus operandi* realizado pelos grupos de reisados no Brasil são uma releitura dos reiseiros portugueses. Nesta perspectiva, Brandão (1961) comenta, de forma mais abrangente, que grupos artísticos que trazem natureza em comum podem ser considerados reisados:

São Reisados, portanto de modo genérico, todos os grupos organizados que, de Natal a Reis, saem de porta em porta, de casa em casa, de lugarejo em lugarejo, a realizar a pedincha de gêneros e alimentos, como se fazia em Portugal, ou mais precisamente, o pedido de dinheiro, de espórtulas, de 'festas', como se diz entre nós, Característico dos Reisados é o pedido de abrição de porta (BRANDÃO, 1961, p. 32).

No que se diz respeito à ordem dos atos na apresentação dos reisados, na conjuntura brasileira, não há unanimidade, haja vista o tamanho do território nacional. Diante desta concepção, Brandão (1961) salienta Reisados numa organização *sensu lato* e Reisados em outra organização *sensu stricto*. De acordo com Carneiro (2006, p. 39) os primeiros "[...] seriam aqueles que fazem antes do início da representação, dança ou cantoria, ou o pedido de

abertura da porta, ou o elogio ao dono da casa, o petítório dos agrados, a ceia, as despedidas", já os segundos "[...] aqueles grupos de cantadores ou tiradores de Reis que isoladamente ou com outros cantos, danças e dramatizações, encenam a farsa ou 'entremeio' do boi". Na estrutura de apresentação do Reisado encontramos os seguintes personagens: Boi, Mateus, Catirina, Galantes, Jaraguá, Mestre, Contra Mestre, Rei, Rainha e Damas que atrelados à dança e à música constituem um admirado espetáculo da cultura popular.

Os instrumentos musicais que acompanham as suas melodias variam de acordo com os estados brasileiros. Todavia, de forma geral, encontramos os seguintes instrumentos harmônicos: violões, cavaquinhos e sanfonas. Como instrumentos percussivos normalmente observam-se: caixa clara, surdo, pandeiro, dentre outros. Evidentemente que alguns instrumentos melódicos podem compor a parte instrumental como, por exemplo, flautas, saxofones, trombones, etc.

Fazendo alusão ao nordeste brasileiro observa-se uma construção militar no estado de Natal no Rio Grande do Norte que foi iniciada em 06 de Janeiro de 1598: o Forte dos Reis Magos. Acredita-se que a construção do Forte tornou-se a inspiração para o nome da cidade. Porém, somente no século XVIII as imagens dos Reis Magos chegam até o local (CARNEIRO, 2006). Nesse culto aos magos, a história da educação brasileira informa-nos que durante o processo de colonização indígena local, por parte dos jesuítas no século XVI, como recurso de aprendizagem, a fim de despertar o interesse do público infantil, se utilizavam de recursos como peças teatrais, música e poesia com o propósito de se obter uma melhor absorção dos conteúdos por parte dos alunos. Nessa busca por cristianização do público, presépios eram construídos com a figura dos magos. (CARNEIRO, 2006).

## **2.4 O Reisado Imperial**

O Reisado Imperial foi fundado em Recife pelo mestre Geraldo Almeida e registrado em 11 de Janeiro de 1951. O mesmo já existia em terras paraibanas na cidade de Serra da Raiz, todavia, por questões financeiras, esse mestre só conseguiu registrá-lo quando chegou ao Recife. Seu Geraldo nasceu em 09 de Setembro de 1924 e sua chegada ao Recife aconteceu devido a um evento tragicômico. Sendo coroinha na paróquia em que congregava, ele surpreendeu o padre numa ação inadequada para o cumprimento de seus votos sacerdotais. O eclesiástico se encontrava num enlaço concupiscente com uma frequentadora do espaço religioso (MESTRE, 2020).

Ao chegar a casa e compartilhar o ocorrido com sua genitora, fora desacreditado, fato que intensificou o seu desejo de sair de casa. Assim, em 1942, saiu de casa em direção ao Recife onde trabalhou na estiva do cais do Porto. Aqui, fora casado com dona Iraci Alves de Almeida, falecida no ano de 2010, e juntos tiveram nove filhos e variados netos e bisnetos (IBIDEM).

Atualmente a Instituição Reisado Imperial é administrada pelo Senhor Sérgio Almeida, filho e herdeiro cultural do mestre Geraldo Almeida. A transmissão da função é resultado da incapacidade do mestre Geraldo Almeida de continuar com a "brincadeira". Isso, devido a sua idade avançada e problemas diversos de saúde, os quais acarretaram em seu falecimento no mês de janeiro do corrente ano.

Durante meados da década de oitenta, O Reisado Imperial, cuja sede localiza-se na Rua Arapixuna, n° 160, na divisa entre os bairros da Bomba do Hemetério e bairro do Alto Santa Terezinha, compartilhou suas dependências a fim de servir como anexo da Escola Municipal Antônio Tibúrcio. Isso, como resultado advindo da ausência de espaços educacionais no bairro. Relatos orais de moradores do bairro registram que, na mesma temporada, o espaço fora utilizado para implantação de uma escola de música na comunidade. Segundo seu filho, Sérgio Almeida, foi justamente nesse período que ele e seus irmãos aprenderam a tocar instrumentos e, assim, comporem parte da orquestra que acompanhava o reisado em suas andanças.

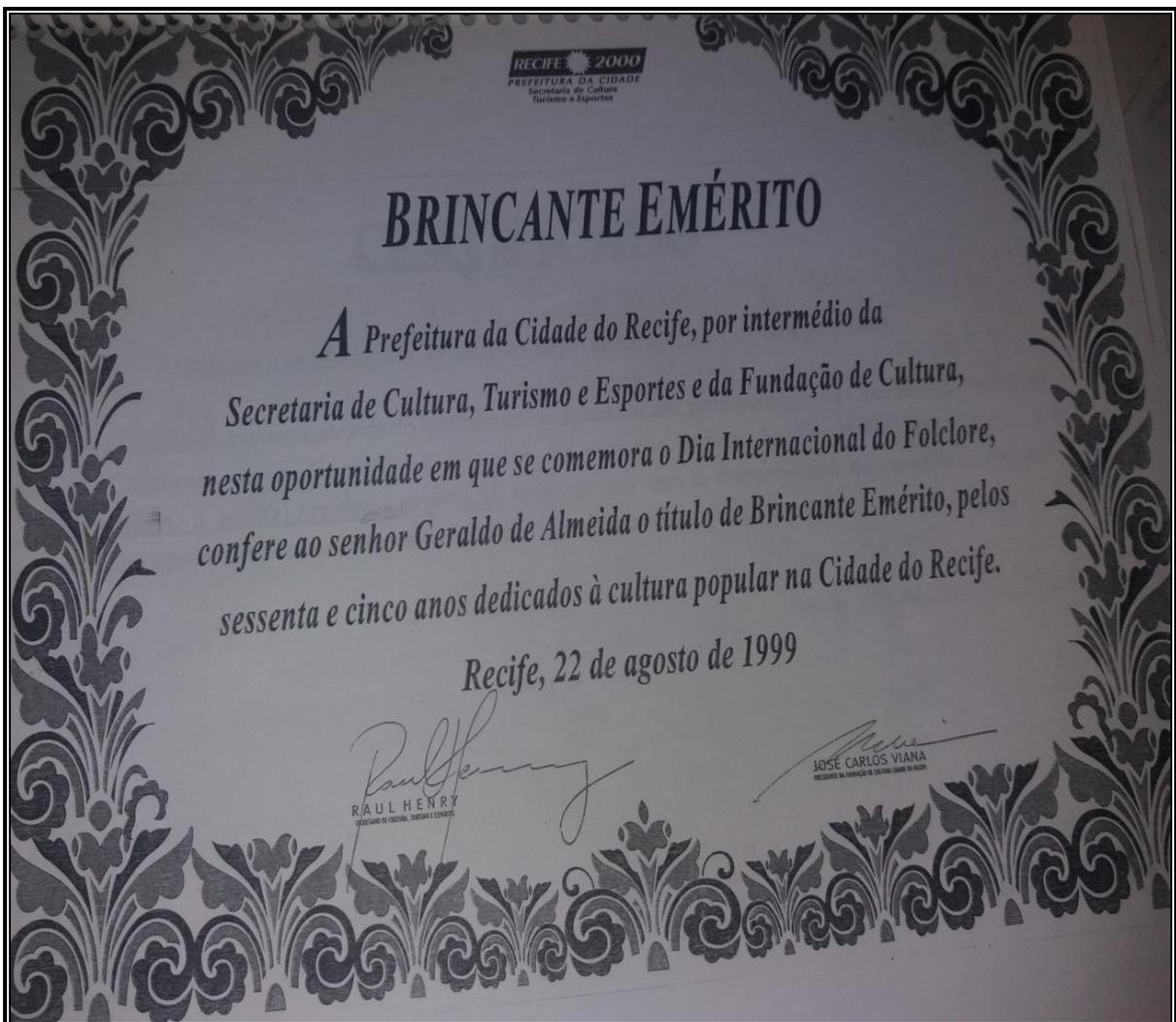
De acordo com relatos orais do mestre atual, a antropóloga Katarina Real, em suas peregrinações pelo nordeste brasileiro entre os anos de 1961 a 1965 na realização de pesquisas referentes a culturas populares predominantes no território, teve contato com a exposição do reisado e ficou entusiasmada com os seus aspectos constitutivos divididos entre músicas, danças e figurinos. Como resultado dessa energização, aconselhou o mestre Geraldo a não limitar-se apenas a ocasião natalina, pois, sendo tão bonito, poderia também apresentar-se no período carnavalesco, pois o número de pessoas nas ruas, nessa época, é exorbitante. Sendo assim, o Reisado Imperial transformou-se no Clube Carnavalesco Misto Reisado Imperial, abordando agora as seguintes manifestações populares: "[...] pastoril, coco de roda, ciranda, fandango e reisado folclórico" (WALMART, 2015, p. 71).

Esse trânsito do Reisado Imperial, que historicamente realiza uma "brincadeira" de origem cristã, a partir do momento que passa a mostrar-se no carnaval, uma comemoração vista como pagã, hibridiza-se ao profano e a elementos das religiões afro-brasileiras, ganhando características peculiares em relação à origem portuguesa e aos outros estados nordestinos. Porém, numa determinada interpretação de grupos cristãos mais conservadores, o

carnaval é considerado a festa da carne, entretanto o que mais se observa nesse instante é o híbrido cultural religioso que aceita o fato de uma instituição circular por diferentes perspectivas comemorativas. Voltaremos a essa discussão do hibridismo nesse reisado mais adiante, no capítulo da análise dos dados.

Assim, nestes 69 anos de existência oficial, o Reisado Imperial coleciona aproximadamente 300 troféus. Dentre estas conquistas, as que mais se destacam são: o Título Brincante Hemetério da cidade do Recife, recebido em 1999 pelo mestre Geraldo.

**Figura: 6 - Brincante**



**Fonte:** Arquivo pessoal do Reisado Imperial. **Organização:** O Autor, 2020.

Uma placa de bronze recebida em 2010 reconhecendo-o tanto como o carnavalesco mais antigo em atividade quanto pelo seu empenho, junto à cultura pernambucana, ambos os prêmios recebidos pela Prefeitura da Cidade do Recife.

**Figura: 7** - Carnavalesco mais antigo em atividade



**Fonte:** Arquivo pessoal do Reizado Imperial. **Organização:** O Autor, 2020.

Dentre tanto reconhecimento oriundo da prática cultural, o mestre Geraldo discursa que tudo o que ele possui de bens é resultado do reisado; "tá vendo essa sede e a casa (um simples 1º andar), tudo consegui com o reisado, com meus trabalhos, ele me trouxe tudo, além de uma casa no interior, que ainda não fui, prefiro aqui mesmo" (DAVID; DIEGO, 2009, p.1).

Em 18 de Dezembro de 2014, o *Diário de Pernambuco* produziu um vídeo apresentando a história do Reizado Imperial que tem a duração de dois minutos e dez segundos; nele, os personagens, as roupas coloridas, as músicas e os integrantes são apresentados. Evidentemente que uma reportagem como essa tem sua relevância pelo fato do Reizado Imperial ser o único grupo em funcionamento na região metropolitana do Recife. Isso também o fez, durante algumas gestões políticas de valorização cultural, ser favorecido em suas apresentações. Segundo o mestre Geraldo, isso ocorreu especificamente nas administrações, tanto municipal quanto governamental, do político Miguel Arraes de Alencar (IBIDEM).

Mas hoje, a queixa de que isso não ocorre mais é feita pelo atual responsável do reisado, que lamenta a falta de apoio dos órgãos públicos ao tipo de produto cultural oferecido. Essa queixa ganha visibilidade se levarmos em conta que numa busca na hemeroteca digital, num marco temporal de 1960 a 1984, considerando apenas o jornal *Diário*

de Pernambuco, encontramos 95 aparições do Reisado Imperial em suas atividades corriqueiras: Natal e Carnaval. A partir do início da década de 90, no entanto, as aparições começam a minorar consideravelmente.

Retomando o assunto referente às conquistas do mestre Geraldo e, conseqüentemente, do Reisado Imperial há uma declaração da Fundação Joaquim Nabuco que reconhece a relevância do trabalho educativo realizado pelo Reisado por meio de suas apresentações culturais em ambientes escolares, tanto públicos quanto privados.

**Figura: 8 - Fundação Joaquim Nabuco**

**FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO**  
MUSEU DO HOMEM DO NORDESTE

**DECLARAÇÃO**

O Museu do Homem do Nordeste da Fundação Joaquim Nabuco reconhece a importância dos mais de 50 anos de trabalho do **Mestre Geraldo de Almeida** em prol da cultura da popular.

O Mestre trouxe importantes contribuições à valorização e preservação da cultura, participando das atividades desenvolvidas pelo Museu do Homem do Nordeste da Fundação Joaquim Nabuco, com apresentações do Reisado Imperial, especialmente para o público infante-juvenil, oriundo das escolas públicas e privadas.

O mestre contribuiu, dessa forma, para efetivar o trabalho educativo-cultural do Museu, que tem como referencial o **patrimônio cultural** na perspectiva de uma educação transformadora, despertando a compreensão da diversidade sócio-cultural, a valorização patrimonial e os princípios da cidadania.

Dessa forma, acreditamos que o Mestre Geraldo de Almeida tem muito a contribuir nas atividades previstas no Programa Registro do Patrimônio Vivo, sendo ele próprio um patrimônio da cultura popular do estado de Pernambuco.

Atenciosamente,

*[Assinatura]*  
**Vânia Brayner**  
Coordenadora-Geral do Museu do Homem do Nordeste

RECEBIDO - RPV  
DATA 01/07/2005  
Ass. *[Assinatura]*

Av. 17 de Agosto, 2187 - Casa Forte - CEP 52061-540 - Recife - PE  
Fone: (81) 3441.5500 - Fax: (81) 3441.5600 - CNPJ 09.773.169/0001-59  
http://www.fundaj.gov.br - E-mail: fjn@fundaj.gov.br

**Fonte:** Arquivo pessoal do Reisado Imperial. **Organização:** O Autor, 2020.

De acordo com as características encontradas nas apresentações do Reisado Imperial, é possível notar que se diferenciam dos conceitos levantados por Brandão (1961) no que se refere ao reisado como organização *sensu stricto* ou organização *sensu lato*. Isso porque se repara na apresentação do Reisado Imperial uma certa parceria entre os dois modelos organizacionais. Tal afirmação pode ser naturalmente observada na listagem das músicas gravadas pelo Reisado Imperial em 2006 em parceria com a Funcultura Pernambuco e a Secretaria de Educação e Cultura do Governo do estado.

**Figura: 9** - CD do Reisado



**Fonte:** Arquivo pessoal do Reisado Imperial. **Organização:** O Autor, 2020.

Nesse compacto disco, a ordem das músicas comunica o roteiro da apresentação que inicia com uma chamada intitulada de Loa, ou seja, uma recitação de poesia ligada ao contexto religioso do reisado. Em seguida, encontra-se a abertura da porta, que se estende até a canção de noite Linda que sugere, assim, a categoria (*Sensu lato*). Na sequência encontra-se o caminho para o entremeio do boi, que faz alusão à categoria (*Sensu Stricto*). Chegando ao final do espetáculo há a despedida que retorna, assim, à categoria (*Sensu lato*), ou seja, o que se observa é um *mix* entre os dois modelos organizacionais.

**Figura: 10** - Lista de Músicas



**Fonte:** Arquivo pessoal do Reisado Imperial. **Organização:** O Autor, 2020.

### 3 FUNDAMENTOS E PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Quando se planeja a realização de uma pesquisa um dos pontos de extrema importância refere-se aos aspectos teóricos e metodológicos utilizados para se chegar aos resultados; isso porque o trajeto deve ser guiado por determinados aportes. Assim, partindo deste princípio, discutiremos neste capítulo os conceitos de educação formal e não formal como também trabalharemos com as definições de cultura e de multiculturalismo. Mais adiante será feita uma breve exposição acerca da história oral na perspectiva de uma técnica de entrevista que ajuda no trato com a memória e, por fim, será abordado, como instrumento de exame das fontes e interpretação do *Corpus*, a Análise de Discurso como perspectiva metodológica.

#### 3.1 Educação Formal e Educação não Formal

Conceituar o termo educação formal talvez possa ser realizado por inferência, pois é só nos lembrar dos ambientes educacionais que estivemos sujeitos durante todo ou quase todo o nosso processo formativo. Neste aspecto, Gohn a define num primeiro momento "[...] como aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados" (2010, p. 15-16). Já a reflexão referente a um modelo educacional que ultrapasse as paredes institucionais consideradas formais não foi produto de discussões apenas realizadas na segunda metade do século XX, pelo contrário, essa temática, que às vezes é vista como polêmica pelos educadores representantes de uma abordagem pedagógica mais tradicional no que se diz respeito a metodologias, conteúdos e ambientes, já estava em cena desde o século XVIII.

O barão Charles de Montesquieu é considerado o representante das inquietações sobre modos de educar que se difere do que se conhecia até então. Sendo assim, em suas análises, Trilla dividiu a chamada educação que recebemos em três categorias: a educação que recebemos dos pais, a educação que recebemos dos mestres e a educação que recebemos do mundo (TRILLA; GHANEM, 2008).

O autor se utiliza das classificações utilizadas por Montesquieu e acrescenta um quarto modo de pensar em educação. Esta definição se baseia em uma perspectiva educacional que segundo ele "[...] não provém de família, não consiste na influência, tão difusa quanto poderosa, que se dá no relacionamento direto do indivíduo com o 'mundo', nem é aquela que se recebe no sistema escolar propriamente dito" (TRILLA; GHANEM, 2008, p. 16). Este

conceito, segundo o autor, é uma das bases estruturantes para o modelo de educação chamado não formal.

Gohn (2010, p. 16) apresenta a educação não formal como "[...] aquela que se aprende no 'mundo da vida', via processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas, contudo estes processos de aprendizagem não são considerados instintivos, pois suas propostas são pensadas de maneiras intencionais". É uma perspectiva educacional onde as experiências são compartilhadas principalmente em ambientes de atuações coletivas. É pensar em educação fora dos muros previamente estabelecidos, uma vez que, do contrário, corre-se o risco de se cair em um "educentrismo", isto é, uma visão limitada de se tratar as questões da educação como se produzidas exclusivamente na dimensão escolar (KUHLMANN; LEONARDI, 2017, p. 207).

Contribuindo sobre a temática, Brandão (2007) comenta que a educação não pode ser engessada, pois não existe uma forma ou um modelo único para se educar. O autor é incisivo ao afirmar que "A escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante" (BRANDÃO, 2007, p. 9). A educação é livre e comum a todos, ela surge da família em direção à comunidade, sem turmas de estudantes, material didático ou professores peritos em determinados conteúdos. Somente com o passar do tempo é que surgem as escolas, as salas, os professores e os métodos (IBIDEM, 2007).

Mas, como mencionamos anteriormente, a expressão educação não formal só vem a ganhar espaço a partir dos anos 60 ou 70 do século XX e o discurso pedagógico sobre a temática surge em um contexto de diferentes demandas e variedades de mercado quando respostas pedagógicas não estabelecidas, *a priori*, precisavam ser dadas. Trilla e Ghanem (2008, p. 19-20) contextualizam o momento histórico mostrando algumas das preocupações emergentes:

1 O crescente aumento da demanda de educação em face da incorporação de setores sociais tradicionalmente excluídos dos sistemas educacionais convencionais (adultos, idosos, mulheres, minorias étnicas etc).  
 2 Transformações no mundo do trabalho que obrigam a operacionalizar novas formas de capacitação profissional (reciclagem e formação continuada, recolocação profissional etc.)  
 3 Desenvolvimento de novas tecnologias, que permitem conceber processos de formação e aprendizagem à margem dos sistemas presenciais da escolaridade convencional.

Gohn (2010) concorda com Trilla e Ghanem fazendo referência ao fato de estarmos vivendo num mundo globalizado, ou seja, em contextos que promovem o desenvolvimento das sociedades acarretando em:

Inúmeras mudanças de valores e práticas sociais [...] as novas tecnologias mudaram a cena da vida cotidiana dos indivíduos no plano doméstico e fora dele, com os celulares, internet e outras formas de comunicação (GOHN, 2010, p. 34).

São variados os campos de ação que possibilitam as atividades não formais. Dentre tantos, podemos fazer referência à formação do indivíduo no que se diz respeito tanto ao trabalho quanto à cultura. Trilla e Ghanem (2008) fazem uma crítica ao fato de instituições de cunho formal apresentarem deficiências no aspecto de formação profissional para o mercado de trabalho. Nesse processo, encontramos atividades que tradicionalmente não são oferecidas por ambientes educativos formais, a saber: "Formação ocupacional, formação na empresa, programas de formação para reciclagem profissional, escolas oficinas, formação para o primeiro emprego, etc." (TRILLA; GHANEM, 2008, p. 43). Logo, a educação não formal corrobora de maneira direta no processo formador de indivíduos à medida que seus pressupostos conceituais são praticados. Quanto ao aspecto cultural, observa-se uma pedagogia voltada para o lazer e para a animação cultural que contempla faixas etárias que incluem crianças até idosos. Assim, observam-se as várias nuances a serem efetuadas com um modelo educacional não convencional.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)<sup>9</sup>, referente a 1996, legitimou as ações educativas realizadas em espaços não formais quando expõe que:

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. § 1º Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias. § 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

Partindo das definições supracitadas faz-se pertinente diferenciar os processos educacionais tanto em um contexto formal quanto em um contexto não formal. Para tal, nos utilizamos de quatro perguntas básicas fundamentadas nos escritos de Gohn (2010): 1) Quem é o educador? Assim, diferentemente da educação formal onde o professor é o principal personagem no processo educativo, na educação não formal a figura que aparece é a do

---

<sup>9</sup>Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm). Acesso em: 1 de maio 2020.

educador social, todavia, "é o 'outro', aquele com quem interagimos ou nos integramos" (GOHN, 2010, p. 17) que é a figura principal ; 2) Onde se educa? Na educação formal a escola é o principal ambiente até porque é regulamentado por lei, contudo na educação não formal esse processo ocorre de maneira diferenciada, pois:

Os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais (a questão da intencionalidade é um elemento importante de diferenciação) (GOHN, 2010, p. 17).

3) Como se educa? Na educação formal os espaços educativos são compostos tanto por regulamentos quanto por moldes de conduta antecipadamente padronizados. Os educadores e seus aportes metodológicos seguem uma determinada linha de trabalho, tudo bem organizado, a fim de não correr o risco de descarrilar, entretanto na educação não formal o processo educativo se dá:

[...] em ambientes e situações interativas construídas coletivamente, segundo diretrizes de dados grupos, usualmente a participação dos indivíduos é optativa, mas ela também poderá ocorrer por forças de certas circunstâncias da vivência histórica de cada um, em seu processo de experiência e socialização, pertencimentos adquiridos pelo ato da escolha em dados processos ou ações coletivas (GOHN, 2010, p. 18).

4) Quais são as intenções da educação formal e da educação não formal? A educação formal, em um de seus fins, enfatiza a absorção de conteúdos organizados de forma sistêmica, ratificados por leis que os regem, direcionando os processos políticos pedagógicos do país. O estudante deve ser estimulado a ampliar suas capacidades e aptidões a fim de se tornar um cidadão operacional, produtivo e criativo. Já na educação não formal, um de seus fins é "[...] abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais" (GOHN, 2010, p. 19).

O processo educacional é evidenciado de forma contínua, isso é, através de ações evolutivas que se iniciam no despertar, constroem-se e desembocam-se na reflexão. Esta reflexão resulta em uma consciência política que contribui para a prática da justiça social e, conseqüentemente, para a atuação de indivíduos que através de sua leitura de mundo contextualizada possam exercer sua cidadania.

Parece até que todo este discurso sistêmico da autora é produzido a fim de minimizar a importância da educação formal em relação à educação não formal, mas não é isso, pois cada

uma tem seu campo de atuação, todavia seus alcances precisam ser demarcados, pois a educação não formal não pode ser interpretada como uma maneira de complementação das lacunas da educação formal. Sobre isso, Gohn (2010) traz referências históricas que mostram os equívocos a respeito do que veio a ser considerada educação não formal; uma vez que os embasamentos utilizados são considerados antagônicos aos conceitos fundantes dessa modalidade educacional. Logo, a educação não formal já foi interpretada como Educação alternativa, Educação de Jovens e Adultos (EJA) , Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária, Educação Sociocomunitária, Educação Permanente e Educação Integral. Desse modo, considerando todos esses modelos citados como modalidades de educação não formal , sugere que ela seja entendida como um processo:

[...] sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade. Ela designa um conjunto de práticas socioculturais de aprendizagem e produção de saberes que envolve organizações/instituições, atividades, meios e formas variadas, assim como uma multiplicidade de programas e projetos sociais (GONH, 2010, p. 33).

Observa-se que a interpretação da autora a respeito da educação não formal reflete sobre uma modalidade de educação que possibilita várias nuances no ato de cultivar diversificados saberes. Contudo, por mais que se referencie, por exemplo, a educação não formal como uma maneira de indivíduos serem inseridos no mercado de trabalho através do desenvolvimento de suas potencialidades, postura ética e respeito mútuo, o que parece ser um destaque para a autora nessa modalidade educacional é, na verdade, a construção do senso crítico. O ensino que conduz os indivíduos a se organizarem de forma comunitária em busca de direitos da "[...] aprendizagem pela cultura, de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura de mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor" (GOHN, 2010, p. 35-36); são estes os elementos que contribuem para uma formação cidadã.

Isto nos lembra de Freire (2007) com suas elucubrações a respeito da construção do senso crítico, a propagação de uma educação isenta de neutralidade que "sonha" de maneira utópica com a possibilidade de mudar o "mundo" a partir de uma prática educativa reflexiva e não apenas produto de treinamento ou condicionamento.

Logo, a educação não formal pode ser considerada um modelo educacional que visa à formação dos indivíduos de maneira holística. Porém, reitera-se, isso não quer dizer que venha substituir o espaço do ensino formal escolar. Assim, a proposta que se pretende com

este texto, em concordância com os escritos de Gohn (2010), é de um possível diálogo onde as duas modalidades educacionais (formal e não formal) possam interagir no que têm de melhor a oferecer.

Sobre isso, a partir da referida autora, podemos destacar que vários são os espaços onde a educação não formal pode ocorrer como: "organizações não governamentais, movimentos sociais, projetos sociais, associações, instituições, museus, parques, dentre outros". Tais espaços se propõem, como formadores da sociedade, o estímulo à participação no que se diz respeito a "cobrar" do estado o que é de sua responsabilidade propiciando, assim, educação de qualidade e cidadania para todos (GOHN, 2010).

Nessa discussão sobre a educação não formal, o Reisado Imperial, pertencente à localidade da Bomba do Hemetério, traz a simbologia dos saberes da cultura popular situando-se no espaço educativo não formal, posto que apresentou, em suas atividades, o exercício "das artes" sendo observadas tanto na prática e no ensino da música quanto nos cursos de corte e costura e artesanato oferecidos à comunidade.

Com relação às aulas de música, por exemplo, aconteciam na escola de música intitulada "Império do Frevo" sempre no espaço do reisado. Essa iniciativa é vista como a primeira organização escolar musical do bairro acarretando, assim, na construção da Orquestra Imperial; grupo este que passou a acompanhar as apresentações realizadas pelo reisado no período carnavalesco e, desta feita, possibilitou o exercício da profissão de músico para os seus participantes.

Por conseguinte, as aulas de corte e costura eram realizadas e/ou praticadas através da construção das próprias roupas dos personagens do reisado. Desta maneira, permitia aos alunos a utilização da prática dos conceitos aprendidos relacionando-os com seus contextos diversos e, assim, utilizarem como produção de renda. Já a prática do artesanato se dava tanto na construção dos chapéus, em suas representações de igrejas, quanto na aplicação de adereços e fantasias. Entretanto, o público para esta primeira prática era bem seletivo pelo fato de ser considerado um trabalho que requer uma atenção e concentração diferenciadas. (MESTRE, 2020).

Como se observa, a educação não formal, ofertada pelo Reisado Imperial no marco temporal proposto, passa pelo viés do exercício da prática sociocultural em que a instrução se dá pelo estímulo cultural e, portanto, promotora da propagação de saberes. (GOHN, 2010). Como resultado, não podemos negligenciar o aspecto da formação profissional para o mercado de trabalho, pois mesmo que as lideranças institucionais não observem isso em seus

serviços, a definição prática de Educação não formal, intrinsecamente, comunica esta intencionalidade.

### **3.2 Cultura e o Conceito de Híbrido**

O debate sobre cultura desde sempre tem procurado a compreensão e o esclarecimento das origens dos diversos comportamentos observáveis em diferentes etnias. Desta maneira, distintas concepções foram desenvolvidas na história, a fim de equacionar este problema. Uma tese bem contundente relacionava os comportamentos sociais aos seus aspectos geográficos e biológicos, contudo, com o passar do tempo, esta concepção parece superada pelo fato dos antropólogos entenderem que a genética, por si só, não pode ser um agente influente nas diferenças culturais como também os contextos físicos não são tão determinantes na circulação dos gêneros (LARAIA, 2001).

Então, qual seria a suposta resposta para explicar as origens das diferentes formações sociais? De acordo com recentes estudos antropológicos, a análise dos contextos históricos das sociedades aparece como uma possível alternativa de explicação, pois é através da verificação histórica que podemos descobrir a origem de traços culturais interpretando a maneira pela qual eles tomam lugar num dado conjunto sociocultural (LARAIA, 2001).

Considerando o ser humano em sua transformação, no contraste entre cultura e natureza orgânica, podemos afirmar que se constituiu como o animal mais complexo em relação aos seus concorrentes naturais mesmo sendo menos dotado de tamanho e agilidade física. Isto ocorreu porque as ações humanas não são somente moldadas, como já ditas, pela herança genética, mas, sobretudo, por nossa capacidade de adicionar novas cognições e desenvolver habilidades como, por exemplo, o uso da linguagem que possibilita a comunicação cultural. Assim, essas habilidades e competências possibilitaram a suplantação do humano sobre o orgânico. Logo, através desta inclinação, acrescentamos conhecimentos a nossa história, posto que:

[...] o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam (LARAIA, 2001, p. 45).

Mas qual seria, então, a definição para cultura; esta dinâmica capaz e responsável pela socialização humana? Observa-se que uma única manifestação elucidativa que explique o real significado da palavra cultura ainda não é consensual nem entre antropólogos nem no meio

acadêmico pelo fato de possibilitar certo reducionismo. Nesta Perspectiva, Laraia (2001, p. 63) comenta que de fato "[...] uma compreensão exata do conceito de cultura significa a compreensão da própria natureza humana; tema perene da incansável reflexão humana", entretanto, como maneira de diminuir tensões, uma espécie de guia tradicional para se compreender culturas parte da premissa de que:

Culturas são sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos bio-lógicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante (LARAIA, 2001, p. 59).

Porém, a partir do olhar de Hall (2003) há uma necessidade urgente de despreendimento do debate sobre cultura atrelado a uma escola positivista. Neste raciocínio, o mais adequado para ele é focar no núcleo dos estudos culturais, pois estes "[...] abarcam discursos múltiplos, bem como numerosas histórias distintas. Compreendem um conjunto de formações, com as suas diferentes conjunturas e momentos do passado" (HALL, 2003, p. 200). Neste aspecto, esse conjunto de estudos também é constituído por uma metodologia que engloba estudos não só referentes à cultura, mas também à "[...] ideologia, linguagem e ao simbólico" (IBIDEM, p. 203).

Para o desenvolvimento teórico dos estudos culturais, diferentes correntes puderam trazer contribuições como os exemplos do estruturalismo, da semiótica e do pós-estruturalismo. Através destas parcerias se descobriu os valores da linguagem e da metáfora linguística para se estudar sobre cultura. É a utilização do texto e da textualidade como uma fonte que pode trazer sentido, *a priori* ou *a posteriori*, ou tão somente mascarar o significado; é a valorização da textualidade e o reconhecimento tanto do poder presente na cultura quanto do simbólico que culmina na identidade. Portanto, observa-se naturalmente uma valorização dos estudos linguísticos (IBIDEM, 2011).

Todavia, para pensar sobre cultura utilizando-se de metáforas e textualidade, a teoria dos estudos culturais passou por algumas modificações uma vez que:

[...] a metáfora do discursivo, da textualidade, representa um adiamento necessário, um deslocamento, que acredito estar sempre implícito no conceito da cultura. Se vocês pesquisam sobre a cultura, ou se tentaram fazer pesquisas sobre outras áreas verdadeiramente importantes e, não obstante, se encontraram reconduzidos a cultura, se acontecer que a cultura lhes arrebathe a alma, têm que reconhecer que irão sempre trabalhar numa área de deslocamento. Há sempre algo descentrado no meio cultural [the medium of

culture], na linguagem, na textualidade, na significação; há algo que constantemente escape e foge à tentativa de ligação direta e imediata com outras estruturas. E ainda, simultaneamente, a sombra, a estampa, o vestígio daquelas outras formações, da intertextualidade dos textos em suas posições institucionais, dos textos como fontes de poder [...] nenhuma destas questões poderia jamais ser apagada dos estudos culturais (IBIDEM, p. 211-212).

Corroborando com Stuart Hall, a concepção de Nestor Garcia Canclini (2008), pesquisador de linha pós-colonial<sup>10</sup>, ressalta que assuntos referentes às identidades, às diferenças, ao multiculturalismo e à cultura devem ser analisados por um viés mais amplo, principalmente quando se diz respeito aos agentes constituidores da América Latina em seus aspectos socioculturais. Como forma de discutir esses assuntos, o autor se utiliza de um termo da biologia o - *híbrido* - mesmo este termo não sendo unanimidade entre seus pares para explicar determinados assuntos referentes à sua disciplina de origem, o autor aproveita a expressão a fim de refinar a construção de seus argumentos em relação a questões variadas da modernidade no que se diz respeito à religiosidade, mestiçagem, campo das artes, cotidiano e desenvolvimento tecnológico. Assim, na introdução de seu livro "Culturas Híbridas", na edição de 2001, o autor explica o motivo de utilizar um termo tão contraditório:

A esta altura, há que dizer que o conceito de hibridação é útil em algumas pesquisas para abranger conjuntamente contatos interculturais que costumam receber nomes diferentes: as fusões raciais ou étnicas denominadas *mestiçagem*, o *sincretismo* de crenças e também outras misturas modernas entre o artesanal e o industrial, o culto e o popular, o escrito e o visual nas mensagens midiáticas (p. 27).

Parte do que foi citado possui sua cadeira cativa nas referências antropológicas e nas discussões ético-históricas, mas outro ponto de inquietação levantado pelo autor na introdução à edição de 2001 é a respeito de como discutir outros tipos de cultura "[...] como designar as fusões entre culturas de bairro e midiáticas, entre estilos de consumo de gerações diferentes, entre músicas locais e transnacionais, que ocorrem nas fronteiras e nas grandes cidades" (p. 29). Observa-se que, para ele, a noção de hibridismo cultural se apresenta como o conceito mais adequado para a discussão destes processos de interculturalidade. O autor expõe ao mesmo tempo em que critica pressupostos distorcidos a respeito do que vem a ser cultura

---

<sup>10</sup>Um conjunto de correntes teóricas e analíticas, com forte implantação nos estudos culturais, mas hoje presentes em todas as ciências sociais, que tem em comum darem primazia teórica e política às relações desiguais entre o Norte e o Sul na explicação ou na compreensão do mundo contemporâneo. Tais relações foram constituídas historicamente pelo colonialismo e o fim do colonialismo enquanto relação política, não acarretou o seu fim enquanto relação social, enquanto mentalidade e forma de sociabilidade autoritária e discriminatória (SANTOS, 2004, p. 08).

popular: "O popular costuma ser associado ao pré-moderno e ao subsidiário" (CANCLINI, 2008 p. 205).

Isto quer dizer que as produções realizadas pelo dito popular como Músicas regionais, entretenimentos suburbanos e oficinas artesanais estariam sempre no final do consumo cultural sendo fadados a "[...] espectadores obrigados a reproduzir o ciclo do capital e a ideologia dos dominadores" (IBIDEM). Como forma de se contrapor ao que foi dito anteriormente, em relação ao entendimento sobre cultura popular, o autor denuncia três correntes que considera responsáveis por esta "[...] teatralização: o folclore, as indústrias culturais e o populismo político" (IBIDEM, p. 206). De maneira estruturada, o autor admoesta pensadores folcloristas mostrando-os o valor da cultura popular. Sintetizando seus argumentos, temos os seguintes enunciados:

- a) O desenvolvimento moderno não suprime as culturas populares tradicionais; b) As culturas camponesas e tradicionais já não representam a parte majoritária da cultura popular. c) O popular não se concentra nos objetos; d) O popular não é monopólio dos setores populares; e) O popular não é vivido pelos sujeitos populares como complacência melancólica para com as tradições; f) A preservação pura das tradições não é sempre o melhor recurso popular para se reproduzir e reelaborar uma situação (IBIDEM, p. 215 – 221).

A inquietação do autor se dá através da defesa da cultura popular, a qual diante dos variados processos de globalização tem que se adequar às necessidades de mercado. É a luta por uma cultura que não se dobre às indústrias culturais, assim como aos tipos de arrolamentos econômicos e políticos. Durante algum tempo presumiu-se que o grande vilão, intimidador das tradições populares, eram os meios de comunicação de massa, entretanto Canclini (2008, p. 255) salienta que "[...] os processos de homogeneização das culturas autóctones da América começou muito antes do rádio e da televisão", pois vieram a se constituir durante o período de colonização.

Desta forma, trouxe consigo as barbáries "civilizatórias" as quais se ratificaram através do genocídio étnico, do desrespeito às crenças religiosas nativas em substituição por um cristianismo violento e homicida, numa educação voltada para um idioma próprio e na suposta composição e/ou estruturação dos ambientes coloniais.

Por conseguinte, os meios eletrônicos também não podem ser vistos como uma espécie de berço para a massificação das culturas populares. Logo, observa-se um determinado tipo de receio a respeito do que vem a ser o massivo. Será este altamente

destrutivo para as tradições populares? O referido autor destaca que o massivo era interpretado:

[...] como um campo recortável dentro da estrutura social, com uma lógica intrínseca, como a que tiveram a literatura e a arte até meados do século XX: uma subcultura determinada pela posição de seus agentes e pela extensão de seus públicos (CANCLINI, 2008, p. 255).

Encontramos no pressuposto acima uma análise não verossímil quanto aos meios eletrônicos que voltados para a comunicação são produtos de uma sociedade que avançou no tempo; uma sociedade organizada através das indústrias, do urbanismo, da educação, dos sindicatos e da política que é resultado das “leis massivas” que trouxeram reformas à “[...] vida social desde o século XIX, antes que aparecessem a imprensa, o rádio e a televisão” (CANCLINI, 2008, p. 256).

Com o avanço dos variados meios de produção que possibilitou a compra e venda de produtos diversos, a televisão se transformou no principal meio de divulgação midiático. Logo, a arte popular, que havia conquistado seu espaço social para a propagação de suas expressões através do rádio e do cinema, vê nos programas televisivos a potencialidade para uma maior divulgação folclórica. Mas até que ponto a mídia é um fator agregador ou segregador para exposição das práticas folclóricas? Canclini comenta que “[...] não há uma realidade que o folclore represente autenticamente, posto que a mídia o deforma” (2008, p. 259).

Isso quer dizer que as produções tradicionais da cultura popular estão sendo, de alguma forma, “engolidas” pela cultura massiva a partir do momento em que o imaginário simbólico tem se transformado, por exemplo, em telenovelas ou em contos de terror em formato de programas policiais. Vale salientar que, em alguns contextos sociais, os mesmos têm se tornado a atração principal no horário de almoço. Nessa disputa por espaços, a cultura massiva tem se apresentado como rival do folclore. É por esta razão que Canclini comenta sobre o porquê da chegada da mídia entendendo que:

A mídia chega para ‘incumbir-se da aventura, do folhetim, do mistério, da festa, do humor, toda uma zona malvista pela cultura culta’, e incorporá-la à cultura hegemônica com uma eficácia que o folclore nunca tinha conseguido (IBIDEM).

É a busca pela incorporação de diferentes ramos artísticos e a sua divulgação, ou seja, é o popular que caminha tanto com o tradicional quanto com o moderno sem esquecer-se de atrelá-los à história e à política. A mídia não enxerga o popular como uma consequência de

sua construção histórica, ou seja, suas tradições; ao mesmo tempo em que não o resume a um tipo de produção artística que beire o chamado pré-moderno, pois compreende que a cultura popular de então tem se estabelecido através dos meios eletrônicos e conseqüentemente das ações da indústria cultural.

No entanto, quando se fala de mídia, a ideia de povo ou popularidade quase sempre a acompanha. O relacionamento existente entre os meios de comunicação e o povo, historicamente, trouxe divergências interpretativas a respeito do controle de um sobre o outro. Nesta lógica, "[...] popular é o que se vende maciçamente, o que agrada as multidões" (IBIDEM, p. 260). Para o autor, tanto a mídia quanto o mercado não estão preocupados com o "cuidado" da cultura popular, pelo contrário, para a indústria cultural o que vale é a realização e manutenção dos artigos produzidos e o seu trânsito entre consumidores, além de considerarem na definição da palavra povo um conceito interpretativo que desemboca em sinônimo de revolta, violência e desordem.

Nesta perspectiva, o autor ainda considera a importância e a necessidade das expressões *povo*, *popular* e *popularidade* tomando este último como uma maneira de aperfeiçoamento do suposto lugar de desordem, crise e ameaça. Nesta corrida para atravessar as fronteiras dos significados busca-se, então, a instalação da organização social e a estruturação dos seus valores; o que num sistema ordenado possibilita a prática das chamadas pesquisas de opinião pública tão bem utilizadas quando se quer conhecer a popularidade de determinados indivíduos.

Vale salientar a naturalidade do imaginário popular no que se diz respeito a considerar o próprio popular como sendo um conjunto de realizações ontologicamente efêmeras; características essas que foram disseminadas pelo próprio folclore. Todavia, Canclini (2008, p. 261) observa que "[...] o popular não consiste no que o povo é ou tem, mas no que é acessível para ele, no que gosta, no que merece sua adesão ou usa com frequência".

Anteriormente, comentou-se a respeito da importância da televisão como aparelho midiático; neste caso, o problema para o autor se encontra na crítica realizada por comunicólogos, os quais consideram a mídia como a grande responsável por uma espécie de manipulação do comportamento social. Seria, então, a mídia um inimigo contra a vivência de uma cultura democrática? Ou teria a mídia este "poder" de desligar as massas deixando-as apáticas em relação aos seus conflitos e contextos cotidianos?

Para Canclini, tais pontos de vista e inquietações, que frequentemente se escuta quando se conversa a respeito do papel social da mídia como influenciadora de conceitos construídos por classes subalternas, após as elucubrações do filósofo Foucault sobre o poder,

faz com que determinados conceitos se tornem insustentáveis e, portanto, obsoletos. Isso se dá pelo fato de que "[...] o poder não está contido numa instituição nem no estado, nem nos meios de comunicação. Também não é um tipo de potência da qual, alguns estariam dotados" (CANCLINI, 2008, p. 261). Sendo assim, o que se constrói é uma espécie de parceria entre as classes chamadas populares e os responsáveis pelos meios massivos, ou seja, nessas relações de força tanto quem produz quanto quem consome são de alguma forma atravessados pela lógica do poder.

Um bom exemplo desta dinâmica diz respeito às festividades culturais realizadas na Praça Castro Alves ou Largo da Bomba do Hemetério. Nesse espaço, por onde circulam artistas locais, regionais e nacionais, em suas apresentações de shows e manifestações culturais diversas, um aliado preponderante para esse suposto reconhecimento se encontra através da utilização das mídias televisivas, radialistas e jornalísticas.

Através desses eventos divulgados pelos meios massivos, a economia local se aquece como fonte de subsistência tanto para moradores desempregados da comunidade que através do comércio informal se utilizam da venda de bebidas, espetinhos, tapiocas, etc. quanto para os comerciantes de bares fixos que enxergam, através desse fluxo, uma oportunidade de divulgação de seu estabelecimento fora dos muros do bairro. Não se pode esquecer também que a ocasião possibilita a exposição dos artesanatos dos artistas locais, assim como complementação de renda para os "caçadores de eventos", ou seja, indivíduos que mesmo possuindo emprego fixo se utilizam do movimento ocasionado pelo evento para gerar algum tipo de lucro.

Diante dessa conjuntura, um bom questionamento a ser feito é: Com quem, então, se encontra o poder? Não se pode fugir da realidade de que todos esses agentes envolvidos no sistema dividem o poder! Evidentemente que não somos ingênuos a ponto de acreditar que as relações são igualitárias, porém o poder aparece em lugar de destaque a partir do momento em que a produção realizada acontece como resultado de um entendimento sobre a necessidade de descentralizar tradições, levando-as à ressignificações através de trocas recíprocas (CANCLINI, 2008).

Conceitos importantes na discussão sobre sistemas culturais nos direcionam a reflexão sobre as ideias de descolecionamento, território, desterritorialização e reterritorialização. A chamada "cultura urbana" traz a noção de que determinado sistema cultural está atrelado à ligação entre população e seu território, assim como os processos históricos responsáveis pela construção da vivência de cada grupo. Dessa forma, a cultura estaria arranjada para ser exposta como uma espécie de coleções de bens simbólicos. Seria esta constatação autêntica?

Canclini relata que, *a priori*, tanto na Europa moderna quanto na América latina havia "[...] um dispositivo para organizar os bens simbólicos em grupos separados e hierarquizados" (CANCLINI, 2008, p. 302).

De acordo com a posição social, os indivíduos "cultos" gozavam do privilégio de possuir determinadas obras de arte (quadros, livros, música) que não precisavam necessariamente estar sob o domínio desses indivíduos; uma vez que poderiam estar nos museus, nas salas de concerto e também nas bibliotecas. Desta forma, "[...] conhecer sua organização já era uma forma de possuí-los, que distinguia daqueles que não sabiam relacionar-se com ela" (IBIDEM). Como se observa tanto a história da arte quanto a história da literatura se fundamentaram em locais específicos que asseguravam sua legitimidade onde suas coleções tinham como um *habitat* natural: os museus e as bibliotecas.

Já na contemporaneidade, os museus se organizam de maneira diferente: quadros de artistas famosos dividem quase o mesmo espaço com objetos populares, ambientações, arte corporal, instalações, ou seja, não se tem mais a preocupação pela produção de "objetos colecionáveis" (IBIDEM, p. 303). A mesma proposta diz respeito às bibliotecas que continuam existindo, pois hoje é mais natural encontrar um estudante, um pesquisador fazendo uso de sua biblioteca particular que lhe possibilita interessantes comodidades.

Como podemos observar, a ideia de coleção tem ficado ultrapassada e o folclore também traz esta noção de colecionismo. Isso se dá através dos movimentos migratórios quando colecionadores e folcloristas, ao se locomoverem, traziam consigo produções de determinadas culturas que, depois de estarem figurando num museu, são encontradas sob o nome de artesanato tornando-se produto nos mercados urbanos.

Os Reisados com suas vestimentas características do período natalino, diferentemente de grupos culturais que anualmente necessitam adequar seus trajes ou fantasias a um tema ou enredo gerador com o intuito de competir em um desfile, não atuam desta forma. Os trajes são reformulados ou adaptados à medida que haja necessidade de reparos, o que faz com que essa operacionalização os aproxime (os Reisados) de uma cultura baseada na coleção, porém isso acontece sem se desconsiderar que o "culto" e o "popular" se misturam dentro dele extinguindo e desconstruindo padrões conhecidos.

Sendo assim, no momento em que o ensino à distância ganha cada dia mais espaço tornando-se pauta política de campanha com aulas sendo filmadas, gravadas e fotografadas pela utilização de um aparelho celular, a música sendo encontrada nas plataformas digitais, assuntos diversos em discussão através do uso de um aplicativo de *Podcast* e os jogos de videogames sendo jogados através da *internet* em qualquer lugar onde há conexão nos faz

refletir claramente sobre as demandas e mudanças de uma sociedade moderna que vislumbra estar sustentada na pós-modernidade.

Logo, Canclini (2008, p. 307) salienta que "[...] não há razões para lamentar a decomposição das coleções rígidas que, ao separar o culto, o popular e o massivo, promoviam as desigualdades", porém, no contexto dos Reisados, alguns aspectos fazem com que eles se situem tanto na modernidade como na pré-modernidade pelo fato de estar arraigados ao hábito e ao existir como uma manifestação folclórica; o que salienta dentro deles o híbrido.

Neste aspecto a caracterização sobre os processos de desterritorialização e reterritorialização tornam-se importantes para a compreensão do diálogo entre cultura, pré-modernidade e modernidade dentro de determinada tradição cultural. Assim, a desterritorialização está ligada "[...] à perda da relação 'natural' da cultura com os territórios geográficos e sociais" (IBIDEM, p. 309). Já a reterritorialização se define por "[...] certas realocações territoriais relativas, parciais das velhas e novas produções simbólicas" (IBIDEM). O Brasil, como nação, é um exemplo de desterritorialização porque quando espanhóis e portugueses chegaram à América do Sul, assim como em outras civilizações, ignoraram tanto a cultura quanto os saberes locais, pois éramos vistos sem valor agregador.

Dentre a tripulação de colonizadores havia cientistas da época e religiosos, por exemplo, que em seus diários etnográficos relatavam as práticas e costumes dos habitantes da "terra" de maneira pejorativa. Os nativos, habitantes autênticos, foram os mais renegados neste primeiro momento de colonização porque eram vistos como desalmados, desaculturados e selvagens, logo o papel intervencionista das nações civilizadas se fazia necessário para a salvação dessas "pobres almas" (SANTOS, 2002). Neste viés, um maniqueísmo se estabeleceu e o mundo passou a ser dividido em duas categorias: O Ocidente e o Oriente, o desenvolvido e o subdesenvolvido, o capitalismo e o marxismo numa filosofia onde o Norte passa a ser modelo de civilização em todos os aspectos, cabendo ao Sul a dura missão de correr atrás dos prejuízos de sua ignorância.

Esta realidade é trazida por Boaventura de Sousa Santos como *razão metonímica*, ou seja, o conceito que limita o pensamento Ocidental "[...] como única forma de racionalidade e, por conseguinte, não se aplica a descobrir outros tipos de racionalidades" (SANTOS, 2002, p. 240). É evidente que esta interpretação histórica se constituiu um erro *crasso*, isso porque não se levou em consideração os diferentes contextos, dentre os quais, só poderiam ser esclarecidos através da prática de novas epistemologias como instrumento de análises.

Sendo assim, o Brasil passa pelo processo de desterritorialização quando sua cultura territorial é ultrajada. Da mesma forma a cultura portuguesa/europeia sofre esta ação a partir

do momento em que a brincadeira do Reisado torna-se híbrida através dos personagens acrescentados, tanto no auto como também no sincretismo religioso, encontrados em determinados estados brasileiros onde se une às crenças dos brincantes dos Reisados um misto afro/ameríndio.

Canclini (2008) nos traz o pensamento sobre reterritorialização como uma espécie de reivindicação cultural de povos nativos ao se sentirem invadidos por grupos que não pertencem ao seu território. É o sentimento do trânsito cultural que ocorre entre países, estados e comunidades promovendo a chamada cultura de fronteira; porém muitas vezes essa cultura de fronteira vai de encontro ao que tais nativos anseiam, haja vista que o que querem é uma valorização de sua cultura local "barrando" elementos de outros segmentos culturais por considerarem estes danosos.

Esta preocupação se torna evidente, por exemplo, quando determinadas programações culturais são realizadas na Praça Castro Alves, na Bomba do Hemetério, o que promove intercâmbio entre atores culturais que se deslocam dos morros adjacentes até a Bomba e trazem outras práticas culturais que se misturam às do bairro; práticas estas, contudo, não aceitas por serem tidas como práticas culturais não recorrentes na localidade.

### **3.3 O Multiculturalismo**

O vocábulo multiculturalismo na contemporaneidade tem sido bastante utilizado. Podemos encontrá-lo, por exemplo, figurando como tema de debate em programas televisivos, no ambiente escolar e em magazines. Segundo Hall, o termo multiculturalismo "[...] é hoje utilizado universalmente" (2003, p. 51), entretanto existe o problema no que diz respeito a sua compreensão e alcance de seu significado. Assim, julgamos importante, antes de discorrer sobre o assunto, diferenciar a expressão Multicultural de Multiculturalismo. Neste sentido é que para Hall o termo Multicultural:

Descreve as características sociais e os problemas de governabilidade apresentados por qualquer sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retêm algo de sua identidade "original" (HALL, 2003, p. 52).

Já o Multiculturalismo "Refere-se às estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades multiculturais" (HALL, 2003, p. 52). O autor evidencia a correlação entre os termos mostrando-nos que eles precisam caminhar juntos, contudo por mais que, *a priori*, ocorra a

percepção de que o Multiculturalismo se resume a uma mera ideologia política, esta interpretação não procede. Vejamos o que o autor ensina:

Na verdade, o “multiculturalismo” não é uma única doutrina, não caracteriza uma estratégia política e não apresenta um estado de coisas já alcançado. Não é uma forma disfarçada de endossar algum estado ideal ou utópico. Descreve uma série de processos e estratégias políticas sempre inacabados (IBIDEM).

Como o multicultural está relacionado à convivência de distintas comunidades culturais, por conseguinte, existem definições diferentes para o termo multiculturalismo passando, assim, a existir, segundo Hall (2003), seis tipos de multiculturalismo: a) o multiculturalismo conservador que defende uma absorção dos hábitos e práticas da maioria; b) o multiculturalismo liberal que sugere uma inserção de sociedades culturais diferentes sob um princípio de cidadania individual universal onde as tradições culturais individualizadas são toleradas à redução de ambientes privados; c) o multiculturalismo pluralista que diante da análise de diferentes grupos culturais reconhece direitos de grupos distintos e diferentes comunidades dentro de uma ordem política comunitária; d) o multiculturalismo comercial que defende na esfera pública o reconhecimento das diferentes comunidades culturais, logo, os entraves referentes à diversidade seriam sanados sem necessidades de ressarcimento; e) o multiculturalismo corporativo (público ou privado) que trata de gerenciar as diferenças culturais da minoria que tem como objetivo satisfazer a conveniência dos que estão no centro e f) o multiculturalismo crítico ou revolucionário que postula um caráter determinado sob as diretrizes que enfocam o poder, o privilégio, a hierarquia das opressões e os movimentos de resistência (IBIDEM, p. 53-54). Assim, diante de diferentes interpretações, o multiculturalismo carrega uma grande desconfiança sobre seus conceitos; o que lhe afasta de ser uma doutrina estabelecida.

Como já falado anteriormente, por mais que o termo "multicultural" esteja sendo discutido na sociedade contemporânea, o mesmo não deve ser considerado uma novidade. Isso porque a sua prática, não o conceito, já era evidenciada na época dos impérios, por exemplo, uma vez que em seus processos de expansão e domínio de outras culturas se direcionavam para a vivência do multiétnico.

A mesma ideia se adéqua ao período das colonizações quando se "[...] tentou inserir o colonizado no ‘tempo homogêneo’ da modernidade global sem abolir as profundas diferenças ou disjunções de tempo, espaço e tradição" (IBIDEM, p. 55). Na atualidade encontramos os

processos migratórios os quais são provocados por diversos motivos, a saber: regimes ditatoriais, mudanças climáticas, guerras civis, crise econômica, desastres naturais, ou seja, dentre estas e tantas outras razões que contribuem para a manutenção das sociedades multiculturais.

No movimento da história relacionada ao Brasil colônia, os portugueses, dentre as tradições europeias a serem introduzidas na terra invadida, divulgam o auto de natal intitulado Reisado que ganha notoriedade futura no Sudeste e também em alguns estados do Nordeste. Andrade (1934) comenta que em Portugal a palavra original seria Reisada, fazendo alusão à rapaziada ou patuscada como sinônimo de festa, celebração, uma verdadeira folia. No Brasil a expressão se masculiniza passando a ser conhecida como Reisado, todavia em momentos de relaxamento na cultura popular, o Reisado pode vir a ser chamado também de Rancho. Neste contexto de festa de rapazes, Andrade corrobora dizendo:

Os Reisados são folganças muito variadas. O característico deles é terem sempre, no fim de várias cantigas e danças, o brinquedo do Bumba-meu-Boi. Originalmente, nos Reisados canta-se xácaras antigas, velhos romances, novas canções satíricas, chulas, etc (ANDRADE, 1934, p. 35).

Estes grupos, com o passar do tempo, foram acrescentando em suas peregrinações cancioneros, personagens populares e mitológicos (ANDRADE, 1934). No Brasil se transformaram em artistas comediantes incorporando, em seus espetáculos, a figura do Boi que num enredo mágico-religioso ressurgiu após ter experimentado a morte. Esta mescla artística luso-brasileira se constitui num tipo de híbrido multicultural. Isto se dá pelo fato de tratar de uma revisão e/ou ressignificação a respeito da apresentação do folguedo num contexto brasileiro misturado a elementos de culturas de outros povos.

O mesmo acontece no aspecto religioso quando se fala de Brasil: um país formado por diferentes culturas que traz na realização de suas festividades características específicas destas comunidades que o compõe. É a junção da cultura indígena com a cultura afro que formula a Jurema Sagrada, por exemplo; da junção do catolicismo, espiritismo e candomblé se estabelece o sincretismo religioso da umbanda como religião genuinamente brasileira. Desta forma, Canclini (2008) costuma substituir o termo sincretismo pelo híbrido por considerar o primeiro historicamente saturado. Já Bhabha, em colaboração com Canclini, afirma que o híbrido:

Não é simplesmente apropriação ou adaptação; é um processo através do qual se demanda das culturas uma revisão de seus próprios sistemas de referência, normas e valores pelo distanciamento de suas regras habituais ou "inerentes" de transformação. Ambivalência e antagonismo acompanham cada ato de tradução cultural, pois o negociar com a "diferença do outro" revela uma insuficiência radical de nossos próprios sistemas de significado e significação (BHABHA, 1997 citado por HALL, 2003, p. 75).

O bairro da Bomba do Hemetério se constitui num exemplo clássico de híbrido multicultural, pois seu processo de formação, com a expulsão de seus moradores do centro do Recife como medida político-administrativa e a busca de abrigo na Zona Norte da cidade (êxodo), trouxe para este espaço diferentes manifestações culturais e religiosas. Neste bairro convivem diferentes grupos culturais dentre os quais, em seus bastidores, o aspecto religioso é altamente influente. Nesta perspectiva, o Reisado, representante de confissão católica, pode conviver com a cultura e religião ameríndia da tribo dos Canindé ou mesmo dialogar e se hibridizar com as religiões de matrizes africanas representadas através dos maracatus Elefante, Estrela Brilhante e Encanto da Alegria.

### **3.4 A História Oral como Técnica de Entrevista**

Nesta pesquisa compreende-se que o desviar da metodologia proposta compromete os resultados do trabalho do pesquisador. Neste aspecto, almejamos descrever o nosso percurso metodológico iniciando com a abordagem da história oral que, mesmo sendo utilizada aqui como uma técnica de entrevista que auxiliou no recordar de histórias e memórias construídas no ambiente do Reisado Imperial como agente propagador de modelos educacionais formais e não formais no bairro da Bomba do Hemetério, merece nossa atenção. Assim, o objetivo deste trabalho caminhou na direção de buscas de respostas ao problema desta dissertação, ou seja, como o Reisado Imperial influenciou para a propagação da educação formal e não formal no bairro da Bomba do Hemetério entre os anos de 1986 a 1996?

Analisando as características que constituem esta empreitada no que diz respeito à cultura, ao multiculturalismo e aos variados saberes com os quais trabalhamos é importante salientar que a pesquisa qualitativa nos apresenta bases sólidas para esta construção por julgar que:

Há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa.

[...] O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Tal pesquisa é descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.70).

Em uma abordagem qualitativa, o ambiente onde a pesquisa acontece tem uma importância considerável, sobretudo, se o pesquisador tiver algum tipo de contato com o ambiente de estudo, pois isso pode se constituir em um fator positivo, caso contrário, poderá produzir algum tipo de manipulação proposital à pesquisa (PRODANOV; FREITAS, 2013). Neste aspecto, tomando como base a historiografia, fundamentamos nossa pesquisa tanto na análise de documentos escritos quanto no depoimento oral. Este último justifica-se pelo fato de se querer aprofundar conhecimentos sobre determinada realidade através da memória de pessoas buscando, com isso, construir uma visão mais sólida do contexto social dentro dos quais elas estão inseridas.

Tanto como uma metodologia qualitativa como uma técnica de entrevista ou como uma disciplina, a história oral no século XIX sofreu preconceitos e isso aconteceu pelo fato de ser considerada, por certos historiadores, sem exatidão acadêmica. Os argumentos se fundamentavam no fato de não existir escritos documentais que ratificassem o que havia sido dito pela memória oral. Contudo, ao final do século passado, diante de controvérsias, seu *status* começa a ser alterado e essa mudança ocorreu porque como recurso ela foi se aperfeiçoando através dos pressupostos desenvolvidos pela escola de Chicago. Para o nosso interesse de pesquisa utilizamos a história oral como técnica se debruçando no cuidado sobre os processos de gravações, transcrições e conservação das informações coletadas através das entrevistas (FERREIRA; AMADO, 2006).

Como prática de pesquisa, Lozano (2006) classifica a história oral em duas facetas: a técnica que se subdivide no arquivista documentalista e no difusor populista e a metódica que se subdivide em reducionista e analista complexo.

A faceta técnica como um procedimento arquivista documentalista se preocupa em "[...] criar e organizar arquivos de documentos - transcritos - precedentes de entrevistas gravadas, para sua utilização possível e futura por historiadores interessados em nossos tempos" (LOZANO, 2006, p. 21). A crítica feita a esse estilo fundamenta-se no fato desses arquivos serem quase nunca consultados, o que transforma o técnico num romântico colecionador de registros orais.

Já o trabalho do difusor populista é considerado relevante "[...] para divulgar a história daqueles que não foram registrados objetivamente nas histórias oficiais, nacionais ou

internacionais" (IBIDEM, p. 22). É a valorização do discurso dos marginalizados, invisibilizados e injustiçados. A crítica a este modelo considera que a vontade em "dar voz" a esses indivíduos faz com que ocorra uma vasta produção de arquivos, porém sem nenhuma análise e/ou exegese consistente, pois:

O difusor populista tem pressa e obsessão de dar a conhecer o depoimento oral, já que seu trabalho de recuperar a memória histórica terá mais sentido se conseguir de alguma forma incluir sobre a realidade social dos informantes (IBIDEM).

Enquanto isso, a faceta metódica como um procedimento reducionista reconhece a importância da informação oral e a utiliza como uma espécie de acréscimo, suplemento ou detalhe aos documentos previamente selecionados. Assim, de acordo com Lozano (2006, p. 23):

A história oral é concebida como instrumento de apoio, para e em função somente da trama teórica à qual se confere mais valor e consideração. Pelo seu caráter *subjetivo*, os depoimentos orais são considerados em segundo plano e são utilizados na qualidade de ingrediente atrativo, fácil de digerir ou consumir.

A quarta e última prática de pesquisa em história oral refere-se à faceta metódica como procedimento do analista completo. O historiador oral praticante desse estilo, neste caso, segue o seguinte modelo: reúne informações, as organiza, as estrutura e, por fim, examina de forma crítica as suas origens. Suas fontes orais são parceiras das fontes documentais ampliando, assim, as possibilidades de pesquisa; ao contrário das outras formas de trabalhos reducionistas evidenciadas nas práticas de pesquisas anteriormente mencionadas.

Em nosso trabalho, reitera-se, utilizamos a história oral como uma técnica de entrevista que em nada se relaciona ao modelo da faceta técnica; também não a utilizamos como o difusor populista muito embora reconhecemos a importância e o valor relacionados aos mestres populares atuantes no Reisado, entretanto optamos por nos afastar desse estilo por não querer associar nossa pesquisa a um trabalho militante. Assim, a memória é aqui acionada como instrumento promotor de discursos que são analisados, tanto documentalmente como oralmente, pela metodologia da Análise de Discurso. Neste caso, nosso trabalho com o depoimento oral se aproxima mais da faceta metódica como instrumento reducionista.

### 3.4.1 As Fontes Oraís: as entrevistas

É sabido que a utilização da história oral como aporte técnico e metodológico se utiliza de entrevistas a fim de que os objetivos propostos na investigação sejam alcançados. A vida das pessoas passa a ser considerada como uma espécie de matéria prima, ou seja, algo necessário para conceber sentido na construção de pesquisas. Seguindo este raciocínio, Thompson (1998, p. 25) aproxima a história oral a uma espécie de "autobiografia publicada", apesar de um grande número de autobiografias publicadas registrarem as experiências vivenciadas por um grupo seletivo de indivíduos, pelo fato de possuírem algum prestígio como, por exemplo: "líderes Políticos, sociais e intelectuais" (IBIDEM).

O autor ainda ressalta que os historiadores oraís têm a liberdade de entrevistar a quem quiser, além de perguntar o que achar pertinente na construção dos trabalhos. Assim, "Os historiadores oraís podem pensar agora como se eles próprios fossem editores: imaginar qual a evidência de que precisam, procurá-la e obtê-la" (THOMPSON, 1998, p. 25).

Como podemos observar, a entrevista se constitui em uma importante etapa da pesquisa. É através dela que as memórias individuais dos colaboradores serão alcançadas. Bom Meihy (1996) divide a entrevista em três momentos: o primeiro acontece através da pré-entrevista; momento em que se dão os primeiros contatos com a pessoa a ser entrevistada. Nesse instante o pesquisador se apresenta, expõe o conteúdo da pesquisa e ressalta a sua importância para o desenvolvimento do trabalho. Seguindo este *modus operandi* é relevante também informar ao entrevistado quem o indicou, isto é, a pessoa que sugeriu ser ele um possível colaborador nesta construção.

O segundo momento acontece através da entrevista propriamente dita. É aconselhável que um roteiro prévio seja realizado a fim de que os entrevistados possam ter um norte a seguir. Thompson alerta sobre possíveis respostas pragmáticas que podem surgir quando se utiliza questionários ditos fechados:

Pode-se estabelecer uma diferença entre os chamados "questionários" de perguntas fechadas, cujos padrões lógicos rigidamente estruturados inibem de tal modo a memória que o "respondente" [...] fica reduzido a respostas monossilábicas, ou muito curtas; e, no outro extremo, não propriamente uma "entrevista", mas uma conversa livre em que a "pessoa", o "portador de tradição", a "testemunha", ou o "narrador" é convidado a "falar" sobre um assunto de interesse comum (THOMPSON, 1998, p. 257).

Seguindo as orientações metodológicas, trabalhamos com entrevistas não diretivas pelo fato de possibilitar ao entrevistado certa liberdade na construção de sua narrativa. Severino (2014, p. 77) comenta que:

Por meio delas, colhem-se informações dos sujeitos a partir do seu discurso livre. O entrevistador mantém-se em escuta atenta, registrando todas as informações e só intervindo discretamente para, eventualmente, estimular o depoente. De preferência, deve praticar um diálogo descontraído, deixando o informante à vontade para expressar sem constrangimentos suas representações.

Outro fator que merece destaque na construção das entrevistas se relaciona a má formulação das perguntas. A linguagem a ser utilizada deve ser a mesma do cotidiano dos entrevistados. Fazer uso de uma linguagem rebuscada em determinados casos não favorece o processo de comunicação podendo até causar desconfortos para os entrevistados, uma vez que "[...] as perguntas devem ser sempre tão simples e diretas quanto possível, em linguagem comum. Nunca faça perguntas complexas ou de duplo sentido" (THOMPSON, 1998, p. 260).

Como recurso para gravações das entrevistas, utilizamos o gravador que compõe um dos aplicativos de celular. Com o avanço tecnológico, esta tem sido uma das maneiras mais comuns para registros audiovisuais. As autorizações para gravações das entrevistas foram previamente acordadas entre as partes. Montenegro (1994) chama a atenção a respeito do cuidado com este processo de gravação, pois, antecipadamente, o entrevistado precisa saber quem terá acesso às informações que estarão sendo coletadas.

Nessa óptica, reitera sobre a importância do entrevistador requisitar de cunho formal ao entrevistado autorização por escrito, a fim de socializar as informações colhidas logo após a entrevista ou conclusão do processo de transcrição. Outros aspectos importantes a serem lembrados são referentes ao tempo de duração das entrevistas e ao local onde acontecem. Thompson observa que "[...] em circunstâncias normais, uma hora e meia ou duas horas será um tempo máximo razoável" (THOMPSON, 1998, p. 260). A preocupação se dá caso se entreviste pessoas idosas, pois elas podem se cansar além do normal e, assim, o processo ser comprometido.

Em nosso caso, em 2017, durante a produção do projeto de pesquisa que resultou nesta dissertação, tivemos um contato prévio com as pessoas e instituições que estariam envolvidas tanto no processo de entrevistas quanto na captação das fontes documentais caso o trabalho fosse aprovado na seleção de mestrado, a saber: o mestre Sérgio Almeida, responsável atualmente pelo Reisado Imperial no bairro pesquisado; o contramestre do reisado; uma ex-

professora e responsável pelo anexo da Escola Antônio Tibúrcio no período; a ex-diretora que no presente recorte respondia tanto pela escola do reisado quanto pela Escola Antônio Tibúrcio; três moradores da comunidade que relataram suas experiências educacionais formais no bairro; dois brincantes do reisado e dois ex-alunos da escola do reisado que estudaram no período enfocado.

Assim, 11 (onze) pessoas participaram como as fontes orais utilizadas neste trabalho. Com relação às "instituições" comprometidas com a pesquisa referenciamos tanto o próprio Reisado Imperial quanto a Escola Antônio Tibúrcio pelo fato de serem objetos da pesquisa. Por conseguinte, o marco teórico (1986-1996) justifica-se pelo fato do Reisado Imperial ter funcionado como anexo da escola Municipal Antônio Tibúrcio segundo os relatos orais tanto da diretora da época quanto dos sujeitos envolvidos na pesquisa, a saber: a professora e os mestres do reisado.

Quanto ao critério de escolha dos sujeitos entrevistados optamos por sujeitos que estiveram diretamente ligados ao que seria discutido no trabalho. Desta forma, conseguimos realizar as 11 entrevistas e pudemos extrair dos sujeitos as informações propostas nos objetivos as quais serão contempladas no capítulo de análise. Retomando o aspecto lugar, a entrevista deve ser feita em "[...] um lugar em que o informante se sinta à vontade. Em geral, o melhor lugar será sua própria casa" (IBIDEM), contudo isto deve variar.

Em nosso caso, as entrevistas dos Mestres do Reisado Sérgio e Geraldo Almeida foram realizadas na própria sede do Reisado, mas as outras seguiram o protocolo sendo realizadas nas casas dos entrevistados. Uma característica importante que deve compor o perfil do entrevistador diz respeito a sua sensibilidade em ouvir e estar atento ao silêncio, pois ele também fala e "[...] falar sobre o passado pode despertar memórias dolorosas, que por sua vez, despertam sentimentos intensos que, muito fortuitamente, podem afligir um informante" (THOMPSON, 1998, p. 272).

Acontecendo estes fatos no momento da entrevista é importante que o entrevistador esteja atento a fim de analisar o melhor momento para retomar os trabalhos. Isto pode acontecer através de um sinal, um movimento, uma dica deixada pelo entrevistado que faça o entrevistador subentender que pode continuar (MONTENEGRO, 1994).

O terceiro e último momento que envolve este procedimento técnico é a pós-entrevista. Nesta etapa se discute se haverá correção do texto transcrito e se haverá devolução do texto para o entrevistado realizar algum tipo de alteração; seja de retirada ou de acréscimo ao que foi dito. Porém, ao concluir a entrevista, Thompson orienta o entrevistador a continuar com um "espírito" cordial, pois:

Não saia imediatamente depois da seção de gravação. Você deve ficar um pouco, dar algo de si, e mostrar simpatia e apreço em retribuição ao que lhe foi dado. Aceite um chá se lhe oferecerem, e esteja disposto a bater papo a respeito da família e de fotografias. Esse pode ser o momento em que mais provavelmente poderão emprestar-lhe documentos (THOMPSON, 1998, p. 273).

### 3.5 As Fontes Documentais

Como já mencionado anteriormente, esta pesquisa também possui um *locus* documental. Desta forma, as narrativas orais poderão ser comparadas com a documentação encontrada no Reisado. Prodanov e Freitas (2013, p. 56) entendem que um documento:

É qualquer registro que possa ser usado como fonte de informação, por meio de investigação que engloba: observação (crítica dos dados na obra); leitura (crítica da garantia, da interpretação e do valor interno da obra); reflexão (crítica do processo e do conteúdo da obra); crítica (juízo fundamentado sobre o valor do material utilizável para o trabalho científico).

No primeiro estágio realizamos um levantamento das ações culturais realizadas pelo Reisado durante o recorte temporal 1986-1996. O Reisado Imperial conta com um acervo fotográfico considerável que registra a história da instituição nestes 69 anos de existência. Reconhecemos, assim, a importância do método iconográfico para descrição, análise e interpretação dos atos encontrados. Sobre isso, Santos (2008, p.142) corrobora dizendo que:

A fotografia é portadora de um discurso na medida em que se presta a traduzir um instante repleto de intencionalidades. Possui, portanto, finalidade documental, considerada meio de expressão, informação e mesmo de representações.

As fontes utilizadas como recursos investigativos foram encontradas nos seguintes jornais: Do Comércio, A Província e no Diário de Pernambuco. Quanto aos outros documentos consultados examinamos o histórico do Reisado e fotos que retratam a interação entre a escola do Reisado Imperial e a Escola Municipal Antônio Tibúrcio.

É importante salientar que durante a construção do projeto de pesquisa, antes mesmo de participarmos do processo seletivo para esta empreitada, tivemos acesso à coordenação da escola Municipal Antônio Tibúrcio. Na ocasião, expomos nossa proposta de pesquisa e perguntamos se havia condições de, caso lográssemos êxito, termos acesso aos seguintes documentos: atas de reuniões pedagógicas, livros de pontos de professores, livros de

matrícula, impressos de planejamentos e registro de eventos cívicos e comemorativos, pois nesses arquivos poderíamos encontrar memórias que poderiam influenciar no contexto presente (NORA, 1993).

A resposta no período foi positiva, pois a escola se mostrou interessada em colaborar mesmo enfatizando que o suposto material existente era mínimo, porém, ao começar a pesquisa de campo, mesmo sendo sempre bem recebidos no espaço, tivemos a notícia de que precisaríamos de uma liberação da secretaria de educação para acessar a documentação; liberação esta que, mesmo com a carta de apresentação da Universidade que respaldava a pesquisa, nunca aconteceu. Desta feita, no quesito referente à documentação do cotidiano escolar, a pesquisa não logrou êxito devido ao veto de informações.

### **3.6 A Metodologia da Análise de Discurso**

De acordo com as necessidades analíticas que envolveram nosso objeto de estudo, optamos por uma metodologia que contemplasse os discursos encontrados tanto nas falas dos sujeitos quanto nas fontes ou no *corpus* documental. Logo, a Análise de Discurso (AD) na perspectiva de Eni P. Orlandi (2005) nos forneceu essa base para incursão nos discursos orais e escritos. Assim, segundo essa autora, a Análise de Discurso (AD) é herdeira de três grupos epistêmicos: a linguística, o marxismo e a psicanálise se constituindo, assim, como campo diante de lacunas encontradas nestas disciplinas.

A Linguística se desloca afirmando a não transparência da linguagem e a relação com seu exterior, isto é, o elo existente entre "linguagem/pensamento/mundo" (ORLANDI, 2005, p. 19); o materialismo histórico aceita a ideia de "[...] que o homem faz história, mas esta também não lhe é transparente" (IBIDEM). Estas formulações contribuíram para que houvesse uma parceria entre língua e história no que diz respeito à produção de sentidos, o que fez chegar ao seu conceito como forma material. A linguagem, então, deixa de ser interpretada como abstrata sendo ligada à história tornando-se, assim, linguístico-histórica (IBIDEM). E, por fim, a psicanálise que fecha esta tríade pelo fato da língua ser interpretada como inconsciente e não apenas como estrutura, mas também como acontecimento:

Reunindo estrutura e acontecimento a forma material é vista como o acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história. Ai entra então a contribuição da Psicanálise, com o deslocamento da noção de homem para a de sujeito (IBIDEM).

Ouvir a expressão discurso nos remete à figura de indivíduos que se utilizam da palavra em meio a algum tipo de audiência. Isso pode se exemplificar através de professores, advogados, líderes religiosos, políticos, enfim, pessoas que se utilizam da língua para transmitirem algum tipo de conceito e/ou defender argumentos. Pois bem, a Análise de Discurso não entende a língua de forma abstrata como já dito, mas como estando:

[...] no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade (IBIDEM, p. 16).

Observe que anteriormente citamos diferentes categorias de profissionais que se utilizam da língua para socializar uma mensagem, entretanto na AD, as bases que formulam determinado discurso não estão presas à língua em sua abstração, mas estão revestidas de um caráter ideológico. É por isso que o modelo de comunicação tradicionalmente conhecido como emissor, mensagem e receptor na Análise de Discurso (AD) não se sustenta, pois a fala, entendida como discurso não se resume a uma suposta informação. Neste caso:

A língua não é só um código entre outros, não há essa separação entre emissor e receptor, nem tão pouco eles atuam numa sequência em que primeiro um fala e depois o outro decodifica etc. Eles estão realizando ao mesmo tempo, o processo de significação e não estão separados de forma estanque (ORLANDI, 2005, p. 21).

Para Orlandi, isto acontece devido à dinâmica da linguagem "[...] que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história" (IBIDEM), pois o discurso é resultado dos sentidos elaborados entre os sujeitos. Um aspecto de suma importância na (AD) é o conceito de Ideologia. Esta é uma base que estrutura um dos esquecimentos estudados na (AD), a saber, o esquecimento número um, o qual também é conhecido como esquecimento ideológico. O mesmo se dá pelo fato de sermos "inocentes" ao ponto de pensar que a linguagem tem início em nós. Esquecemo-nos de que "[...] quando nascemos os discursos já estão em processo e nós é que entramos nesse processo. Eles não se originam em nós" (IBIDEM, p. 35). Nessa lógica, o Poeta Renato Russo da banda de Rock Legião Urbana cantando a letra da música intitulada "Quase sem querer", já dizia que "[...] sei que às vezes uso palavras repetidas, mas quais são as palavras que nunca são ditas?" (RUSSO, 1986).

Da junção entre língua, história e memória é que a ideologia se organiza sendo exposta pelo sujeito, através do discurso, os seus processos de formação via materialização da linguagem pela ideologia. Portanto, "[...] o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia

para que se produza o dizer" (ORLANDI, 2005, p. 46). É o que a (AD) sublinha como formação discursiva, ou seja, a produção de sentidos como resultado do pensamento ou formação ideológica. Neste aspecto, o interdiscurso, conceito relacionado à memória discursiva, é o grande responsável pela constituição desses dizeres, dentre os quais as palavras que o formam estão contidas no inconsciente: "[...] as palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delinea na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória" (IBIDEM, p. 43). Ratifica-se, então, que o interdiscurso se compreende como algo já dito ou como sentidos já expressos por alguém em determinado contexto ou momento e isto vem à tona através da memória esquecida.

Observa-se, assim, que as palavras não são nossas propriedades, posto que elas são resultado da história e da língua. Já em relação ao conceito de intradiscurso, outro elemento constitutivo da AD, corresponde ao momento presente da enunciação, ou seja, "[...] aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas" (IBIDEM, p. 33). É importante frisar que para essa metodologia, a língua é opaca, sombria e incompleta igualmente aos sujeitos e sentidos. É por esta razão que o interdiscurso é tão forte, pois "[...] ao invés de se fazer um lugar para fazer sentido, ele é pego pelos lugares (dizeres) já estabelecidos" (IBIDEM, p. 54). A partir deste pressuposto três formas de repetição aparecem, são eles:

- 1) a repetição empírica, que é a do efeito papagaio, só repete. 2) a repetição formal, que é um outro modo de dizer o mesmo; 3) a repetição histórica, que é a que desloca, a que permite o movimento porque historiza o dizer e o sujeito, fazendo fluir o discurso, nos seus percursos, trabalhando o equivoco, a falha, atravessando as evidências do imaginário e fazendo o irrealizado irromper no já estabelecido (IBIDEM).

Assim, como dispositivo metodológico, trabalhamos com a AD no intuito de buscar nas falas dos entrevistados e nos documentos escritos levantados paráfrases (repetições do dizível) e polissemias (deslocamentos do dizível) relacionadas às ideologias (relações de sentido) que revelem processos educativos formais e não formais provocados pelo Reisado Imperial no bairro da Bomba do Hemetério. Diante disso, o que se procurou entender nos recortes de discursos selecionados, através do *corpus* levantado, foi o funcionamento da linguagem assentada na tensão entre processos de repetição e de deslocamentos de sentidos educativos, identificando elementos híbridos e multiculturais atuantes na cultura popular do Reisado Imperial.

Desse modo, nos atentamos para o fato de que na AD, enquanto a paráfrase expõe a reprodução do que foi dito, apresentando formas diferentes do mesmo dizer, a polissemia expõe deslocamentos, apresentando mudanças no campo das formações discursivas e ideológicas (ORLANDI, 2005). Sendo assim, vale salientar que esta metodologia não se preocupa com uma busca pela "verdade", seja do sujeito emissor da fala ou daquele que elaborou o documento escrito, pois, epistemologicamente, ela não se coaduna com a Análise de Conteúdo à medida que "[...] não procura o sentido ‘ verdadeiro’, mas o real do sentido em sua materialidade lingüística e histórica" (ORLANDI, 2005, p. 59) e para tal, faz uso de certos dispositivos teóricos e analíticos que passamos a descrever sucintamente abaixo.

### **3.6.1 Condições de Produção, Interdiscurso e Intradiscurso**

As condições de produção expõem o contexto dos sujeitos, com a memória sendo um importante fator neste e deste processo. Assim na AD os contextos se classificam em Imediato, Sócio Histórico e Ideológico com a memória estando ligada ao interdiscurso posto que, este representa aquilo que fala antes, em outro lugar e a isto a AD denomina de memória discursiva (ORLANDI, 2005, p.31). O interdiscurso desse modo é algo já dito, sentidos já ditos por alguém em determinado contexto ou momento, e isto vem à tona através da memória que aqui significa esquecimento já que nos esquecemos de onde vêm nossos dizeres. Diante disso, observa-se que as palavras não são nossas propriedades, pois que elas resultam da circulação na história e na língua. Enquanto o interdiscurso dar conta do circulante, o intradiscurso faz o oposto, ou seja, corresponde ao momento presente, ou seja, "[...] aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas" (ORLANDI, 2005, p. 33).

### **3.6.2 Esquecimentos**

Como já dito anteriormente, na AD observa-se duas formas de esquecimento: o número dois que se relaciona com a ordem da construção do enunciado, ou seja, a ideia de que o que dizemos só poderia ser dito necessariamente daquela maneira; e o número um, também conhecido como esquecimento ideológico haja vista que causa a ilusão de que o que dizemos pertence a nós. Com as características encontradas no esquecimento número um, observa-se uma aproximação conceitual entre este tipo de esquecimento e o interdiscurso, ou seja, com o já dito.

### 3.6.3 Paráfrase e Polissemia

Também como já colocado, "O funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos" (ORLANDI, 2005, p. 36). O primeiro se relaciona com o que se repete no discurso através da memória - é o dizível. O segundo se formula pelo deslocamento dos significados, é onde se introjeta a ideia do equívoco e da mudança. Logo, no discurso podemos encontrar, e simultaneamente, estes dois funcionamentos formulados pela repetição e/ou pelo desvio do já dito.

### 3.6.4 Relações de Força, Sentido e Imaginárias/Lugar

Já sabemos que os discursos necessitam de condições de produção. Podemos observar nessas condições de produção a relação de sentidos, ou seja, os discursos são produzidos e re-significados através da relação com outros discursos, pois, "Não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis" (ORLANDI, 2005, p. 39). Com relação à antecipação ou as relações imaginárias de lugar, este mecanismo é utilizado para refinar a construção do argumento, isto é, o sujeito melhora o efeito do argumento para com seu interlocutor a partir da relação imaginária do lugar do outro e vice-versa. Já a relação de força está ligada ao local de fala do sujeito. A justificativa dele falar daquela maneira é resultado da posição em que ele exerce, logo, as palavras são pertencentes ao lugar de fala do sujeito. Ainda no que se diz respeito às formações imaginárias, que geram as antecipações, estas esboçam as projeções que admitem a conversão do sujeito empírico para o lugar discursivo.

### 3.6.5 Formação Discursiva, Ideologia e Sujeito

Pode-se afirmar que o sentido é produto ideológico dos processos sócio históricos da produção de palavras. Logo, as formações discursivas "[...] representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. [...] tudo o que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos" (ORLANDI, 2005, p. 43). Neste aspecto, a ideologia esta vinculada à noção de sentido que se junta à linguagem e à história a fim de "[...] produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência" (IBIDEM, p. 46). Desta maneira, o individuo é transformado em sujeito afim de que o dizer seja produzido, entretanto, a língua só terá sentido se a história irromper pelo equívoco, pela opacidade, ou

seja, pela não transparência do significante. Assim, a ideologia está ligada tanto a memória quanto ao esquecimento, pois o dizer só passa a ter sentido quando este passa a ser anônimo, ou seja, quando se esquece quem o enunciou.

## **4 O REISADO IMPERIAL NA BOMBA DO HEMETÉRIO E A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E FORMAL NUMA PERSPECTIVA DISCURSIVA**

Em continuação a esta séria brincadeira que é a pesquisa (considerando que o reisado é um brinquedo e quem brinca é o seu brincante), o presente capítulo pretende retomar, de forma concisa, o contexto educacional da rede municipal do Recife em paralelo com o bairro da Bomba do Hemetério na década de 80 e meados dos anos 90 numa crescente dinâmica, a fim de discutir e explorar a parceria educacional entre o Reisado Imperial e a Escola Municipal Antônio Tibúrcio na relação entre cultura, educação formal e educação não formal. Para tal, adotamos como explicitado no capítulo anterior, o recurso metodológico da AD, pretendendo identificar nos discursos dos sujeitos entrevistados (11 no total) ideologias que colaborem para a constituição da importância educacional do Reisado no bairro. Por questões éticas e de anonimato, os nomes dos entrevistados, apresentados aqui, serão substituídos por números.

### **4.1 Educação Formal no Contexto da Bomba do Hemetério na década de 80 e a reviravolta educacional com o marco de 86 na cidade do Recife**

Como colocado no primeiro capítulo, o bairro da Bomba do Hemetério na década de 80 era carente de instituições de ensino. Esta escassez fazia com que seus moradores se deslocassem para outras comunidades em busca de educação formal. Contudo, observa-se que esta inóxia escolar não pode ser reduzida apenas a esta década. Por inferência, esta exiguidade é somente a manutenção da deficiência educacional que se propaga no país como um problema histórico nacional. Entretanto, como maneira de minimizar esta problemática no bairro, duas ações foram realizadas: a) de caráter até certo ponto humanitário, pois o valor cobrado podia ser considerado simbólico e b) de caráter oficial como proposta oriunda do Governo Federal. A primeira ação se efetuava através de professoras, com formação ou não, que de suas próprias casas ensinavam as crianças a ler, escrever os seus nomes e a contar. Neste relato, por exemplo, temos acesso a informações sobre os anos e os níveis que eram trabalhados nas residências provisoriamente feitas de sala de aula:

Da primeira série (**leve pausa**) até a quinta. Eu ensinava em casa. Ensinava de manhã e também à tarde. Aí eu dividia: aqueles mais adiantados eu botava pra tarde e aqueles assim, de primeira até terceiro ano era de manhã (MORADORA N°1, 2019).

A segunda ação se executava através do MOBREAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização - que representava uma mobilização para a educação de jovens e adultos em substituição ao método de alfabetização Freiriano considerado, portanto, uma ameaça ao novo regime que se instalava no Brasil.

Não dessemelhantemente ao regime militar quando ruiu, o MOBREAL se extinguiu junto com ele em meados da década de 80. Diferentemente da primeira ação em que os estudantes se locomoviam até as casas onde tinham aula, neste acontecia o inverso, pois de lá "[...] saía uma equipe de dois ou três professores pra ir pra o MOBREAL" (MORADORA Nº1, 2019), a fim de alfabetizarem os adultos.

Ainda sobre o MOBREAL a antiga moradora faz a seguinte consideração sobre o público alvo:

Não, não sabiam escrever o nome! E a MOBREAL ajudou muito, a MOBREAL [...] mamãe mesmo foi uma das tais! Mamãe foi uma das tais da MOBREAL que vinha, veio muito aqui, pra mamãe! (MORADORA Nº1, 2019).

Com o fim da ditadura militar e o início do processo de redemocratização no Brasil, as eleições diretas passaram a ser uma realidade; tanto é que em 1985 o então candidato a prefeito da cidade do Recife pela "Frente Popular do Recife", Jarbas Vasconcelos, numa legenda parcialmente de esquerda, logrou êxito, assumindo seu posto no ano seguinte. Um dos temas expressivos defendidos em sua campanha dizia respeito à educação. Assim, numa agenda que apreciava uma política educacional voltada para a não retenção dos alunos nos primeiros anos da educação conhecida hoje como básica, mas na época como primário, a rede de ensino do Recife aderiu à proposta do Ciclo de Alfabetização; experiência comprovada na rede estadual de ensino em São Paulo e intitulada como Ciclo Básico de Alfabetização (CAVALCANTI, 2013).

Como resquício da ditadura militar, a Secretaria de Educação ainda se encontrava vinculada a duas redes: uma que era ela própria, gerindo duas escolas de ensino secundário e a outra que era a Fundação Guararapes, a qual contava com a supervisão de 174 (cento e setenta e quatro) escolas de ensino primário (BRAYNER, 1995). Numa visão macro em relação aos municípios do estado, como forma de compreender melhor a discussão, Cavalcanti (2013) corrobora dizendo que as escolas desse período eram identificadas como "unidocentes", ou seja, apenas um único professor regente, o conhecido professor polivalente. Na presente situação, este ainda exercia sua função docente em espaço educativo impróprio, altamente

precário. Por isso, como forma de amenizar os percalços "naturais" do momento, as casas das professoras se apresentavam como o melhor local para a realização das aulas (CAVALCANTI, 2013).

Para se ter uma ideia sobre o quantitativo de escolas, na ocasião, Nascimento (1995) informa que as municipais configuravam 75% do montante dos espaços educacionais do estado, porém, somente 40% destes estudantes eram matriculados. Diante deste cenário preocupante, seria infantilidade esperar novidades em relação à qualidade dos profissionais de educação. Nascimento (1995) reforça que 41% destes profissionais não tinham formação adequada, o que em números conferia 6.922 educadores.

Neste panorama de debilidade extrema, o Ciclo de Alfabetização encontra seu espaço como forma de minimizar os estragos ocorridos durante o regime militar disseminados por uma educação de caráter tecnicista e excludente. Quanto a isto, Brayner (1995, p. 84) ressalta que o Ciclo de Alfabetização foi uma "[...] mobilização de recursos intelectuais e de engajamento pedagógico, visando à alfabetização de crianças de procedência 'popular' na cidade do Recife". Logo, dando espaço às classes populares e evidenciando a luta pela consolidação da democracia, a escola galga o *status* de ser pensada como um ambiente também de vivência democrática, onde os conselhos escolares e seus gestores passam a ser escolhidos sem mediação ou intervenção de outrem, ratificando, desta forma, o momento democrático que renasce no país.

O pensamento político da época é enfatizado pelo prefeito eleito Jarbas Vasconcelos cujo discurso relembra princípios do MCP (Movimento de Cultura Popular), o qual antes da ditadura militar se tornou no país, sob a liderança de Paulo Freire e a corroboração de uma equipe de muitos pensadores, o modelo para a alfabetização das massas. Segundo Brayner (1987), citado por, Cavalcanti (2013, p. 9), o MCP foi "[...] o germe da criação da própria Rede de Ensino Municipal (até então inexistente). Com o movimento militar de 1964, o MCP foi extinto e criada a Fundação Guararapes".

Deste modo, o ideal do Ciclo de Alfabetização se coadunava com a filosofia educacional do MCP, pelo fato de proporcionar ao alfabetizando no espaço de dois anos, ao contrário do MOBREAL, não apenas o saber ler e escrever; metas estas oriundas da alfabetização como códigos da escrita, mas também o letramento; uma vez que este traz ao educando, como afirmou a ex-secretária de educação Edla Soares em 12 de março de 1987 no documento "Escola Municipal do Recife: Um debate sobre as conquistas populares", "[...] uma compreensão do mundo e de suas relações, caracterizando-se, fundamentalmente, como ato político" (CAVALCANTI, 2013, p. 114).

Neste mesmo documento, a ex-secretária de educação fala ainda sobre medidas a serem tomadas, a exemplo da implantação de um modelo de gestão democrática a fim de aproximar a comunidade à escola, com a necessidade de firmar contratos com anexos como também a aquisição de 110 salas de aula (CAVALCANTI, 2013). Sobre isso e argumentando a favor da implantação do Ciclo de alfabetização, o prefeito Jarbas Vasconcelos cultivava o seguinte discurso na época:

Essa proposta vem atender a uma das mais prioritárias demandas de nosso povo: melhorar a qualidade do ensino oferecido pela Escola Municipal e reduzir a grande frustração social decorrente do fracasso escolar na alfabetização. [...] A proposta que ora oficializamos não é só uma resposta; é também e principalmente, o exercício daquilo que chamamos de GESTÃO DEMOCRÁTICA. Todas as decisões, planos, propostas, correções serão ampla e exaustivamente discutidos em todas as instâncias: pais, alunos professores, supervisores, coordenadores, orientadores educacionais, dirigentes e administradores municipais (CAVALCANTI, 2013, p. 112-113).

Nota-se no discurso do prefeito Jarbas Vasconcelos uma proposta que sugere um resgate ideológico saudosista, vislumbrando o sistema de ciclo como sendo a maneira mais adequada; a materialização epistêmica para tratar o descaso com a educação do município ao mesmo tempo responder aos anseios da população. Seria desta forma a retomada de um modelo educacional que foi travado por vinte anos durante o cativeiro da ditadura militar, que acarretou prejuízos diversos no contexto nacional para a população (ALGEBAILLE, 2009). Em contrapartida, agora, através do Ciclo de Alfabetização, tem-se a oportunidade de um retorno que possibilita inovações não apenas educacionais em sentido *stricto*, mas também através do exercício democrático.

Por conseguinte, os atos estabelecidos para melhoria da educação no município do Recife passaram pelas seguintes transformações e/ou implantações: a) Olhar diferenciado para as turmas de pré-escola; b) Aumento do tempo na escola para os estudantes em processo de alfabetização; c) Garantia de vagas aos alunos de primeira série e faixa etária de sete anos; d) Incentivo ao número de vagas para que a criança estudasse da 1º a 4º Série; e) Valorização da cultura popular dentro e fora da escola propondo, desta forma, um diálogo entre educação formal e educação não formal; f) Formação aos sábados para os profissionais da educação; g) Institucionalização da merenda e h) Promoção de concurso público para os profissionais envolvidos com a educação (NASCIMENTO, 1995).

A seguir, sublinham-se os seguintes recortes de discursos entre a equipe gestora; formada por secretária de educação, presidente da Fundação Guararapes, assessor da área de

Estudos Sociais do Ciclo de Alfabetização e o prefeito da cidade; um discurso homogêneo, alinhado e ciente do que se desejava implantar como modelo educacional para o município:

[...] Daí o direcionamento para o resgate da credibilidade da Escola Pública incluindo de um lado, o compromisso com ampliação do número de vagas [...]. Pretende-se assim, construir uma pedagogia da educação municipal que contribua efetivamente para a conquista da cidadania popular. Grifo nosso. (Secretária de Educação Edla Soares. Recife, 12 de março de 1987. Extraído do documento “Escola municipal do Recife: um debate sobre as conquistas populares”, p.5, citado por, CAVALCANTI, 2013, p. 115).

Estamos denominando a alfabetização de nossos alunos de CICLO porque concebemos como um processo que se realizará num contínuo de dois anos, sem a preocupação com a seriação. Como uma ação pedagógica, planejada, executada e avaliada, de forma integrada. Permanentemente corrigida. Daí a necessidade dos sábados com os professores. Sem isso, tudo será malbaratado. A alfabetização é, pois, compreendida como um conjunto de atividades, reflexão e treinamento que permita no final do segundo ano do ciclo o ingresso do aluno na terceira série do 1º grau. O processo deve-lhe garantir domínio de determinadas habilidades e um amadurecimento que lhe permita avançar no seu desenvolvimento intelectual adequadamente. [...] Desenvolvimento intelectual não é luxo burguês. É direito da Classe Trabalhadora. E mais, é condição para que ela cumpra seu papel histórico: agente criador de novas relações sociais. Só assim se pode garantir o advento de uma sociedade humana, portanto justa. Grifo nosso. (Diretor Presidente da Fundação Guararapes, João Francisco de Souza. Recife, 11 de abril de 1986. Documento intitulado “Início do processo de democratização da escola”, p. 3 – 4, citado por, CAVALCANTI, 2013, p. 113).

Resgatar para as diversas áreas de conhecimento trabalhadas na alfabetização, situações, conflitos e dinâmicas operadas pelo contexto social da cidade e vividas cotidianamente pelos alunos da Rede, para retrabalhá-los criticamente no confronto coletivo de idéias, posições e opiniões dos diversos agentes envolvidos no processo (assessorias, instrutoras, diretoras, professoras, alunos, famílias, comunidade). [...]. Grifo nosso. (Assessor da Área de Estudos Sociais do Ciclo de Alfabetização, Flávio Henrique Albert Brayner. Recife, 27 de julho de 1987. Documento intitulado “Situação Social e Política: o contexto da implantação do ciclo de alfabetização”, p. 2, citado por, CAVALCANTI, 2013, p. 118).

Nossa tarefa se impõe a aprendizagem da leitura, da escrita e do cálculo para que a criança da classe popular possa se apropriar dos conhecimentos produzidos pelos cientistas e confrontá-los com a experiência histórica da classe trabalhadora. [...]. No processo de alfabetização a criança será iniciada na compreensão/interpretação/transformação do mundo natural e social enquanto vai adquirido o domínio da leitura, da escrita e do cálculo. Não se trata, pois, de duas coisas. Uma implica na outra. Têm que se realizar simultaneamente. [...]. A criança será iniciada na interpretação de sua realidade de forma ativa, integrada a crítica. Será introduzida num processo de descoberta de seu papel transformador dessa realidade e de construtor de uma nova realidade. Irá aprendendo a se tornar agente da história. Fazendo-

se CIDADÃO. Ser cidadão é ser produtivo, consumidor, brincante, transformador da realidade natural/social, político. Capaz de decidir e de lutar pelo bem comum. Numa palavra, fazedor e consumidor de cultura. Grifo nosso. (Diretor Presidente da Fundação Guararapes, João Francisco de Souza). Recife, 11 de abril de 1986. Documento intitulado “Início do processo de democratização da escola”, p. 2 – 3, citado por, CAVALCANTI, 2013, p. 119).

Não é necessário ser educador - basta ter um mínimo de sensibilidade - para perceber o constrangimento e o sofrimento humanos decorrentes do desconhecimento do mundo da leitura e da escrita numa sociedade letrada. No entanto, é fundamental não reduzirmos o processo de alfabetização ao mero exercício mecânico do LER e ESCREVER. A nossa preocupação mais relevante é fazer da educação um processo que contribua para a construção da cidadania popular. Neste processo, o educando - criança da classe popular - deverá ter acesso ao mundo letrado para tornar-se capaz de compreender criticamente seu espaço social e construir-se sujeito de seu próprio destino. Grifo nosso. (Prefeito Jarbas Vasconcelos. Recife, 11 de abril de 1987. Extraído de um discurso sem título, p.1, citado por, CAVALCANTI, 2013, p. 114).

Nesses discursos identificam-se discursivamente uma prática articulatória na qual há apelo à humanização e ao respeito frente às necessidades humanas, sendo estas consideradas como resultados da ignorância, da falta de acesso à informação e/ou não uso da criticidade. Espera-se, então, através de um processo inclusivo, que o despertar desta consciência crítica vá além da leitura e da escrita, objetivando a construção de sujeitos capazes de ler o mundo e de se posicionarem politicamente. Sendo, portanto, um discurso ideologicamente Freiriano e democrático.

Contudo, o Ciclo de Alfabetização nesse primeiro momento durou somente dois anos, existindo entre os anos de 1986 a 1988. Porém, como forma de admitir o ideal de democracia e educação, a constituição de 88 assegurou em seu capítulo 3, seção 1 e artigo 205 que “[...] a educação é direito de todos e dever do estado”. (BRASIL, 2016, p. 123). Da mesma forma, deferindo o valor do sistema de ciclo, a LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, representada pela lei nº 9.394/96 em seu capítulo II, referente à educação básica e seção I do artigo 23 orienta que:

A educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar. Grifo nosso (PLANALTO, 1996, p.1).

Vale salientar que a descrição anteriormente citada fez-se necessária como forma de situar o leitor a respeito do contexto educacional municipal no período estudado e que nesse momento não se constitui como objetivo desse trabalho distender a política acima mencionada. Entretanto, em continuidade ao presente texto, passaremos às análises dos discursos referentes aos sujeitos diretamente ligados ao *lócus* desta pesquisa.

#### **4.2 OS SUJEITOS E SUAS PERCEPÇÕES DISCURSIVAS: A educação do Reisado Imperial na Bomba de seu Hemetério sob análise**

Uma vez cientes do contexto educacional no município do Recife na década de 80, julga-se importante a descrição das condições de produção para a construção do *Corpus* em destaque. As entrevistas foram realizadas entre os meses de Setembro de 2019 e Janeiro de 2020. Contamos com a participação de 11 sujeitos entrevistados. As entrevistas foram realizadas em diferentes locais de acordo com a disponibilidade e particularidade de cada voluntário. Algumas entrevistas foram realizadas na residência deles, outras em lugares públicos, sendo as referentes aos representantes do reisado cumpridas no próprio ambiente da instituição.

Aos entrevistados foi assegurada a discríção referente às informações, mesmo tendo ciência, especificamente, de que os responsáveis pelo Reisado Imperial são pessoas públicas. Entretanto, como forma legal para uso dos dados, cada participante preencheu e assinou um termo de consentimento. Os roteiros oficiais para as entrevistas se encontram no Apêndice A e o modelo usado para o termo de consentimento se encontra no Apêndice B. Contudo, é importante lembrar que a experiência no campo de pesquisa pode sugerir desdobramentos dentro dos temas perguntados, desta forma o conteúdo e ordens finais do andamento, em alguns casos, se diferenciaram do roteiro primitivo.

De forma geral, os questionamentos realizados nas entrevistas se voltaram para compreender as seguintes categorias: cultura e educação, cultura e renda, hibridização cultural e religiosa no reisado, cultura popular, educação formal e educação não formal, educação na Bomba do Hemetério e as relações de força e de lugar entre as instituições envolvidas na pesquisa.

Como forma de identificação dos sujeitos colaboradores, utilizamos os seguintes códigos: para antigos moradores do bairro - Moradora 1, Morador 2, Morador 3; para os alunos da escola do Reisado e Antônio Tibúrcio - Estudante 1 e Estudante 2; para a docente da escola Antônio Tibúrcio - Professora; para a gestão da mesma escola - Diretora; para os

brincantes do reisado - Brincante 1 e Brincante 2 e para os responsáveis pelo Reisado - Mestre e Contramestre.

A seguir, passaremos a descrição dos principais temas discutidos nas entrevistas e suas análises:

**Quadro 2** - Temas norteadores e seus objetivos alinhados aos moradores do bairro.

Temas	Objetivos
1. Formação do bairro.	Conhecer através da técnica da história oral os processos de formação do bairro.
2. Contexto educacional da Bomba do Hemetério.	Conhecer através dos discursos dos moradores o processo de desenvolvimento educacional do bairro.
3. Bomba do Hemetério como rota turística do Recife.	Identificar nos discursos os pontos negativos e positivos desta política de desenvolvimento local.
4. O Reisado como integrante da cultura local.	Identificar nos discursos qual a importância do Reisado para a comunidade.

**Fonte:** Elaboração do Autor, 2020.

O primeiro bloco de análise das entrevistas se inicia pelos discursos de moradores do bairro que, quando perguntados sobre o processo de formação do bairro, descrevem dificuldades referentes a transporte, moradia, comércio, educação, saúde, dentre outras. A fala da moradora abaixo é um modelo alusivo à deficiência do transporte público na localização:

Primeiro dia em que eu cheguei aqui pra Bomba não tinha nem ônibus. **(Breve Pausa)** aí, eu vim de pés da cidade com papai até aqui na Bomba pra chegar na Bomba. Primeiro dia que eu vim, né? Depois, só tinha dois ônibus na Bomba nesse tempo. Quando um ia, o outro voltava...era assim, só tinha dois ônibus só! (MORADORA N°1, 2019).

Entretanto, os entrevistados em relação ao desenvolvimento do bairro são unânimes no reconhecimento, como descrito no primeiro capítulo, referente às aquisições da comunidade nos últimos anos:

Melhorou e muito! Muito, porque na frente de casa aqui mesmo era (leve pausa) um rego, né? Tanto na frente como atrás, que aqui num era calçado não! (MORADORA N°1, 2019).

Nasci e me criei ali no bairro da Bomba do Hemetério já há 43 anos, é... e assim, muita coisa mudou ali no bairro (MORADOR, N° 2, 2020).

Em relação ao tema contexto educacional da Bomba do Hemetério os discursos também se repetem mostrando um número reduzido de instituições de ensino no bairro:

Tinha, tinha uma escolazinha, mas era muito... sacrificante para colocar os meninos, porque vaga, oxe! Era pra gente dormir lá, pra pegar uma vaga prós meninos (MORADORA N°1, 2019).

Não, não porque... eram poucas vagas, né?! Aí, então a gente tinha que partir pra outros bairros, pra outros setores assim do bairro (MORADOR N° 2, 2020).

Considerando a alfabetização de Jovens e Adultos através da chamada “política de liberação” que se baseava num agrupamento de ações cujo objetivo primitivo era oportunizar de forma rudimentar o “[...] ensino para contingentes populacionais até então excluídos da escolarização ou submetidos à permanência reduzida” (ALGEBAILLE, 2009, p. 215), uma moradora recorda sua prática através do MOBREAL fazendo alusão a uma ideologia de cunho assistencialista. Em Análise de Discurso (AD), a ideologia não se concebe “[...] como conjunto de representações, como visão de mundo ou como ocultação da realidade” (ORLANDI, 2005, p. 48); pelo contrário, ideologia é resultado de uma construção de sentidos produzidos pela interseção entre sujeito, língua e história. Dito de outra forma: É o ajuntamento de partículas discursivas que ganham sentido pelo fato do sujeito ser influenciado tanto pela língua quanto pela história. Vejamos:

Pronto, aí saía uma equipe de duas ou três professoras pra ir pra MOBREAL porque a MOBREAL (leve Pausa) que tinha...eles davam uma alimentaçãozinha de quinze em quinze dia, assim: uma lata de óleo, ajudava, né? Aqueles Mobral! Tinha uns que não sabiam nem o nome (MORADORA N° 1, 2019).

Nota-se que como tentativa de redução do analfabetismo no país, de acordo com o recorte de discurso acima, utensílios alimentícios eram distribuídos com o fim de mascarar necessidades sociais. Quanto a isso, Algebaile (2009) comenta que o final da década de 1970 retoma políticas da década de 1940 pelo fato de criar programas voltados para o assistencialismo, pois a escola teria função preponderante para este funcionamento. Estas políticas, em conjunto com a “[...] educação e redução da pobreza, [...] saúde escolar, bem como nas ações de instituições e órgãos que lidavam com serviços básicos, assistência social [...]” (ALGEBAILLE, 2009, p. 2017) aludiam ao imaginário popular do antigo MOBREAL.

Por conseguinte, quando o estudante chegava a uma determinada série, caso desejasse dar continuidade aos estudos, a única alternativa era o deslocamento para bairros vizinhos:

Tinha que se locomover para outros bairros, como Beberibe, que eram os mais próximos, né? Eu acho que Dois Unidos, Arruda, né? No meu caso eu estudei em uma escola que era no Arruda [...] ou então, o alto José do Pinho, né? Que eu concluí. Avenida Norte... A gente tinha que se deslocar do bairro (MORADOR Nº 2, 2019).

Eu particularmente saía daqui da Bomba do Hemetério e estudei no Rosa de Magalhães porque aqui não tinha na época assim escola, a não ser esta escola o reisado e o clube dos jovens que tinha também uma escola lá (MORADOR Nº 3, 2020).

Como se observa, a falta de acesso à escola era o grande oponente a ser vencido nesse período. Tal obstáculo começou a ser superado através da mobilização popular influenciada pelo desejo de retomada da democracia:

E foi uma aquisição que a comunidade adquiriu, né? Se juntou, se levantou pessoas ali da comunidade e trouxe essa é... Como é que eu posso dizer?! Esse bem pra nossa comunidade, né? Que hoje em dia é a escola *Mardônio Coelho* (MORADOR Nº 3, 2020).

O tema seguinte diz respeito à Bomba do Hemetério como rota turística da cidade do Recife. Sobre este assunto é importante lembrar que, conforme visto no capítulo primeiro, isto se deu como uma iniciativa do Instituto Walmart através do programa "Bombando Cidadania" onde haveria uma inserção através de uma ação de desenvolvimento local do bairro da Bomba na rota turística da cidade. Quanto a isto, as entrevistas colhidas não ratificam o que os documentos oficiais comunicam. Observemos estes recortes:

Eu não vejo chegar um ônibus parar lá na praça e sair lá mostrando onde tem isso, onde tem aquilo, isso não existe, isso não existe! Né... na prefeitura tá aí, tudo bonitinho, mas na realidade isso aí não existe. É um ponto turístico? A Bomba é considerada um ponto turístico? É! Mas não funciona dessa forma como lá em Olinda, chega lá na praça do Jacaré, os turistas desce, e vão visitar os pontos turísticos... na Bomba do Hemetério não existe. [...] eu não vejo isso ocorrer na comunidade. Se ocorreu, pode ter sido uma vez perdida, mas na realidade, isso aí não é vivenciado na nossa comunidade não (MORADOR Nº 2, 2019).

Aqui mesmo eu nunca vi, o turismo nunca foi presente aqui (**silêncio**) Nunca! Nunca esteve aqui se quer um dia de você dizer assim: Hoje, veio alguém de tal lugar, um Ônibus, um pessoal pra conhecer aqui não, eu nunca vi! E eu trabalho aqui no bairro, trabalho no bairro já estou há 15 anos, 22 anos aqui, né? (MORADOR Nº 3, 2020).

Tais relatos trazem dúvidas no que se diz respeito, por exemplo, ao guia turístico do bairro desenvolvido pelo SEBRAE e intitulado como "Polo Cultural da Bomba do

Hemetério"; material este que traz as orientações necessárias para o turista que deseja conhecer o que o bairro tem a oferecer. Pode-se conjecturar que talvez o guia mostre o que se pretendia alcançar na comunidade e num dado momento introdutório até se chegou a atingir, contudo, tais propostas não alcançam tais visibilidades.

Quando questionado sobre a possibilidade de turistas aparecerem ao longo do ano, o entrevistado nos respondeu:

Na época de...de carnaval, é quando aparece. É a única época. Porque vem, eu acho que no meio dos maracatus, que eu vejo algumas pessoas diferentes, né [...] mas chegar pra ver um ônibus parado lá e turistas descendo?! Isso eu nunca vi! Nunca presenciei (MORADOR N° 2, 2019).

Desta forma, de acordo com os discursos, a imagem do bairro continua a ser sustentada como sempre pelo grande número de representantes da cultura popular que lá residem, encobrindo através do marketing de suas ações o que é dito acontecer na comunidade. Entretanto, mesmo discordando dos discursos oficiais, os moradores entrevistados reconhecem nas culturas existentes no bairro pontos positivos como fonte de renda e de reconhecimento. Assim, transparece em suas falas ideologias de pertencimento e identidade:

Lucro pra comunidade, né? Vai trazer turistas, eu tenho essa visão, né? Vindo pessoas de fora, vai atrair dinheiro para a comunidade, gerar, né? Fazer aquele dinheiro girar na própria comunidade (MORADOR N° 2, 2019).

Com certeza trás. Tanto pro comércio, pra comunidade de um modo geral né! Além acho assim, que a Bomba do Hemetério é um bairro assim muito... é assim... tem muito, tem muita coisa assim pra o turismo, né? Que nós temos aqui o Reisado Imperial, nós temos Gigante do Samba (MORADOR N° 3, 2020).

Nestes recortes discursivos observa-se o conceito de desterritorialidade tratado em Canclini (2008), no sentido de promoção da multiculturalidade do território, o qual contribui tanto como fonte de renda quanto para o aquecimento da economia local; todavia, quando perguntados sobre supostos aspectos negativos trazidos pela cultura ao bairro, os moradores puderam ressaltar alguns:

Assim, né, o que eu acho é a violência, é... o uso de drogas, porque isso atrai, né?! Infelizmente atrai, né? Quando você tem um movimento maior, um fluxo maior de pessoas, então você atrai isso aí, é atraído para a comunidade, né? É o ponto negativo que eu vejo, né? (MORADORA N° 2, 2019).

Sim, segurança é muito pouca. É muito precária, segurança e outra coisa também, agora particularmente assim né, no momento nós estamos tendo muitos problemas assim com os adolescentes usando droga, né?! (MORADOR N° 3, 2020).

Como visto nesses dois recortes, violência e droga têm sido pontos identificados como negativos e que acompanham as manifestações culturais. Mais especificamente na primeira fala, podemos encontrar um conceito trazido por Canclini (2008, p. 325), tido como "[...] um movimento complexo que chamaríamos de *reterritorialização*". Este, diz respeito a indivíduos locais que por mais que reconheçam os benefícios oriundos dos intercâmbios culturais, exigem a demarcação do território como maneira de distinção entre aqueles que se fixam na localidade e os que estão apenas transitando por tempo determinado e que nessa transição trazem consigo elementos promotores de nova territorialidade.

Ainda no primeiro recorte podemos encontrar o uso do dispositivo analítico *interdiscurso* que segundo (ORLANDI 2005, p. 31) "[...] é aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente". Assim, através de sua memória discursiva, a moradora N° 2 afirma em sua fala que tais aglomerações de pessoas em práticas culturais são potencialmente sujeitas ao uso de drogas ilícitas e de violência. Mas, qual o fundamento de tal afirmação? Tal fundamento para essa afirmação se encontra em diversos outros dizeres "[...] já ditos por alguém, em algum lugar, em outros momentos, mesmo muito distantes" (ORLANDI, 2005, p. 31) perpassados pela ideologia da violência que tem afetado não somente o bairro estudado, mas o estado de Pernambuco como um todo. Logo, se repete o que se ouviu numa transferência dos sentidos passados a uma resignificação nos sentidos presentes.

Com relação à temática referente ao reisado como integrante da cultura local, este é lembrado nos relatos sempre de forma respeitosa tendo o seu valor cultural reconhecido:

Eu não sei se é no domingo ou se na segunda que eles vão desfilar, eles primeiro antes de ir à cidade fazer o desfile oficial deles, eles contemplam a nossa comunidade, né? Eles vêm todos caracterizados, se apresentam ali, mesmo antes de existir o Polo de Carnaval, eles já faziam isso (MORADOR N° 2, 2019).

Ah! Era bom! O reisado era uma das atrações, uma das melhores atrações daqui do bairro, né?! [...]. Todos os eventos antes deles sair, todas às vezes ele fazia uma apresentação aqui no largo da Bomba, mesmo quando eles iam se apresentar fora ele tinha as apresentações deles aqui no bairro da Bomba (MORADOR N° 3, 2020).

Nos recortes seguintes, observa-se a menção à valorização da tradição e da manutenção, considerando que a produção realizada nesse ambiente não deve ser alterada.

Logo, tais discursos sugerem uma ideologia conservadora purista que têm dificuldade em lidar com deslocamentos e mudanças culturais:

Que é uma brincadeira sadia, pra mim aquilo ali é uma coisa sadia, né? Uma coisa que começou em família...começou em família e hoje em dia, é... abrange algumas pessoas da nossa comunidade, né? Como participantes (MORADOR N° 2, 2019).

E muitos anos, assim seu Geraldo, os filhos dele, tudo participava, a comunidade, porque o pessoal que participava do reisado era tudo da comunidade (MORADOR N° 3, 2020).

**Quadro 3** - Temas norteadores e seus objetivos alinhados aos estudantes da escola do Reisado.

Temas	Objetivos
1. A experiência de estudar no Reisado.	Analisar as impressões do estudante referentes à instituição de ensino durante o tempo em que lá esteve.
2. Educação não Formal no ambiente Formal.	Compreender como o reisado participava na dinâmica da educação formal da escola Antônio Tibúrcio.
3. Merenda Escolar	Compreender a importância da merenda numa comunidade carente.

**Fonte:** Elaboração do Autor, 2020.

O segundo bloco de análise das entrevistas segue com a participação de ex-estudantes da escola do Reisado Imperial vinculada a Antônio Tibúrcio. O primeiro tema refere-se à experiência de estudar neste espaço mediador entre a educação formal e não formal:

Eu gostei muito de estudar lá, estudei lá 3 anos, saí de lá em 87 aí fui estudar no clube dos Jovens, na ru... no Alto Santa Terezinha. [...]. Eu estudei a 1ª, 2ª e 3ª série lá, no Reisado Imperial. Eu gostava muito, ambiente bom, professores bons, o ensino também, era muito bom (ESTUDANTE N° 1, 2019).

Na verdade a gente na escola aprende muita coisa, gosta de tudo, né? Eu era a menina que gostava muito de estudar, nessa faixa etária a gente fica muito entusiasmado, né? Com tudo e aí eu me apegava a tudo, gosto de tudo de tudo (ESTUDANTE N° 2, 2019).

Repara-se que os discursos aparecem bem determinados em relação aos serviços oferecidos, o que contribuiu para boas memórias dos estudantes e sinaliza uma ideologia

positiva no que se refere à parceria existente entre o reisado e a escola Antônio Tibúrcio. Vale salientar que a citação "Clube dos Jovens" no primeiro recorte, faz referência ao antigo nome da Escola Municipal Antônio Tibúrcio.

A próxima temática diz respeito a atividades do Reisado como representante de uma educação não formal em diálogo com a educação formal:

Às vezes dia de folclore sim! Eles botavam apresentação sim. Não sempre, mas às vezes (ESTUDANTE N° 2, 2019).

Este recorte limita a participação do reisado no ambiente escolar apenas ao dia do folclore, contudo, mais à frente, iremos encontrar, nas falas de outros sujeitos entrevistados, uma contradição em relação a essas falas no que tange à atuação do reisado nesse contexto.

Na próxima temática, no que concerne à merenda escolar nota-se a sua importância como parte integrante no ambiente de ensino:

Fardamento, a merenda muito boa, tinha merendeira, todos os dias, não faltava lanche pra gente (ESTUDANTE N°1, 2019).

Crianças que essa escola, escola aqui do bairro humilde não era na escola humilde e essa escola ela trazia o pessoal dali da invasão aqui da Bomba do Hemetério e esse pessoal ele às vezes saía de casa sem alimentação, vinha para escola e quando tinha alimentação eles davam valendo mesmo, comia muito até repetir (ESTUDANTE N°2, 2019).

Nota-se que neste período esse espaço não era diferente de outros em comunidades carentes onde a escola torna-se um ambiente de refúgio, de abrigo, um local onde a criança espera ser assistida diante de sua situação de vulnerabilidade. Logo, a escola do reisado, nas atribuições de suas funções, de acordo com os discursos dos ex-estudantes, cumpria com esse papel enquanto espaço de acolhimento.

**Quadro 4** – Temas norteadores e seus objetivos alinhados a partir da proposta da direção da escola Antônio Tibúrcio e o Reisado Imperial.

Temas	Objetivos
1. Comentário de experiência frente à escola.	Descrever de maneira geral sua vivência no Reisado Imperial.
2. Funcionamento dos turnos escolares.	Informar sobre os horários de funcionamento da escola e as séries oferecidas.

3. O reisado na sala de aula.	Compreender como o reisado participava na dinâmica da educação formal.
4. Contexto educacional da Bomba do Hemetério no período.	Acessar informações sobre a situação educacional do bairro no período.
5. Identificação da diretora com a comunidade.	Conhecer as origens desta identificação entre diretora e comunidade.
6. A mobilização da secretaria de educação em 86.	Acessar pontos da política educacional liderada pela secretária Edla Soares.
7. Ingerência do reisado na escola.	Compreender as relações de poder nessa situação específica.
8. Maiores dificuldades no anexo do reisado.	Identificar as dificuldades mais explícitas encontradas pela gestão.
9. Merenda Escolar	Conhecer relatos sobre a qualidade da merenda servida.

**Fonte:** Elaboração do Autor, 2020.

O terceiro bloco de análise das entrevistas refere-se ao discurso/relato da diretora da Escola Antônio Tibúrcio e Reisado Imperial entre os anos de 1986 a 1996. Neste sentido, ela descreve seus anos de docência e de gestão que contabilizam um total de 34 anos no mesmo local de trabalho. Inicia sua fala nos informando que no ano de 1986, na gestão do prefeito Jarbas Vasconcelos, a escola Reisado Imperial já funcionava filiada à antiga Fundação Guararapes. Seu corpo docente, *a priori*, era composto por três professoras, sendo uma delas também responsável pela administração. Todavia, com a nova política de ampliação da rede de ensino e de funcionamento da escola apenas no período diurno, os apelos da comunidade junto à prefeitura do Recife para oferecer um curso para jovens e adultos no período noturno se intensificaram, sendo para isso necessário a conquista de um novo espaço:

No objetivo de ampliar o número de vagas na comunidade, a prefeitura pediu para buscar mais anexos ou ampliar os que já existiam. [...]. Tinha um professor responsável que só funcionava durante o dia e a comunidade ao ser ouvida pela prefeitura, solicitava que houvesse também a noite um curso de educação de jovens e adultos. [...] e o Reisado Imperial passasse a ser um anexo da escola Antônio Tibúrcio que funcionava lá na Rua Tamboara, na qual eu era gestora (DIRETORA, 2019).

Percebe-se no discurso acima o intuito da prefeitura, mobilizado pelas classes populares, em ampliar o quantitativo de oportunidades de acesso à escola, o que remonta a uma ideologia expansionista do ensino, a exemplo da proposta oriunda do período militar. Desta maneira, a ideologia expansionista, alinhada à ideologia da globalização na década de 80, colocava em evidência as questões relacionadas tanto à pobreza e desigualdades, quanto o reconhecimento de direitos, sendo-os então, ratificados na constituição de 1988 (ALGEBAILLE, 2009).

Nesse contexto, o debate referente à pobreza em âmbito federal surgia no novo Brasil democrático como um problema capaz de ser vencido através da inclusão social movida pelo crescimento econômico. Deste modo, o processo inclusivo serviria como um controlador de possíveis conflitos sociais oriundos das desigualdades econômicas. Quanto a isso, Leher (1998, p. 51), citado por, Algebaile (2009, p. 266) comenta que "[...] a promessa de desenvolvimento a todos aqueles que compartilhassem do 'mundo livre' funcionou como um meio de garantir a ordem social".

Ainda sobre isso, é interessante ressaltar que o tema pobreza era vinculado, contemporaneamente, ao discurso da época e também o da diretora entrevistada a uma ideologia da globalização que atuava no período como uma forma de minimizar danos econômicos, procurando reduzir as "[...] condições de privações e marginalidade que, a partir de certo limite, oferecem riscos aos rumos traçados pelos centros do poder mundial ou, no mínimo, riscos à sua realização serena" (ALGEBAILLE, 2009, p. 266). Logo, como tática utilizada, colocaram-se sob a educação escolar as tarefas de: a) redução da pobreza; b) melhorias nas condições de vida e c) crescimento econômico para nações subdesenvolvidas. Assim, a filosofia a ser disseminada era que tanto a pobreza quanto os dilemas sociais eram resultados da carência educacional não oportunizada ao pobre. Assim, a máxima a ser reproduzida era que:

[...] a educação escolar é o meio por excelência de garantir-lhe novas condições de empregabilidade, aumentar sua produtividade e modificar seu comportamento, de forma que ela se torne capaz de atuar positivamente na melhoria geral de condições de vida (ALGEBAILLE, 2009, p. 267).

Já num mundo globalizado se faziam necessárias as "reformas educacionais, orgânicas ao ajuste estrutural, que adequassem os sistemas de ensino aos novos limites impostos à atuação do estado e [...] pelo mundo" (IBIDEM). As prioridades dessa expansão fixavam-se sob o ensino mais elementar e em avaliações constantes das práticas docentes como forma de controle ficando os elementos essenciais de lado como qualidade e autonomia:

[...] circunscritos a essa visão gerencial, pautada na atuação da escola como instância administradora de verbas, currículo, métodos, formas organizacionais e recursos definidos a partir de cima; na atuação de professores como executores das tarefas implicadas; dos pais e da 'comunidade' como colaboradores, especialmente quanto à fiscalização e à cobrança da atuação prefixada da escola e dos professores (ALGEBAILLE, 2009, p. 267).

Nesse processo de expansão, as aulas passaram a ser oferecidas em turnos variados, acarretando no que Algebaile (2009, p. 294) chama de "tresdobramento" como maneira de responder a grande demanda.

No recorte seguinte, podemos verificar nas palavras da diretora da escola do reizado o horário de funcionamento:

O dia todo. Eu dava assistência lá no primeiro turno, lá também havia o turno intermediário que naquela época chamava o turno da fome que era de sete as onze de onze as três de três às seis horas (DIRETORA, 2019).

Questionada, a diretora explica que o turno da fome era a nomenclatura dada ao horário intermediário em que "o aluno não se alimentava com o almoço direito e o aluno também vinha e comia só uma merenda, mas não era um almoço mesmo pra ele" (2019). Corroborando com esta definição, Algebaile (2009) comenta que este horário não era bem quisto pelos pais, exceto para aquelas famílias consideradas mais pobres, pois ao menos o almoço poderia estar garantido. Contudo, como exposto acima no recorte da diretora, a referida autora também destaca haver desconfianças se de fato este almoço era servido na íntegra.

Com esta demanda acentuada e com vários turnos escolares em funcionamento, Algebaile (2009) comenta que esta expansão só seria possível caso houvesse "[...] o mecanismo do truque<sup>11</sup>". Desta forma, havia no país manipulações tanto do tempo quanto do espaço escolar. Do tempo porque a quantidade de horas na escola era minimizada para haver tempo suficiente para outras turmas receberem também o ensino e do espaço porque turmas superlotadas despertaram uma política para aquisição de novos espaços escolares (anexos). Esses novos espaços aliados às redes de ensino não tinham indispensavelmente que ser adaptados ao *modus operandi* de uma escola. Desta forma, Algebaile (2009, p. 299) conceitua um anexo da seguinte maneira:

---

<sup>11</sup> Ações oriundas das classes populares "[...] com vistas a sanar, ainda que precariamente, certas debilidades no enfrentamento de problemas" (ALGEBAILLE, 2009, p. 290).

[...] um conjunto de atividades escolares regulares, de uma ou várias etapas de ensino, realiza-se em um prédio específico, ou em parte de um prédio, sem que tenha sido criado um novo estabelecimento de ensino. Sendo uma espécie de extensão de um estabelecimento de ensino [...] não tem autonomia administrativa, mantendo-se subordinado, do ponto de vista pedagógico, financeiro, funcional e organizacional, à direção do estabelecimento de ensino cuja sede funciona em prédio próprio.

A diretora relata que mesmo o espaço do anexo oferecendo apenas uma sala de aula, não se constituía obstáculo para as ministrações das aulas, pois:

Isso foi um marco muito bom porque a gente conseguiu ter muitas turmas lá, tinha uma sala de aula só, mas por muito tempo a gente continuou com educação de jovens e adultos, turmas cheias, uma professora excelente também, e que a gente continuou muito tempo lá! (DIRETORA, 2019).

### Fotografia 2 - Conselho Escolar



Fonte: Arquivo pessoal da Diretora, 1987.

Com as novas demandas a equipe de trabalho deveria ser ampliada. Desta maneira, a fotografia mencionada faz referência à posse do Conselho Escolar no ano de 1987. Nela, podemos encontrar a equipe de professores da Escola Reisado Imperial e da Escola Antônio Tibúrcio.

Levando-se em consideração, ainda, os relatos da gestora, cuja temática, desta vez, aborda o reisado em sala de aula, nos deparamos com a presença de uma ideologia pluralista a partir do momento em que a escola institucionalizada possibilita, nos enunciados de sua fala,

um diálogo entre dois modelos de educação, ou seja, a educação formal e a educação não formal:

Seu Geraldo muitas vezes deu entrevistas, palestras, então, nessa época [...] houve uma possibilidade de fazer uma interação na comunidade, porque a gente tinha lá no alto Santa Terezinha, Antônio Tibúrcio e tinha também lá em baixo o Reisado Imperial que era um exemplo vivo de cultura, que a gente aproveitou muito isso. Os alunos tinham aula dentro da sala, onde muitas vezes, a gente tinha as vestimentas do Reisado Imperial. A gente tinha seu Geraldo que entrava e a gente, e proporcionava pra que ele conversasse com os alunos, então foi um momento muito rico (DIRETORA, 2019).

Não se pode negligenciar que a história da educação denuncia a educação formal como produtora de uma escola que valoriza uma epistemologia monocultural. Quanto a isso, Semprini (1999) - tomando como base o conceito de John Searle, um dos grandes pensadores deste debate - socializa alguns comentários a respeito desse modo de pensar, dividindo-o em quatro tópicos: a) uma redução do sujeito às suas funções intelectuais e cognitivas - fazendo alusão a uma filosofia cartesiana e a divisão do homem em corpo e espírito, imaginários estritamente de uma cultura ocidental; o indivíduo é instigado todo tempo a construir raciocínios, sistematizar ideias e pareceres.

Nesta lógica argumentativa, outros aspectos constitutivos do ser humano como "[...] afetos, emoções, crenças, sensações, subjetividade - são consideradas quando muitos elementos secundários" (SEMPRINI, 1999, p. 87), pois conferir evasão a estes espaços subjetivos conduzem o indivíduo à valorização da chamada "tradição" e, por tabela, tudo o que compõe o imaginário das massas sobre as chamadas superstições, o que é nocivo ao inteiro desenvolvimento da racionalidade; b) uma desvalorização dos fatores culturais e simbólicos da vida coletiva - a consideração epistêmica só é concedida ao que não é considerável volátil como os "Fenômenos holísticos e dificilmente objetiváveis [...], a cultura e as práticas simbólicas escapam por definição" (SEMPRINI, 1999, p. 87).

Logo, apenas a utilização da razão e cognições humanas juntas aos "fatos sociais (contratualismo, realismo, filosofia analítica)" são adequados a constituírem o bojo monocultural; c) a crença numa base biológica de comportamento - define-se como o pressuposto científico cuja pretensão é esclarecer as ações humanas com base em sua herança genética e, finalmente, d) orgulho pelas conquistas do pensamento ocidental - este tópico traz a garantia de que construções artísticas e intelectuais oriundas "[...] da tradição ocidental representam a conquista máxima do espírito humano" (SEMPRINI, 1999, p. 88).

Observa-se que o monoculturalismo é a antítese do multiculturalismo, pois enquanto o segundo considera que "[...] a realidade é uma construção; as interpretações são subjetivas; os valores são relativos e o conhecimento é um fato político" (SEMPRINI, 1999, p. 83 - 84), o primeiro defende que "[...] a realidade existe independente das relações humanas; a realidade existe independentemente da linguagem; a verdade é uma questão de precisão de representação e o conhecimento é objetivo" (SEMPRINI, 1999, p. 85 - 86). Tais afirmações monoculturais são o discurso quase que hegemônico social. Isto se dá pelo fato de suas declarações serem mais simples e tranquilizadoras, garantindo assim, "[...] que a verdade existe, que é possível conhecê-la, que existe uma solução para cada problema e que é a ciência quem dará tal solução" (SEMPRINI, 1999, p. 89).

Contudo, tornando prática a política defendida pela gestão do governo Jarbas Vasconcelos, que almejava construir um "cidadão fazedor e consumidor de cultura", segundo as palavras do diretor presidente da Fundação Guararapes, João Francisco de Souza, citadas por Cavalcanti (2013, p. 119), há aqui um rompimento parcial com um modelo educacional tradicional, histórico e monocultural. Nesta perspectiva, apresentamos na fotografia abaixo, a materialização do pensamento educacional pretendido no período. Pode-se observar na foto a diretora que encontra-se com o microfone ao centro, no ano de 1989 numa apresentação do Reisado Imperial no pátio da Escola Antônio Tibúrcio, em que os alunos das duas instituições de ensino se encontraram num intercâmbio raro para apreciação cultural, ratificando a parceria existente entre os dois espaços educacionais.

**Fotografia: 3 - Encontro Cultural**



**Fonte:** Arquivo pessoal da Diretora, 1989.

Desta forma, o trânsito do mestre do Reisado no ambiente escolar compartilhando a história do reisado, o imaginário popular e a visualização das vestes ou figurinos, possibilitava para o estudante um significado dentro da escola e a valorização da cultura local, a qual muitas vezes não é encontrada pelo fato de a escola ser herdeira de um pensamento de exclusão multicultural.

Assim, entende-se que a escola não pode ser destituída de sentido e, para tal, a utilização da cultura local contribui nesse processo de significação para o seu público. Corroborando com esta ideia Freitas defende que:

A escola e, conseqüentemente, a educação, como espaço em que as contradições sociais se manifestam, converte-se em um dos cenários do multiculturalismo. A presença das múltiplas culturas não é uma invenção escolar, mas a convivência entre as múltiplas culturas existe no ambiente escolar e é fator importante no contexto que estamos tratando. Essa convivência é resultado das interações humanas, seja por processos de colonização, migração, êxodos, guerras (FREITAS, 2011, p. 90).

Por conseguinte, em relação ao tema contexto educacional do bairro nesse período, a diretora retoma novamente em sua memória discursiva o discurso ideológico expansionista, pois a maior dificuldade da população era conseguir uma vaga na escola:

Era luta do acesso. Hoje é a luta da qualidade né, do ensino. Era a luta do acesso, pois muitos alunos no período de 1970 a 1977 muitos alunos estavam de fora da escola, de fora mesmo, pois não tinha vaga (DIRETORA, 2019).

Ao informar sobre a luta pelo acesso à escola naquele período, em comparação à qualidade do ensino na contemporaneidade, a entrevistada traz em seu discurso uma crítica de fundo ideológico qualitativo, onde afirma que hoje o acesso é facilitado, mas, em contrapartida, o ensino é deficitário.

Dando prosseguimento aos temas propostos, chegamos às enunciações que tratam da identificação da diretora com a comunidade. Segundo ela, seu pai era vereador antes dos anos 70 e proporcionava atividades diversas para a comunidade no prédio da escola Antônio Tibúrcio. Vejamos o recorte:

Ele tinha uma escola lá que funcionava com o ensino de primeira a quarta série como chamava o ensino primário e também com cursos profissionalizantes que eram: datilografia, costura e lá no prédio funcionava atividades de esportes também, com jogo, clube de jovens, com dança tinha também, a dança. Então, funcionava como na área de esporte, lazer e educação. Isso com ele né, porque ele sempre foi político e vivia com essa atividade (DIRETORA, 2019).

Podemos observar neste discurso o reaparecimento de uma ideologia de caráter assistencialista que se define de acordo com Bueno (1996, p. 78) como: "sistema ou prática que preconiza e/ou organiza e presta assistência a membros carentes ou necessitados de uma comunidade".

Contudo, voltando à fala da diretora, ela afirma que com as mudanças ocorridas com a LDB de 71, das quais cita a exigência da formação do professor para exercício do magistério e a adequação dos locais de ensino, houve então a busca pela ampliação destes locais, realizando-se assim a parceria entre a Antônio Tibúrcio e a Fundação Guararapes, pois se sentiu:

[...] a necessidade de amparar os meninos que estudavam lá o primário e fez convênio com a Fundação Guararapes [...] em 1976, por sua vez a Fundação Guararapes estava num processo de expansão da rede e estava buscando espaços nas comunidades para expandir a rede por conta do número de crianças fora da escola. [...]que desejou alugar o prédio para ampliar e qualificar o ensino, ampliar e qualificar o ensino diante das exigências da lei das diretrizes e bases (DIRETORA, 2019).

Agora, com o Antônio Tibúrcio também conveniado com a Fundação Guararapes, a exemplo do Reizado Imperial, este, pela sua proximidade local, passa a ser administrado pelo mesmo grupo de profissionais que prestavam serviço ao Antônio Tibúrcio. Prosseguindo agora com relação à temática mobilização da secretaria de educação em 86, sob a coordenação da secretária de educação Edla Soares, a diretora reconhece o trabalho da gestão municipal, no entanto, em seu discurso, relata que o trato da secretária com o então diretor da Fundação Guararapes, João Francisco de Souza, expressava uma relação de força difícil. Para Orlandi (2005) a relação de força esboça o local de fala do sujeito constituído pela hierarquia:

Estamos denominando a alfabetização de nossos alunos de CICLO [...]. Como uma ação pedagógica, planejada, executada e avaliada, de forma integrada. Permanentemente corrigida. Daí a necessidade dos sábados com os professores. Sem isso, tudo será malbaratado (Diretor da Fundação Guararapes, 1986)

[...] foi nesse momento em que ela, ela muitas vezes fazia com que a gente em dias de sábado, fosse pras feiras, fosse pra comunidades escrever aqueles alunos que estavam fora da escola e que a gente fosse buscar um anexo ou alguma sala para atender estes alunos que estavam fora e ele fazia dos sábados dia de formação (DIRETORA, 2019).

Podemos verificar que a alfabetização em Ciclo necessitava de planejamento e avaliação constantes, a fim de corrigir os erros que fossem aparecendo no percurso e, para

isso, eram necessários os sábados para a presença dos docentes como agentes desse processo de construção, contudo, parece ter havido um desvio disso, uma vez que de acordo a entrevistada, o presidente da Fundação Guararapes creditava os sábados para processos formativos dos professores e não para trabalho de campo; ação esta orientada pela secretária de educação. Assim, com a proposta ideológica expansionista da educação que se repete nos presentes discursos, a educação na primeira gestão municipal do Prefeito Jarbas Vasconcelos proporcionou para os bairros da Bomba do Hemetério com o Reisado Imperial e no Alto Santa Terezinha com a Escola Municipal Antônio Tibúrcio, de acordo com o discurso da diretora, os seguintes resultados: "As turmas ficaram lotadas, muitas salas em algumas séries iniciais muito cheias, muitos alunos, mas porque era o momento que a sociedade estava sempre pedindo pra que tivesse o acesso" (2019).

Quando perguntada se havia ingerência do Reisado na escola, a resposta diretamente foi afirmativa.

Havia sim. Não era tudo mil maravilhas, né? Claro! Muitas vezes ele... (silêncio) reside em frente à escola, né? Tinha também as interferências dele, da família, mas... Eu tive muitas que conversar, de mostrar pra ele que era um outro momento agora, que a prefeitura estava lá, que havia uma supervisão, que havia uma inspeção, que ele poderia contribuir de outras formas (DIRETORA, 2019).

Na fala da diretora, as relações de força evidenciam que o uso do poder produzia na família do Reisado Imperial a ilusão de pensar estarem acima da administração pública. Esta sugestão de um discurso autoritário e invasor por parte dela é identificado no recorte que segue:

O que ocorria e que os professores reclamavam muito é que às vezes estava em plena aula com os alunos, aí ele precisava do espaço (silêncio), entendeu? Enquanto que a ordem era não suspender a aula, entendeu? [...]. Não pode hoje à noite suspender a aula da educação de jovens e adultos porque vai ter o **ensaio** do grupo! (DIRETORA, 2019).

O discurso acima faz alusão, de maneira polida e subentendida, a uma atitude autoritária sofrida pela escola, pois fundamenta-se no conceito do não dito, ou seja, é o que está implícito. Foi observado que comentar sobre este tema não foi tão confortável para o sujeito entrevistado. Ambos os discursos carregam pausas mais longas e certo monitoramento diante do que será dito. Entretanto, em AD o silêncio fala! De acordo com Orlandi, (2005, p. 83) o silêncio "[...] pode ser pensado como a respiração da significação, lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido".

Sobre o tema "Maiores dificuldades encontradas no Reisado", a diretora pontua questões administrativas ligadas ao repasse de verbas por parte da Prefeitura do Recife para quitação de débitos. Quanto a isso, ela relata que:

As dificuldades eram grandes. Eram mais dificuldades de ordem administrativa tipo, é... água e luz que acontecia também, porque ele era responsável também, recebia só o aluguel, mas era responsável pela água e pela energia, entendeu? (DIRETORA, 2019).

Quando perguntada se em algum momento houve corte de algum fornecimento de água ou energia elétrica, a resposta foi afirmativa:

SIM! Água por exemplo, porque a prefeitura depois no futuro ficou responsável e a própria prefeitura falhava em passar esse dinheiro pra ele, [...], falhava em fazer em repasse através de empenhos. Porque em si ela tinha consciência que o prédio continuava sendo usado também por seu Geraldo entendeu? Pelo reisado, pela agremiação (DIRETORA, 2019).

O fato de não ser única no uso do anexo como sala de aula fazia com que a Prefeitura constantemente viesse a atrasar os pagamentos mensais de água e luz acarretando, assim, em até corte de fornecimento desses serviços; o que, por sua vez, acabava até atrapalhando o bom andamento da instituição de ensino nas suas atribuições do cotidiano. Entretanto, como havia uma parceria entre as duas partes, é importante salientar que cabia a prefeitura uma ajuda de custo para quitação destes débitos.

Prosseguindo para o último tema norteador referente à merenda escolar, procurou-se saber da diretora sobre sua qualidade e abrangência, mas o discurso não tem muito a apresentar. Como o Reisado Imperial antes de ser anexo da escola Municipal Antônio Tibúrcio já funcionava em convênio com a Fundação Guararapes, já havia toda uma estrutura em relação ao oferecimento deste serviço aos alunos. Observe:

Tinha lá cozinha, inclusive a própria esposa do seu Geraldo era admitida como merendeira. Então, já havia cozinha, [...] O que modificou foi que a prefeitura ampliou no sentido de que deveria atender à comunidade, ter todos os horários cheios de alunos, certo, e ter uma gestão e ter uma coordenação (DIRETORA, 2019).

Diante disso, observa-se nos recortes temporais da diretora que sua memória discursiva concentra informações referentes, apenas, às gestões do prefeito Jarbas Vasconcelos e da secretária de educação Edla Soares, pois ambos trabalharam juntos entre os anos de 1986 a 1988 e entre os anos de 1993 a 1996. Todavia, no espaço temporal entre os anos de 1989 a 1992, no qual o então prefeito Joaquim Francisco foi eleito governador do

estado em 1990, sendo conseqüentemente substituído pelo seu vice, Gilberto Marques Paulo, há uma supressão de fatos, o que sugere que tal gestão não foi relevante para a entrevistada e que por isso não foi lembrada. Mais uma vez temos o silêncio entrecruzando sua fala o que conduz a chamada memória institucionalizada ou memória de arquivo, "[...] onde se separa quem tem e quem não tem direito a ela" (ORLANDI, 2005, p. 48).

**Quadro 5** - Temas norteadores e seus objetivos alinhados ao mestre e contramestre do Reisado.

Temas	Objetivos
1. O que é reisado.	Conhecer a definição de reisado na cosmovisão dos dirigentes do Imperial.
2. Hibridismo cultural e religioso no reisado.	Identificar o híbrido como integrante do reisado.
3. Origem do nome Imperial.	Conhecer os motivos para a escolha do nome Imperial.
4. Outras Práticas realizadas pela família além do reisado.	Conhecer outras brincadeiras da cultura popular realizadas pela família integrante do reisado.
5. Definição de Cultura.	Conhecer a definição de cultura na cosmovisão dos dirigentes do Imperial.
6. Características e papéis dos personagens do reisado durante a apresentação.	Entender a dinâmica de apresentação do auto de natal e conhecer a função de cada personagem.
7. O misticismo nas cores e utensílios do reisado.	Identificar o místico como produto do imaginário nos utensílios e figurinos do reisado.
8. Único reisado do Recife e o sinônimo de reconhecimento.	Analisar se o fato do Reisado Imperial ser único em atividade no Recife lhe traz benefícios.
9. As motivações para o funcionamento das escolas na dependência do reisado.	Compreender os motivos que impulsionaram o Reisado a envolver-se com a educação formal.
10. Os motivos para o fechamento das escolas.	Entender os motivos que culminaram nas quebras de contrato e fechamento das escolas.
11. As gestões estaduais e	Identificar nos discursos a percepção dos líderes do

municipais no período do funcionamento das escolas.	Reisado sobre as gestões públicas no período de funcionamento das escolas.
12. Educação não formal no Reisado.	Identificar as práticas educativas não formais realizadas no Reisado.

**Fonte:** Elaboração do Autor, 2020.

O quarto bloco de análise das entrevistas refere-se aos discursos do mestre e contramestre do reisado. O primeiro tema das entrevistas abordou o conhecimento deles sobre os conceitos de reisado:

O reisado é uma dança, como se fosse uma seita religiosa, entendeu? Ela tem haver com a parte profânica, porque reisado antigamente se brincava na porta de igreja católica, entendeu? [...] e quer dizer o nascimento do menino Jesus [...] Aí relembra o nascimento do menino Jesus, isso dizem os grandes mestres e... foi que nem uma festa que fizeram pra os três reis mago, para o nascimento do menino Jesus, aí surgiu. Por isso que o reisado é uma brincadeira natalina, apesar de brincar o ano todo (MESTRE, 2019).

O reisado é, é, é...é uma herança né? Que vem de pai pra filho, né? Uma herança, praticamente uma herança, né? E é uma... é uma... é um grupo muito importante. [...]. Tanto pra mim como toda família, que tem gente que... pessoas que dão valor, né? (CONTRAMESTRE, 2020).

O primeiro recorte traz o reisado como uma espécie de seita religiosa. Epistemologicamente a palavra seita está vinculada a dois significados: 1) *Secta*, relacionado à maneira de viver e 2) *Sectum*, relacionado a um grupo minoritário que rompe laços com o poder da igreja por motivos variados (MEDEIROS, 2019). Entretanto, determinada expressão pode trazer outros significados. Desta feita, Giumbelli (2002, p.65) compartilha outras nuances: "Seitas totalitárias, Seitas perigosas, Seitas manipuladoras, Seitas destrutivas, Seitas abusivas, Seitas sectárias".

Mas, voltando aos entrevistados, nota-se no discurso do primeiro, se utilizando da história oral, que ele nos apresenta o reisado tanto como uma brincadeira profana, pelo fato de não ser realizada no espaço eclesiástico; quanto sagrado, por ser uma comemoração do nascimento do menino Jesus com ênfase nos reis magos. Portanto, fazendo uso da AD, observa-se em seu discurso a presença de uma ideologia híbrida que entrecruza sagrado e profano no mesmo processo.

Já o segundo recorte, expõe uma ideologia institucional sobre o Reisado na medida em que o identifica a uma instituição pertencente a um grupo familiar. A referência feita à herança não está relacionada a uma espécie de "herança cultural", compartilhada com a sociedade, pelo contrário, é uma organização que segundo discursos posteriores, manifestam

uma restrição à composição de sua diretoria, excluindo desta quem não é um membro familiar. Diante de tal postura, fica evidente o pensamento ideológico conservador e exclusivista cujo enfoque é a perpetuação do poder administrativo.

Contudo, quando refeita a pergunta, o segundo entrevistado conceitua o reisado da seguinte forma:

Um Reisado né...é um... é... é um grupo natalino, né? Representa mais o natal né?[...] Representa o Natal. O folclore, o folclore de Pernambuco e o Natal, né? É mais pelo o Natal, que a turma... que a gente faz show, né?

Agora, o Reisado é visto como grupo representativo do período natalino e peculiar do folclore pernambucano. Obviamente, que os reisados estão em extinção e o Reisado Imperial é o único em atividade na região metropolitana do Recife. Contudo, existem brincadeiras de reisado em outras cidades de Pernambuco, na região nordeste e em outras regiões do país, não sendo ele exclusivo do estado de Pernambuco, como já mencionado no primeiro capítulo.

O segundo tema faz referência ao hibridismo cultural e religioso. Quanto a isso se procurou saber se havia no reisado a presença de outras culturas religiosas como a africana, por exemplo. Vejamos os recortes:

Não, Não, nem de candomblé, não, não, não! Inclusive é religiosa, uma brincadeira religiosa. Meu pai é um homem que ele tem muita fé em Deus, ele tá até internado agora, a menina disse que ele ficava falando assim: Deus, Deus, me tira daqui! E ele tá melhor. Tá vendo? Isso aí eu chega me arrepio, porque isso é uma coisa, a fé em Deus, [...]a fé em Deus não tá dizendo que você tem que ser evangélico, tem que ser isso, aquilo não. A fé em Deus é Fé em Deus! Entendeu? Agora, o que não bate é o candomblé com o católico. Isso aí eu não admito! Entendeu? Mas, o reisado pode ficar assim certo que não tem nada haver com influência de candomblé e... é... africana que africana tem haver com candomblé, você sabe disso! Entendeu? (MESTRE, 2019).

Não... eu acho que... não é africana não. Eu acho que o Reisado vem de uma origem de Portuguesa, Portugal. (CONTRAMESTRE, 2020).

Observa-se no primeiro recorte mais uma afirmação de que o reisado tem um fundamento religioso. Contudo, o recorte comunica um discurso preconceituoso e intolerante com relação à religião de matriz africana. Quanto a isso, Oliveira (2008) comenta sobre os problemas diversos ocorridos no trânsito entre religiões e, como fundamento para estas dificuldades relacionais, evidencia o conceito de intolerância, o qual, em uma sociedade pluralista, com diversas nuances, inclusive a religiosa, sufoca-se a liberdade de existência do diferente.

Desta feita, Oliveira (2008, p. 89) define tolerância como "[...] reconhecer o direito de existir do adversário". Assim, uma vez que as diferenças são uma realidade num contexto pluralista, recomendar um único seguimento religioso ou uma instrução de cunho monoteísta pode intensificar violências de diversas particularidades em relação ao Outro. Desse modo, identifica-se, no recorte enunciativo em pauta, um discurso ideologicamente autoritário no trato religioso, pelo fato do sujeito entrevistado afirmar que não admite a correlação entre as religiões Católica e o Candomblé no reisado. Entretanto, a história comunica o híbrido religioso entre esses dois seguimentos religiosos na relação entre os santos católicos e os orixás e dentro de outras leituras sobre o próprio reisado.

O mestre também difunde um discurso com enfoque metafísico cristão ao citar a fé em Deus como condição para a cura física. Paralelo a isto, evoca um discurso místico, uma vez que sua fala é ligada à fé e conseqüentemente à espiritualidade. Todavia, mesmo alegando que a fé não é produto de nenhuma religião específica, numa apologia a sua universalidade, o que se sobressai em seus enunciados é a supremacia da religião católica em detrimento da religião africana. Assim, os sentidos apresentados no discurso sugerem que a fé, necessariamente, só pode está ligada ao monoteísmo cristão, sendo os adeptos de religião africana isentos de tal convicção. Ainda sobre a mesma temática, o mesmo entrevistado coloca:

Me parece que africano que tem haver com África é maracatu. [...] Eu tô falando porque eu entendo! Entendeu? E não tem nada haver com Jurema e nem com esse negócio não! O que tem haver com Jurema é caboclinhos, maracatu. Reisado nunca vi falar que tem haver, nem veio de outros lugares não. Reisado é descendência portuguesa, é uma corte, entendeu? (MESTRE, 2019).

Repara-se que tal recorte reforça o discurso de cunho ideológico preconceituoso, intolerante e autoritário, porém o enfoque agora recai sobre a religião afro-ameríndia cuja reverência incide sobre a ideologia eurocêntrica como origem do reisado. O Eurocentrismo é um conceito que considera a Europa como o centro do mundo, detentora de uma cultura superior onde o "Outro" é considerado imaturo e atrasado. O "Outro" diz respeito a todas as outras culturas que não a europeia, esta considerada como moderna, evoluída e, portanto, detentora do direito pleno, pelo espírito do desenvolvimento em explorar o "Outro", isento de direitos. Nesta perspectiva, a modernidade caracterizada também pela colonização, a qual o povo brasileiro foi vitimizado, pode ser interpretada como um mito, um engodo, cujo propósito foi o "des-cobrimento" do "Outro" pela irracionalidade (DUSSEL, 1993).

O mito da modernidade por definição seria a consideração da cultura do dominador como sendo superior à cultura do dominado. Mas superior em quê? Em quais situações? Na cosmovisão do colonizador "[...] a outra cultura é determinada como inferior, rude, bárbara, sempre sujeito de uma imaturidade culpável [...]" (DUSSEL, 1993, p.75). Seguindo este ponto de vista, o dominador sentia-se livre para proporcionar o exercício da libertação da ignorância, da barbárie para com os seus dominados e, nesse processo, a prática da guerra e violência eram consideradas um mal menor, contanto que o subdesenvolvido ou o "Outro" fosse "beneficiado" com a chegada da modernidade em seus territórios. Para o autor em tela, a história registra ao menos três concepções teóricas argumentativas para discutir a inclusão do outro na chamada "comunidade de comunicação" da modernidade: 1) a modernidade como emancipação; 2) a da modernização como utopia e 3) a crítica do mito da modernidade (DUSSEL, 1993, p. 76).

### 1º Conceção

A alegação do pensador Ginés de Sepúlveda avaliava que o desenvolvimento urbano encontrado entre os povos Incas e Astecas, exemplificados através de suas obras arquitetônicas, não devia ser considerado um argumento plausível para a defesa de uma suposta civilização dos mesmos. Vejamos:

[...] Porque o fato de ter casas e algum modo racional e alguma espécie de comércio é coisa que a própria necessidade natural induz, e serve somente para provar que não são ursos, nem macacos e que não carecem totalmente de razão [...]. (DUSSEL, 1993, p.76).

De acordo com a citação acima, o fato do "Outro" ser considerado um bárbaro, um ser ausente de humanidade faz com que a conquista deste pelo colonizador, seja vista como um "[...] ato emancipatório, porque permite que o bárbaro saia de sua imaturidade" (DUSSEL, 1993, p. 76). Neste processo, a utilização da violência justifica-se pelo uso desta ser considerada o método para salvar os inocentes da sua cultura subalterna. Observa-se naturalmente uma inversão de valores oriundos do mito da modernidade, pois "[...] a vítima inocente é transformada em culpada, o vitimário culpado é considerado inocente" (DUSSEL, 1993, p. 79). Dentro desta construção de argumentos ilógicos, Ginés de Sepúlveda se apoia em Santo Agostinho, pensador cristão do século IV d.c, que interpreta o texto narrativo escrito em parábola no novo testamento, no evangelho de Lucas 14:16-24, trazendo uma explicação

tendenciosa em defesa da conveniência eurocêntrica fundamentando, assim, a perseguição religiosa e a imposição do cristianismo sobre o "Outro" colonizado (BARCLAY, 1955).

## 2º Conceção

A segunda maneira de consideração da modernidade é representada pelo missionário franciscano em terras mexicanas: Gerônimo de Mendieta. No pensamento deste religioso "[...] os astecas tinham vivido em seu tempo de paganismo e idolatria como os hebreus no Egito - na escravidão do demônio" (DUSSEL, 1993, p. 80) e que o processo civilizador seria menos traumático se os índios se submetessem à evangelização. Postula ainda que a Europa havia pecado contra Jesus Cristo e que os índios pela sua maneira de vida simples não demonstravam terem sido alcançados pelo pecado dito original.

Desta feita, haveria a possibilidade de um anacronismo, pois a igreja poderia voltar aos seus primórdios neo-testamentários, isto é, antes de sua institucionalização, o que ocasionaria na realização do desejo de Francisco de Assis.

## 3º Conceção

A última concepção faz uso do pensamento de Bartolomeu de Las casas quando este defende a necessidade do diálogo com o outro, ou seja, a utilização da racionalidade desde sempre, pois é através desta a única maneira "[...] para convencer o gentio sobre a verdadeira religião" (DUSSEL, 1993, p. 83). Contudo, não se afasta da ideia de que o índio precisava ser modernizado. Bartolomeu se contrapunha ao mito da modernidade no que se referia à prática da violência como irracionalidade. Postula que o conceito de imaturidade culpada trazido por Kant em relação ao indígena não tem fundamento, pois sobre o indígena não repousa culpa, [...] "Mas o povo infiel que vive em sua pátria separada dos limites dos cristãos... não fez ao povo cristão nenhuma injúria pela qual mereça ser atacado com a guerra. Logo, essa guerra é injusta" (DUSSEL, 1993, p. 85).

Portanto, se nesta perspectiva a Europa dita cristã é mais desenvolvida, precisava evidenciar este desenvolvimento refletindo sua maneira de intervenção nas culturas consideradas subalternas. É nesse contexto de domínio do outro que o reisado chega ao Brasil e se insere na cultura local recebendo hibridizações advindas de outros povos.

A próxima temática que envolve a entrevista com o mestre e contramestre destina-se a conhecer a origem do nome imperial. A esse respeito, o recorte mostra um discurso impreciso sem acréscimos importantes. Veja-o:

Imperial quer dizer império, entendeu? [...] de fundadores, parece que foram oito foi [...] uma junta entendeu? Como reisado, império, aí eu acho que eles criaram em cima disso aí (MESTRE).

O tema seguinte refere-se a outras práticas realizadas pela família além do reisado:

Olhe, aqui já teve pastoril. [...]A ciranda pai criou em sessenta e nove (79), nunca deixou de tocar ciranda e a maioria das músicas de ciranda é ele que faz, o coco de roda, a marujada. [...]a orquestra imperial existe e é comandada por mim (MESTRE).

Como se observa, a "família imperial", em sua história, desempenha variadas práticas culturais as quais lhes renderam premiações diversas. Segundo o mestre atual, em referência ao seu mentor, este faz a seguinte declaração:

Meu pai foi o mestre cirandeiro que mais ganhou concurso em Pernambuco. Eu tenho como comprovar isso aí, tá entendendo? E tem haver com o reisado, porque ele era um mestre que puxava as músicas do reisado aí, todas estas músicas que se tem do reisado a grande maioria é de autoria dele, ele é compositor tem carteira e tudo (MESTRE).

No entanto, na ativa só se encontra o Reisado e a Orquestra Imperial. O Reisado funcionando em dois momentos: tanto no natal (festa religiosa) quanto no carnaval (festa profana), sendo esta última a que gerou o motivo para o Reisado ser registrado como Clube Carnavalesco Misto Reisado Imperial.

A temática subsequente está relacionada com a definição de cultura. Quanto a isto, os mestres expuseram as seguintes enunciações:

Rapaz! Cultura Popular é uma coisa que se faz é....eu não sei nem explicar assim, cultura popular, você tá deixando de... o cara num é xangozeiro aí, o cara caiu pra cultura popular que não tem nada haver com xangô, que não tem nada haver com católico que não tem nada haver com evangélico, entendeu? Chama-se cultura popular (MESTRE).

A cultura é muito importante, né? É muito importante porque isso é um uma origidade que vem desde nós pequeno que meu pai fundou isso aqui, esse reisado né? E ...essa cultura é muito importante pra mim e pra todos, né? E pra também a prefeitura, a Impetur, a Emetur que trabalha com nós, né? Às vezes chama nós pra fazer show né? É muito importante! Importante, tanto pra nós, como pra o público todo, né? Pra o público todo, né? (CONTRAMESTRE).

O primeiro recorte, mesmo não mostrando uma definição concreta a respeito do tema, comunica que a cultura, definida como popular, é livre e, portanto, não pertencente à religião nenhuma, contudo, nota-se que mais uma vez a religião de matriz africana recebe uma ênfase

mais negativa. O segundo recorte também não traz definição sobre a temática, entretanto, enaltece a tradição recebida pelo patriarca e que é transferida à família, a qual ultrapassando limites territoriais é importante tanto para a população quanto para a administração pública.

Prosseguindo agora nos temas do reisado, deparamo-nos com as características e papéis de seus personagens durante a apresentação. Como já visto no primeiro capítulo, encontramos a figura do rei, rainha, mestre, contramestre, boi, Jaraguá, galante, Mateus e Catirina. Observa-se que dentre estes personagens existem apenas duas mulheres, onde no final das contas apenas uma era de fato mulher, a saber, a rainha:

Eu me lembro que antigamente o reisado era só homem e homem vestido de saia, entendeu? Só que o tempo foi modernizando, tinha cara que não queria vestir saia (MESTRE).

Em sua história encontramos no reisado uma ideologia machista onde a única mulher do grupo, como já dito, é a rainha; além disso, no recorte acima, justifica-se que a modernidade chegou até ele com a entrada de mulheres porque os homens não gostam de vestir saias. Um ponto que merece ser evidenciado aqui diz respeito às figuras do Mateus e da Catirina; personagens cômicos cujas faces são pintadas na cor negra pelo carvão. Neste caso, tal pintura, fazendo referência aos reis do Congo, evidencia um processo de hibridização sobre a brincadeira de origem portuguesa, algo que é não do conhecimento dos mestres do Reisado haja vista que não reconhecem a influência de outras culturas nessa brincadeira (CARNEIRO, 2006).

O tema seguinte diz respeito à mística encontrada no reisado e demonstrada em suas cores e espelhos:

As cores do reisado mesmo é vermelho, azul e branco, entendeu? [...]. O reisado que não tiver espelho não é reisado. Toda a agumetária do reisado tem que ter espelho. [...] É! Dizem os grandes mestres que .... é....isso é uma história antiga que dizem que o espelho atrai esse negócio de ..... aceitação, mas não é candomblé, é uma aceitação religiosa católica.[...] mas disse que esse mal quando vem bate no espelho e quebra o espelho, aí ele deixou de pegar na pessoa, entendeu? É uma intenção religiosa (MESTRE).

O espelho brilha muito de noite. Brilha muito à noite no escuro, tanto no escuro quanto no claro, ele brilha muito, demais. Então, a origindade do Reisado é os espelhos, mas... é os espelhos (CONTRAMESTRE).

O primeiro recorte não observa significados nas cores do reisado, entretanto, valoriza a utilização dos espelhos como uma característica peculiar. Nota-se no *interdiscurso* a presença

de uma ideologia negativa acerca da religião de matriz africana, o Candomblé, reduzindo a prática religiosa ao componente exclusivo do catolicismo, o que nega o hibridismo.

O segundo recorte não traz nenhuma informação contundente em relação ao tema, contudo, como se refere à mística, a fala do sujeito remete de forma metafórica ao brilho como sinônimo de luz; tema este abordado no Novo Testamento e alusivo às pessoas de fé e de religião cristã; aquelas que estão na luz, num contraponto a outras, de denominações não cristãs, imersas nas trevas.

A temática seguinte refere-se ao reconhecimento do reisado como único em atividade no município. Seria este reconhecimento verdadeiro?

[...] o Reisado, tá funcionando a pulso. A gente tem uma apresentação por ano, entendeu? Da prefeitura do Recife, entendeu? Quer dizer, o incentivo à cultura, verdadeira cultura tá indo de água a baixo (MESTRE).

[...] é...Porque a cultura, eles estão deixando a desejar muito a cultura. Eu acho que isso aí não devia, eu não conheço país sem cultura, entendeu? Você não conhece nenhum país que não tem cultura, entendeu? Todo país tem, só que o da gente é rico em cultura e tão querendo acabar (MESTRE).

Os recortes acima indicam uma fala de descaso e desvalorização da cultura popular por parte dos órgãos públicos; contudo, nota-se que a ideologia que perpassa as enunciações entende esta cultura como sendo a verdadeira. Sobre isso, Canclini (2008) afirma que nos últimos decênios da modernidade, as culturas tradicionais como forma de resistência "[...] se desenvolveram transformando-se" (CANCLINI, 2008, p.215). Nesta perspectiva, a cultura tradicional necessita de uma renovação e para tal, a presença de indivíduos que estejam dispostos à reprodução do legado dos atores populares é condição *sine qua non*.

Evidentemente que existem os embates no que se diz respeito a interesses econômicos voltados para os bens populares, entretanto, o autor comenta que jamais se pode afirmar "[...] que a tendência da modernização é simplesmente provocar o desaparecimento das culturas tradicionais" (CANCLINI, 2008, p. 218). Portanto, o debate não se restringe aos processos de cuidado ou recuperação das tradições que se mantêm fiéis aos seus princípios formadores, ou seja, a uma ontologia da tradição, mas como esta pode se readaptar ou se realocar na dinâmica híbrida de mercado proposta pela modernidade.

Porém, se existe uma cultura verdadeira necessariamente deve existir uma falsa. E qual seria então esta cultura considerada enganosa?

O cara prefere botar uma banda vindo do Rio de Janeiro, São Paulo pagando num sei quantos milhões e já foi provado porque já teve várias festas de

cultura popular no largo da Bomba, e só cultura, e deu gente. Essa história que aquilo dá mais atração, aquilo só da bagunça, entendeu? (MESTRE).

[...] agora traz uma banda pra ganhar trezentos mil que é quinhentos, entendeu? [...]E se ele butar cultura popular ele não pode atingir esse limite de dinheiro (MESTRE).

Observa-se que a falsa cultura mencionada esta ligada à cultura de massa e, em paralelo a ela, temos a presença da ideologia capitalista que perpassa esta fala de modo crítico. Quanto a isso, Canclini (2008) corrobora trazendo exemplos de empresários estadunidenses que, como gerenciadores do ramo das artes, planejam eventos considerando apenas o retorno financeiro e estes fazem isso, não numa visão limitada apenas à cultura, mas numa perspectiva macro de inclusão do comércio, hotéis e restaurantes, uma vez que estes conglomerados aproximam "[...] corporações interessadas em financiar a cultura [...] e usá-la como propaganda" (CANCLINI, 2008, p. 60).

Da mesma forma produtores de eventos, tanto internacionais quanto nacionais, se baseiam no mesmo método, e com vários outros interesses envolvidos, aprovam programações culturais que podem mobilizar multidões e que como tal, elevam a economia local. Assim, constata-se que na modernidade, a cultura encontra-se intrínseca ao mercado, regada por investimentos diversos, alimentados, por exemplo, pelo marketing e pela publicidade. Todavia, Canclini (2008, p.62) comenta que "[...] a autonomia dos campos culturais não se dissolve nas leis globais do capitalismo, mas se subordina a elas com laços inéditos". Portanto, na modernidade, para que as identidades culturais possam ser absorvidas pelo mercado, precisam necessariamente estar dispostas a fazerem parte do "sistema".

Sobre isso, no desenrolar da entrevista, o mestre ressalta a importância do Reizado frente à comunidade na contemporaneidade em um discurso perpassado por uma ideologia assistencialista/solidária. Relata que o pouco que se ganha nas apresentações culturais é repartido entre os integrantes que na sua maioria já se envolveram na criminalidade. Logo, a participação no Reizado serve como processo reeducativo:

Os meninos já participaram tudo aqui, a maioria fuma maconha e é envolvido... enquanto ele tá aqui dançando reizado, ele não vai participar do que não presta, entendeu? Eu sempre dou ajuda. De graça ele não vem...quecê sabe tudo de hoje em dia, aquilo que eu falei, tudo de hoje em dia tem que ter alguma coisa, uma ajuda de maneira ou de outra, porque não é pagamento. Eu não recebo cachê? Então, pego e divido cada um vai ganhar tanto, entendeu? E eles vêm mais porque gosta da brincadeira (MESTRE).

Sobre o processo de educação/reeducação, em outro momento, a fala do entrevistado relata sobre o funcionamento da escola Antônio Tibúrcio na dependência do Reisado:

É que existia a Federação Carnavalesca...rezava no estatuto que todas as agremiações filiadas à Federação Carnavalesca teria que butar escola para incentivar a comunidade da maneira dele, [...]Sempre teve isso aqui, entendeu? Aí meu pai criou isso aí que na época era Fundação Guararapes, mudou o nome pra ser prefeitura [...]Exigia, que toda agremiação que tivesse sede, que fizesse isso aí, porque era uma ajuda pra...ter como a gente reivindicar perante aos poderes públicos, a gente tinha respaldo dele dizer: não, lá tem uma escola, entendeu? (MESTRE).

Nota-se pelo discurso que a criação da escola se deu pelo reisado como resultado de uma "clausula contratual" estabelecida pela Federação Carnavalesca que exigia tal ação; até porque isso traria benefícios para a agremiação cultural por meio dos órgãos públicos, caso houvesse alguma necessidade. Portanto, a enunciação revela que a escola foi criada com a intenção de autopromoção, o que demonstra uma ideologia de interesses que não apenas a comunidade, mas a agremiação também ganharia. Sendo assim, o que conduziu ao seu fechamento:

É porque .... é.... o tempo vai evoluindo. Quando enquadraram Antônio Tibúrcio nesse negócio, porque não podia acabar aqui, ficou aquela polêmica; por que ali? [...] Ocupava uma parte do salão que atrapalhava até a gente de fazer as atividades da gente, que era ensaios esses negócios, na época a gente ensaiava muito, entendeu? [...]. Teve uma vez aqui de pai passar um ano pra pagar a professora, até que eu era o tesoureiro na época, e dizia: "Eu não sei senhora, como é que você trabalha como uma professora pra passar um ano". [...]. Quando pagava, pai pagava os meses todinho, certinho, entendeu? Aí ficou aquela burocracia, muito burocrático, entendeu? Por isso que acabou! (MESTRE).

O recorte mostra ao menos quatro motivos para o fechamento da escola: 1) estrutura pequena para continuação das atividades escolares, uma vez que era uma escola mínima; 2) espaço ocupado pelas atividades escolares o que dificultava o cotidiano dos ensaios do Reisado; 3) atraso no repasse da prefeitura para quitação dos salários dos professores e 4) burocracia para a continuidade da escola nas dependências do Reisado. Em continuação a esta burocracia mencionada, o recorte abaixo explica:

Aí, a prefeitura em reuniões lá, eu ia também, disse a ele: "Olhe, seu Geraldo, é o seguinte: o pessoal que tá trabalhando lá, não é funcionário da prefeitura não! Se ele trabalhar lá e botar na justiça quem vai pagar é o senhor!" [...]É melhor o senhor acabar com esse negócio, pai! O senhor vai perder sua casa, porque, cê sabe que ninguém pode ter funcionário irregular. O funcionário é do reisado, entendeu? [...]"Mas, pai, o senhor lucra o quê com isso, pai? O senhor não tá ganhando nada, o clube não tá ganhando nada com isso, só prestígio, né?" Ao contrário, atrapalhava porque a gente queria

fazer uma entrevista, um negócio aqui, e tinha aula, não podia, atrapalhava, entendeu? Aí eu consegui neutralizar: irei! (MESTRE).

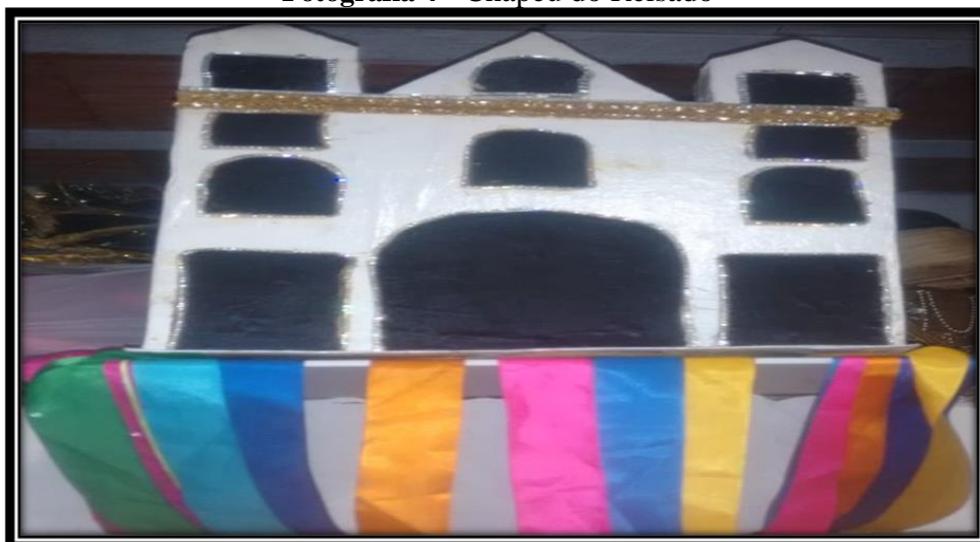
O recorte mostra um discurso persuasivo na busca do encerramento das atividades da escola, não somente por questões de cunho trabalhistas, mas porque os interesses da Instituição Reisado Imperial estavam em jogo em detrimento da escola que lá funcionava. Tanto o fato de não receberem valor financeiro para a instituição quanto à ocupação do espaço, impossibilitando as programações, configuraram como argumentos usados para o encerramento das atividades escolares no anexo do Reisado Imperial, mesmo contrariando a vontade do contramestre, na época mestre, seu Geraldo.

O tema seguinte diz respeito às atividades não formais evidenciadas no ambiente do reisado. O recorte que se segue faz referência a aulas de corte e costura a qual era oferecida pelo reisado como forma de produção das fantasias. Tal tarefa ficava sob a responsabilidade da esposa do mestre Geraldo, dona Iraci. Quanto as outras construções e apliques, ora eram realizados pela própria família, ora eram terceirizados:

Existia isso aí! Porque inclusive aqui era escola sabe?! Aqui já foi escola. Aí existia isso aí, gente que tomava interesse, porque na realidade o reisado, o reisado folclórico numa base de trinta pessoa, entendeu? Mas, o reisado carnavalesco que ela costurou muito também, era no mínimo cinquenta, cem pessoa, entendeu? Aí, não tinha como ela costurar só, entendeu? (MESTRE).

Outra atividade que redundava na educação não formal desenvolvida no ambiente do reisado, dizia respeito ao artesanato inserido nas fantasias.

**Fotografia 4 - Chapéu do Reisado**



Fonte: Reisado, 2012.

Contudo, tais práticas utilizavam um número de pessoas limitadas em suas construções, por acreditarem se tratar de um trabalho rebuscado. Um aspecto importante nessa construção artesanal diz respeito às montagens dos chapéus, os quais são edificados num formato de igreja, ratificando dessa maneira a identidade da brincadeira com o catolicismo.

Outra atividade de cunho não formal, encontrada no ambiente do Reisado, referia-se à escola de música que lá funcionou no final da década de 1970 estendendo-se até o início da década de 1990. Esta escola foi responsável tanto pela formação da Orquestra Imperial quanto pelo "cultivar" de músicos na comunidade.

O tema seguinte diz respeito às gestões estaduais e municipais no período do funcionamento da escola. Observemos os recortes:

Olhe, até João Paulo foi positivo, de João Paulo pra cá...e Arraes, que o único que fez foi Arraes, governo, entendeu? O resto ninguém fez nada, entendeu [...] Se você perguntar a qualquer presidente de agremiação ele vai dizer isso a você. Pergunte! Entendeu?O único camarada político que ajudou a cultura popular foi, chama-se João Paulo, o resto ninguém fez nada.[...] E a tendência vai se acabando, vai se acabando, tenho certeza disso aí, e agora com esse governo Bolsonaro aí, que cortou dinheiro da verba da cultura, aí é que lascou mais ainda é que antes se tinha dinheiro e a gente não tinha apoio, quanto mais agora sem dinheiro?! (MESTRE).

[...] quando era com João Paulo, a gente fazia muito show, mas entrou esse prefe... esse governador novo aí... não tá dando muito valor pra nós mais não! Ele, ele diminuiu mais os show (CONTRAMESTRE).

Como podemos observar as falas não fazem referência à escola, mas ao incentivo a apresentações culturais de período determinado sob a gestão pública de administrações municipais.

**Quadro 6** - Temas norteadores e seus objetivos alinhados a brincantes do Reisado.

Temas	Objetivos
Quanto tempo se brinca reisado e como chegaram até ele.	Identificar nos participantes seus conhecimentos a respeito da brincadeira.
Reisado e híbrido religioso	Analisar se os brincantes enxergam no reisado algum híbrido religioso.
Definição de cultura	Conhecer a definição de cultura na cosmovisão dos brincantes.
O Reisado e a educação não formal	Identificar a percepções educacionais dentro do Reisado.

O trabalho social do Reisado	Conhecer dos brincantes os benefícios trazidos pelo Reisado para suas vidas pessoais.
------------------------------	---

**Fonte:** Elaboração do Autor, 2020.

O quinto bloco de análise das entrevistas refere-se ao discurso de dois voluntários brincantes do Reisado. Quando perguntados sobre o tema, quanto tempo e como chegaram ao Reisado, os dois brincantes relatam, *a priori*, terem menos de 10 anos na brincadeira:

Eu saio no reisado faz mais de sete anos (BRINCANTE N° 1).  
Tinha vinte e dois eu tenho vinte e sete, cinco anos (BRINCANTE N° 2).

Falando a respeito de como chegaram ao Reisado, os brincantes relatam o mesmo motivo, ou seja, foram convidados por amigos ou até mesmo diretamente pelo responsável atual do Reisado.

É... os meninos me convidaram para ir pro reisado, aí ficou uma memória muito guardada no meu coração, né? (BRINCANTE N° 1).

Eu gosto muito de carnaval, né?! Aí, o filho do dono, Sérgio, veio aqui e perguntou se a gente queria sair no reisado, tal... aí eu reuni umas pessoas e a gente pegou, subiu pra lá pro reisado e começou a sair (BRINCANTE N° 2).

Observa-se que neste momento da história do Reisado, há uma espécie de recrutamento em relação aos seus participantes, diferentemente da época do antigo mestre Geraldo, onde os integrantes eram pertencentes ao ciclo de amizade da “família imperial”. Com relação à temática reisado e hibridismo religioso, eles não souberam relacionar o reisado a nenhum outro tipo de religião. Veja o recorte de fala do primeiro brincante:

Não! A gente vai porque a gente gosta de ir, né?! É uma paixão muito grande para a gente, né?! [...] é uma santificação da gente... (BRINCANTE N° 1).

Contudo, mesmo não sabendo relacionar o reisado ao hibridismo religioso, encontra-se no discurso desse brincante um deslocamento, uma vez que na AD a linguagem é considerada mais um equívoco que um ato de comunicação pleno, sendo ela, portanto, imperfeita (ORLANDI, 2005); logo, temos na fala o uso de uma *metáfora* relacionada com a doutrina da santificação, preceito este, pertencente a um discurso religioso cristão, no qual objetiva-se a abstinência de tudo aquilo que é considerado um “pecado” ou empecilho ao desenvolvimento

da espiritualidade, da prática moral e dos bons costumes, ou seja, tudo o que possa ser considerado um causador de distanciamento entre o fiel e a divindade.

Talvez, seja importante salientar que este voluntário estava há apenas dois meses em liberdade, após dois anos de detenção no Centro de Observação Criminológica e Triagem Professor Everardo Luna (COTEL). Subentende-se que participar do reisado promove para este brincante uma experiência existencial religiosa, uma mística que ele mesmo não sabendo discernir é capaz de influenciá-lo.

Já o outro brincante afirma:

Eu não vejo não, nenhum tipo de religião não! Eles agem normal como tivesse querendo brincar mesmo o carnaval, não vejo nenhum tipo de religião lá não! (BRINCANTE N° 2).

No discurso deste participante é evidente que ele não enxerga religião no Reisado. Tal afirmação é produto da ideologia capitalista/logística que enxerga o processo de recrutamento de brincantes que se estabeleceu nesses últimos anos com fins apenas de funcionamento de um modelo de gestão pragmática, na qual eles se aglomeram somente para cumprir uma agenda artística programada. Isso não favorece, entre eles, o desenvolvimento de uma noção de pertencimento ao grupo.

Nota-se também que quando o brincante atesta não presenciar práticas religiosas no cotidiano do Reisado, pois "eles agem normal", isto sugere uma importunação, insistência ou segundas intenções enxergadas por determinados grupos religiosos que se utilizam de suas práticas como forma de constranger o participante a aderirem a sua crença.

Dando continuidade ao trabalho, chegamos agora ao tema relacionado à cultura. Foi perguntado aos brincantes como eles a definiam, mas não souberam organizar ideias referentes ao questionamento, mesmo assim identificaram o Reisado como integrante da cultura popular e sinônimo de diversão:

O que eu sei é que o reisado também é uma cultura, né? E a gente gosta muito de fazer esta cultura, a gente ama, a gente não quer esquecer pra nada, este relacionamento do reisado que guardou uma história muito grande na nossa vida! (BRINCANTE, N° 1).

Eu não sei não! (risos). [...] Sei não! Rapaz... **(silêncio)** sei não, eu defino cultura na parte de se divertir, essas coisas assim, pra mim eu acho isso (risos). (BRINCANTE, N° 2).

Logo após, perguntamos aos entrevistados sobre o tema Reisado e educação não formal, ou seja, o que os brincantes enxergavam como aspectos educacionais dentro do

Reisado. O recorte referente ao brincante N° 1 contempla ideologias relacionadas a aspectos éticos, morais e lúdicos:

Porque.... traz a gente a fazer coisas boas, mudar de vida, ser uma pessoa de bem, a gente brinca muito, a gente gosta (BRINCANTE, N° 1).

Já o recorte dito pelo brincante N° 2 apresenta os aspectos educacionais do Reisado como uma forma de “escape”, ou seja, uma ideologia de possibilidade de fuga da realidade existencial de pobreza, na qual eles estão inseridos, trazendo sentimento de importância social e de estímulo à proatividade:

Sei lá...pode incentivar, né? As pessoa a querer sair, a querer praticar algum tipo de cultura, alguma coisa (silêncio) querer praticar alguma coisa, algum esporte, alguma coisa né?! Acho que eles influenciam as pessoa a querer fazer alguma coisa na vida (BRINCANTE, N° 2).

Chegando ao fim das entrevistas desta temática, foi perguntado sobre a importância social do Reisado; o que parece fazer alusão a uma ideologia assistencialista que contribui para o distanciamento deles da marginalidade. Observemos:

É um afastamento muito grande que traz pra nós, e a gente interte a nossa mente, a gente não fica com a mente poluída na vida do crime né?! É uma alegria muito grande. Todo o ano a gente sai (BRINCANTE, N° 1).

Já tão fazendo estas coisa já pra tirar a maioria das pessoas das droga, pra não tá se envolvendo em droga, né?! Eu acho bom (BRINCANTE, N°2).

O que se confirma nessas falas é que durante o tempo em que eles estão inseridos numa agenda de programações, fica difícil ter tempo para se envolver em crimes ou fazer uso de drogas ilícitas. Nota-se que, nesta perspectiva, o Reisado funciona como uma espécie de paliativo no combate a certas injustiças sociais presentes no cotidiano destes adolescentes. Todavia, vale salientar que o Reisado só se apresenta oficialmente em duas épocas do ano, a saber: Natal e Carnaval, entretanto, se isolarmos estas duas datas comemorativas o que sobra é “todo o ano”. Sendo assim: o que eles fazem da vida no período em que não se encontram na agremiação?

**Quadro 7** - Temas norteadores e seus objetivos alinhados à professora do Reisado.

Temas	Objetivos
1. Qual ou quais os motivos que levaram ao término da escola do Reisado?	Conhecer os motivos que levaram ao término da escola do Reisado.

2. Educação não Formal no ambiente Formal.	Compreender como o Reisado participava na dinâmica da educação formal.
3. Maiores dificuldades encontradas na escola do Reisado.	Entender quais foram as maiores dificuldades encontradas no contexto da escola do Reisado.
4. O Reisado e sua autonomia administrativa.	Compreender os limites administrativos entre o Reisado e a escola Antônio Tibúrcio.
5. Ingerência do Reisado na escola.	Compreender as relações de poder nessa situação específica.
6. Religião no Reisado.	Compreender se nas palestras do Reisado havia alguma ênfase religiosa.

**Fonte:** Elaboração do Autor, 2020.

O sexto e último bloco de análise das entrevistas refere-se ao depoimento da professora responsável pela escola do Reisado no período exposto nesta pesquisa. O primeiro tema perguntado a ela refere-se aos motivos que influenciaram o encerramento das atividades na escola do Reisado:

Depois de 15 anos dona Iraci se aposentou e eu fui pra Antônio Tibúrcio. Fui trabalhar no Antônio Tibúrcio aí passei lá mais o restante do tempo ao todo 32 anos entre uma e outra. É... muito embora que seu Geraldo não queria, queria que mandasse outra, mas porque a escola era mínima aí ficaram achando que não devia mais. Aí o resultado, passou tudo pra lá. Os alunos que eram do reisado passou tudo automaticamente para o Antônio Tibúrcio (PROFESSORA, 2020).

Como vimos, a fala da docente enfatiza que o fato do reisado ser considerado uma escola mínima, influenciou em seu término. Neste aspecto, o fato de que "[...] tinha uma sala só, era uma única sala" (PROFESSORA, 2020) motivou a finalização das atividades, mesmo contra o desejo do Mestre na época. Isso se relaciona a uma ideologia que enfatiza a falta de estrutura física do local. Observe-se, todavia, no recorte abaixo, o retorno de uma ideologia assistencialista que enfatiza o papel do gestor público em benefícios conquistados pela comunidade:

Foi na gestão de Krause. Krause...foi ele quem construiu aquela casa de seu Geraldo e a ajeitou como a escola, deu uma melhorada muito boa e foi muito bom. Gustavo Krause foi ótimo prefeito...também não tenho o que dizer: ajudou muito a gente ali no reisado. Construiu a casa de seu Geraldo que a casa dele era uma casinha muito antiga e ele não tinha condições (PROFESSORA, 2020).

O tema seguinte relaciona os dois modelos de educação: Formal e Não Formal. Vejamos:

Aí seu Geraldo também ajudou muito, no sentido da cultura, mesmo de mostrar pros meninos de quinze em quinze dias ele dizia:olhe, se precisar me chame! Aí a gente chamava ele, ele fazia um circulozinho a gente sentava junto e ele mostrava os meninos como era o reisado, contava a história do reisado, do Bumba meu Boi e os meninos ficavam interessado... e depois a gente fazia um trabalhinho com eles também ali, era legal, legal, muito bom! (PROFESSORA, 2020).

O recorte expõe a disposição do mestre na expansão cultural do reisado num ambiente formal de ensino, isto é, uma oportunidade que não podia ser negligenciada. Observa-se também que existia uma frequência das atividades entre o reisado e escola e não apenas apresentações ou palestras esporádicas. Mesmo estando num ambiente tradicional de ensino, a dinâmica da aula, segundo a depoente, se dava em círculo e contava com conteúdos específicos.

Na sequência dialogamos com a entrevistada acerca das maiores dificuldades encontradas na escola do Reisado. Quanto a isso, ela relata não haver dificuldades expressivas:

Dificuldades mesmo eu acho que não. Só assim a gente sentia muita falta de ter alguém mais próximo, a supervisora que ficasse ali, que algum problema com a criança ela vinha ajudar pra gente resolver juntas e no caso não tinha, era a gente mesmo que chamava os pais e vamos conversar pra gente resolver (PROFESSORA, 2020).

Na sua fala há uma crítica sutil referente a uma falta de apoio escolar por parte de uma autoridade municipal, uma vez que a supervisão estava presente apenas uma vez na semana. Desta feita, ficava a cargo da professora responsável pela escola do Reisado equacionar os supostos conflitos que viessem a surgir. Tal crítica expõe a presença de uma ideologia estrutural que reclama a presença de uma organização hierárquica no cotidiano da escola.

O próximo tema diz respeito à autonomia administrativa do Reisado em comparação com a escola Municipal Antônio Tibúrcio. No tocante a isso, a professora destaca serem as duas instituições de ensino independentes:

Não, sempre foram separados, num tinha assim, a não ser quando resolveu ficar tudo lá no Antônio Tibúrcio, mas fora isso o que era do reisado era reisado e o que era Antônio Tibúrcio era Antônio Tibúrcio (PROFESSORA, 2020).

Sobre o tema presença do Reisado na escola, percebemos diferentes posições se compararmos o recorte da professora com o recorte da diretora. Observemos:

Não, a não ser assim quando eu queria que ele fosse lá contar história de alguma coisa, aí ele ia, não fazia questão não, sentava com a gente ali na rodinha e contava a história, botava os meninos ali pra dançar, pra ver como era e ele mostrava tudo direitinho, contava a história e pronto (PROFESSORA, 2020).

Neste ponto, vimos que na fala da diretora, a presença do representante do Reisado era limitada apenas a participações culturais na escola quando convidado, sugerindo não haver interferência por parte dele na gestão da escola:

O que ocorria e que os professores reclamavam muito é que às vezes estava em plena aula com os alunos, aí ele precisava do espaço (silêncio), entendeu? (DIRETORA, 2019).

Por outro lado, em seu discurso, a diretora também afirmou ter havido algum tipo de intromissão por parte do representante do Reisado na escola; o que antes já foi analisado neste capítulo e caracterizado como relação de força. Porém, no recorte abaixo, o que se pode observar é certo *eufemismo*, ou seja, uma minimização frente às tensões conflitantes por parte da professora no que se refere às relações de poder entre a escola e o Reisado:

É! Época assim de carnaval o pessoal ia terminar as fantasias, bordar... aí ficavam algumas por lá, porque na casa dele não dava, era pequena aí as meninas iam por lá (PROFESSORA, 2020).

Concluindo a entrevista com a professora, perguntamos se nos encontros entre reisado e escola havia alguma referência à igreja católica ou alguma outra religião. Quanto a isso ela nos disse:

Ele falava, falava, ele apresentou umas igrejas que eles levavam na cabeça, na dança, a gente até fez isso no papel também com os meninos, ele mostrava tudo direitinho, mostrava mesmo (PROFESSORA, 2020).

Nota-se que como maneira de evidenciar o pluralismo cultural religioso no ambiente escolar formal, a proposta inclusiva é relevante. No entanto, se tal proposta de educação não formal do Reisado servisse como forma de isolamento e/ou exclusão de outras religiões, se comparada à majoritária em território nacional na época, o catolicismo, isso se constituía num

problema, até porque, como já dito, havia quinzenalmente trabalhos do Reizado no ambiente escolar e, por inferência, a difusão de uma monocultura religiosa.

Esta óptica de valorização de determinada identidade em detrimento de outra recai numa conjuntura de intolerância. Neste sentido, Oliveira (2007) argumenta que de forma geral, para o estabelecimento de uma identidade, é imprescindível seu diálogo com outras identidades, porém, isto não quer dizer necessariamente tais aproximações produzam resultados positivos. Sobre isso comenta que tais aproximações promovem:

[...] negação do Outro, que se expressa numa não-aceitação de suas diferenças, transformando-se numa postura, em âmbito democrático, que inviabiliza a este diferente o direito, a legitimidade de existir, de não ser semelhante (OLIVEIRA, 2007, p. 225).

Logo, nota-se o não reconhecimento das diferenças como um tipo de desvalorização da sociedade democrática, pois a não aceitação do que se apresenta como heterogêneo é uma demonstração de intolerância. Assim, no momento atual, a valorização de diferentes cosmovisões torna-se a base de manutenção das sociedades contemporâneas já que são concebidas como multiculturais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação procuramos identificar a influência do Reisado Imperial na propagação da educação na Bomba do Hemetério, o que possibilitou o diálogo entre educação, cultura e religião como elementos constitutivos dos reisados. Como a presente pesquisa está vinculada ao Núcleo de Teoria e História da Educação desta universidade, tal empreitada teve sua relevância pelo fato de reconhecer que em diferentes ambientes, e não apenas nos espaços tradicionais de ensino, existe a possibilidade de haver outros modelos de educação, o que promove o intercâmbio entre saberes.

De imediato, procuramos entender o contexto histórico do bairro da Bomba do Hemetério e a importância de seu fundador para com os moradores. Para isso, utilizamos fontes advindas de materiais produzidos pelo programa "Bombando Cidadania" na promoção do Marketing comunitário que alicerçou o imaginário popular acerca da figura de um personagem simples e "generoso", um indivíduo que supria a falta de água na comunidade através da liberação espontânea de sua bomba d'água.

Contudo, diferentemente do que tem sido historicamente divulgado e o que os jornais do século XIX relataram, o Senhor José Hemetério Veloso da Silveira era um oficial da guarda nacional, possuidor de escravos e responsável pelas suas capturas. Desta feita, o espaço territorial que compõe a Bomba do Hemetério e adjacências eram os locais de exercício do poder do coronel, sugerindo que a história oral difundida pelos antigos moradores do bairro tem suas contradições sendo uma espécie de ficção.

Com referência à homogeneidade ou heterogeneidade no funcionamento dos reisados, podemos observar que de acordo com os diferentes locais em que a brincadeira dos reisados acontece, existem pequenas, mas diferentes variações na sua execução e nas suas apresentações, os quais passaram a ser identificados por Brandão (1961) como *sensu lato* e *sensu strictu*.

Na continuação, apresentamos os aportes teóricos e metodológicos utilizados na pesquisa, iniciando a discussão ao considerar as diferenças conceituais entre Educação Formal e Educação não Formal. Através destas categorias identificamos que as ações educativas ocorridas no ambiente do Reisado se aproximam de um modelo de Educação não Formal. Isso faz referência tanto à escola de música, quanto às aulas de corte e costura que eram oferecidas para a confecção das próprias fantasias do reisado; e desta forma possibilitando para seus brincantes ou alunos, uma maneira de construção de renda. Porém, um aspecto importante,

levantado por Gohn (2010), por ser comumente encontrado em espaços de educação não formal, diz respeito à ênfase sobre a análise de contextos sócio-políticos na formação destes estudantes, o qual não aparece nos discursos dos entrevistados na pesquisa.

Em seguida tratamos sobre o conceito de cultura na perspectiva do híbrido (LARAIA, 2001; CANCLINI, 2008) sob o viés de que não existe cultura "pura", pelo contrário, ela está em constante processo de mutação a fim de se realocar ao contexto atual.

Ainda sobre este assunto discutimos sobre os desdobramentos relacionados aos conceitos de desterritorialização e reterritorialização, ou seja, como culturas consideradas tradicionais e, portanto, oriundas de períodos avaliados como pré-modernos ou modernos podem ser negociadas fora de seus territórios ao mesmo tempo em que tais aberturas à população diversificada podem também trazer, para os territórios, resultados não desejáveis, ratificando, dessa forma, o sentimento de pertencimento territorial seja por parte do artista popular ou tão somente pelo morador que exige a preservação do seu espaço de vivência.

Por conseguinte, de acordo com Hall (2003), discutimos a ideia relacionada ao multiculturalismo e o seu esforço para administrar os conflitos existentes entre diferentes identidades culturais. Outro ponto em destaque foi o uso da história oral não como uma metodologia, mas apenas como uma técnica no processo construtivo das entrevistas. Já em relação às fontes documentais foram utilizados jornais de diferentes épocas a fim de estabelecer uma linha do tempo entre o processo formativo da comunidade até a contemporaneidade. Ao final, abordamos a metodologia da Análise de Discurso como forma de exame das entrevistas colhidas e a sua capacidade de orientar a identificação de ideologias na aproximação entre o social e o linguístico, uma vez que a língua é repleta de sentidos.

A última parte do trabalho foi destinada ao exame dos dados coletados. Nele podemos identificar as ideologias presentes nos discursos relacionadas à fundamentação teórica; ação necessária a todo instante ao analista de discurso (ORLANDI, 2005). Quanto a este intento, a ideologia de cunho expansionista-capitalista localizada e edificada pela Prefeitura da Cidade do Recife, dos meados ao final da década de 1980 e ratificada pela diretora da escola da época, mostra que a inclusão do anexo do Reisado, em parceria com o município, impulsionou a comunidade ao acesso à escola. Houve, então, a possibilidade do oferecimento da educação em variados turnos. Essa expansão atendeu aos ditames político-econômicos da época.

Com relação à importância social do Reisado para a comunidade, encontrou-se uma ideologia de caráter assistencialista, uma vez que a Instituição Reisado Imperial, mesmo com suas apresentações limitadas, fora capaz de proporcionar ajuda de custo e afastamento da

criminalidade para alguns dos seus brincantes. Outro ponto importante a ser destacado diz respeito à fala dos mestres no que tange à origem do Reisado, o que conduziu à localização de uma ideologia de caráter eurocêntrico em seus discursos haja vista que se nega a possibilidade do híbrido na brincadeira, sobretudo com elementos advindos das religiões afro-brasileiras. Assim é que as figuras do Mateus e da Catirina, Personagens alusivos à raça negra, na composição da apresentação do folguedo são exemplos dessa negação, à medida que são oriundos do intercâmbio com outras culturas que não só a católico-cristã.

Nesta mesma dinâmica, discursos preconceituosos e intolerantes foram encontrados quanto ao aspecto religioso e místico do Reisado, pois de acordo com seus representantes, tanto um quanto o outro não podem de forma alguma ser influenciados por religiões diferentes do catolicismo. Tais discursos destoam da proposta de marketing sobre a história da comunidade fundamentada tanto na "benevolência" quanto na promoção de sua multiculturalidade ao trazer uma conotação de tolerância para com o "outro", principalmente quando o considerado "exótico" compõe um quantitativo expressivo de identidades culturais afro na comunidade.

Retomando os aspectos contraditórios entre os discursos e o material escrito de divulgação de atividades no bairro e sobre ele, encontramos nas falas dos entrevistados a negação do que a mídia expõe como prática turística na base comunitária. Em tempos de *fakenews*, não seria o turismo comunitário na Bomba do Hemetério apenas uma jogada de *marketing*? Evidentemente que não estamos sugerindo um maniqueísmo entre a comunidade e os poderes públicos, mas também não deixa de ser uma sugestão para investigações futuras.

Assim, diante do que foi observado nas análises, podemos concluir que o Clube Carnavalesco Misto Reisado Imperial, sob a administração do mestre Geraldo Almeida entre os anos de 1986 a 1996, influenciou de fato na propagação da educação formal e não formal no bairro da Bomba do Hemetério, porém, diante de um bom tempo de pesquisa sobre este objeto estamos chegando ao final da brincadeira. Sendo assim, é hora da "despedida", que esperamos seja breve, pois, este estudo não finaliza aqui, uma vez que outras inquietações emergiram durante a construção desta pesquisa; mas, isso é outra história.

## REFERÊNCIAS

A PROVÍNCIA. Questão das Águas. **A Província**, Recife, ano XIII, n. 33, p. 2, 9 fev. 1890. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066\\_01&PagFis=5090&Pesq=%20companhia%20de%20via%20c3%a7%20c3%a3o%20e%20obras%22](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066_01&PagFis=5090&Pesq=%20companhia%20de%20via%20c3%a7%20c3%a3o%20e%20obras%22). Acesso em: 16 de abr. 2020.

ACTOS OFFICIAES. Governo do Estado - Despachos do dia 23. **A Província**, Recife, ano XIV, n. 91, p.1, 25 abr. 1891. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066\\_01&PagFis=7921&Pesq=%20MUNICIPIO%20DE%20OLINDA%22](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066_01&PagFis=7921&Pesq=%20MUNICIPIO%20DE%20OLINDA%22). Acesso em: 16 de abr. 2020.

ALGEBAILLE, Eveline. **Escola pública e pobreza no Brasil: a ampliação para menos**. Rio de Janeiro: Lamparina, Faperj, 2009.

ANDRADE, Mário de. **Danças dramáticas do Brasil**. Ed.Itatiaia Limitada, 1934.

ANNUNCIOS. Attenção. **A Província**, Órgão do Partido Liberal. Recife, Ano VI, n. 1275, 1 de Dez. 1877. Annuncios, p. 3 Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=128066\\_01&pasta=ano%20187&pesq=%22%20estatura%20alta%20e%20corpo%20secco%22](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=128066_01&pasta=ano%20187&pesq=%22%20estatura%20alta%20e%20corpo%20secco%22). Acesso em: 16 de abr. 2020.

ANNUNCIOS. Cyriaco está fugido. **A Província**, Órgão do Partido Liberal. Recife, Ano V, 31 de maio. 1876. Annuncios, p. 4. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=128066\\_01&pasta=ano%20187&pesq=%22%20Tenente%20coronel%20Hemet%C3%A9rio%22](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=128066_01&pasta=ano%20187&pesq=%22%20Tenente%20coronel%20Hemet%C3%A9rio%22). Acesso em: 16 de abr. 2020.

AVISOS DIVERSOS. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 53, 5 mar.1839. Avisos Diversos, p. 4. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033\\_01&pasta=ano%20183&pesq=%22%20Tenente%20Hemet%C3%A9rio%20Jos%C3%A9%20Veloso%20da%20Silveira%22](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_01&pasta=ano%20183&pesq=%22%20Tenente%20Hemet%C3%A9rio%20Jos%C3%A9%20Veloso%20da%20Silveira%22). Acesso em: 16 de abr. 2020.

BARCLAY, Willian. **Comentário Bíblico de Mateus**. Tradução: Carlos Biagini. 1955. Disponível em: [https://files.comunidades.net/pastorpatrick/Mateus\\_Barclay.pdf](https://files.comunidades.net/pastorpatrick/Mateus_Barclay.pdf). Acesso em: 30 de abr.2020.

BARROS, Sandra Augusta Leão. A escala bairro e o conceito de lugar urbano: o caso de apipucos e poço da panela no Recife. *In: Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP*, São Paulo, n. 15, p. 56-74, jun. 2004. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/43372/46994>. Acesso em: 02 de jul.2017.

BÍBLIA, Português. **Bíblia de Estudo Plenitude**. Edição Revista e Corrigida. Tradução: João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

BOMBA DO HEMETÉRIO. Wal-Mart na comunidade. **Diário de Pernambuco**, Recife, n.185, 3 jul. 2008. Economia, p. B3.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRANDÃO, Théo. **Folgedos natalinos de Alagoas**. Estudo introdutório e descrição. Maceió: Departamento Estadual de Cultura, 1961.

BRASIL.[Constituição (1988)]**Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, coordenação de edições técnicas, 2016.

BRAYNER, Flávio. **Ensaio de Crítica Pedagógica**. Campinas: Autores Associados, 1995.

BUENO, Francisco da Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. Ed. rev. e atualizada. São Paulo: FTD : LISA, 1996.

CANCLINI, Nestor Garcia: **Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 2008.

CARNEIRO, Sarah Roberta de Oliveira. **O Reisado Senhor do Bonfim sob a ótica do espetáculo**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

CASCUDO, Luis da câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 10 ed. São Paulo: Global, 2001.

CASTRO, Josué de. **Documentário de Nordeste**. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1968.

CAVALCANTI, Erika Caroline de Oliveira. **Inovação Pedagógica para uma Cultura Escolar: O Ciclo de Alfabetização da Rede Municipal do Recife (1986 A 1988)**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

CAVALCANTI, Geane Bezerra. **Lutas e Resistência dos Moradores da Periferia da cidade do Recife (1955-1988)**. 2017. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura Regional) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2017.

COUSAS DA CIDADE. A questão dos Mucambos. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 97, 27 abr. 1935. Política, p. 2. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033\\_11&pasta=ano%20193&pesq=%22%20mucambaria%20%22](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_11&pasta=ano%20193&pesq=%22%20mucambaria%20%22). Acesso em: 16 de abr. 2020.

DAVID, Santana ; DIEGO, Charlles. **Reisado: Conversa com o mestre Geraldo**, 2009. Disponível em: [http://reisadobra.blogspot.com/2009/04/conversa-com-o-mestre-geraldo\\_20.html](http://reisadobra.blogspot.com/2009/04/conversa-com-o-mestre-geraldo_20.html). Acesso em: 19 de abr.2020.

DIARIO DE PERNAMBUCO. Mais chafarizes foram inaugurados. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 137, n. 207, 13 set. 1962. Primeiro Caderno, p. 5. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033\\_14&pasta=ano%20196&pesq=%22%20chafariz%20da%20Bomba%20do%20Hemet%20C3%A9rio%22](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_14&pasta=ano%20196&pesq=%22%20chafariz%20da%20Bomba%20do%20Hemet%20C3%A9rio%22). Acesso em: 18 de abr. 2020.

DIARIO DE PERNAMBUCO. A dolorosa situação dos moradores dos mocambos do Recife. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 112, n. 43, 29 dez. 1936. Política, p. 2. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033\\_11&pasta=ano%20193&pesq=%22%20A%20Dolorosa%20Situa%20C3%A7%20C3%A3o%20dos%20Moradores%20dos%20Mocambos%20do%20Recife%22](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_11&pasta=ano%20193&pesq=%22%20A%20Dolorosa%20Situa%20C3%A7%20C3%A3o%20dos%20Moradores%20dos%20Mocambos%20do%20Recife%22). Acesso em: 18 de abr. 2020.

DIARIO DE PERNAMBUCO. Ônibus capotou no Arruda ferindo nove passageiros. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 142, n. 249, 25 out. 1967. Primeiro Caderno, p. 9. Disponível em:

[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033\\_14&pasta=ano%20196&pesq=%22%C3%94nibus%20capotou%20no%20Arruda%20ferindo%20nove%20passageiros%20%22](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_14&pasta=ano%20196&pesq=%22%C3%94nibus%20capotou%20no%20Arruda%20ferindo%20nove%20passageiros%20%22). Acesso em: 18 de abr. 2020.

DUSSEL, Enrique. **O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1993.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Apresentação. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos & Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FREITAS, Fátima e Silva de. **A diversidade cultural como prática na educação**. 1º Ed. Curitiba: IBPEX, 2011.

GADOTTI, Moacir. **A Questão da Educação formal/não formal**. Sion: Institut International des Droits de 1º Enfant, p. 1-11, 2005.

GIUMBELLI, Emerson. **O fim da religião: dilemas da liberdade religiosa no Brasil e na França**. CNPq/Pronex, 2002.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Ed. Cortez, 2010.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidade e mediações culturais**. Brasília: Editora UFMG, 2003.

INSTITUTO DE ACESSORIA PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANO. **Programa Bombando Cidadania completa um ano de ação em campo**, 2009. Disponível em: <https://www.iadh.org.br/2009/08/programa-bombando-cidadania-completa-um-ano-de-acao-em-campo/> Acesso em: 10 de jul. 2019.

INSTITUTO DE ACESSORIA PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANO. **Programa Bombando Cidadania**, 2011. Disponível em: <https://www.iadh.org.br/2011/07/programa-bombando-cidadani/> Acesso em: 09 de jul. 2019.

INSTITUTO DE ACESSORIA PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANO. **Programa de Incubação do Bombando Cidadania mobiliza grupos incubados para elaboração de projetos**, 2012. Disponível em: <https://www.iadh.org.br/2012/05/programa-de-incubacao-do-bombando-cidadania-mobiliza-grupos-incubados-para-elaboracao-de-projetos/> Acesso em: 09 de jul. 2019.

JC ON LINE. Ilha de Deus e Bomba do Hemetério na rota do turismo brasileiro. **JC On Line**, Recife, p. 1, 29 abr. 2019. Disponível em: <https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/sociedade/noticia/2019/04/29/ilha-de-deus-e-bomba-do-hemeterio-na-rota-do-turismo-brasileiro-377404.php> Acesso em: 09 de jul. 2019.

KUHLMANN JR, Moyses; LEONARDI, Paula. História da educação no quadro das Relações Sociais. **Revista História da Educação**, v. 21, n. 5, p. 207-227, 2017.

LARRAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LIGA SOCIAL contra os mucambos. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 114, n. 210, 15 jul. 1939. Informações do dia, p. 9). Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033\\_11&pasta=ano%20193&pesq=%22Liga%20Social%20contra%20os%20Mocambos%20%22](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_11&pasta=ano%20193&pesq=%22Liga%20Social%20contra%20os%20Mocambos%20%22). Acesso em: 18 de abr. 2020.

LIRA, José Tavares Correia de. A construção discursiva da casa popular no Recife (década de 30). In: **Análise Social**, p. 733-753, 1994.

LOBO, Ildefonso Ilídio de Souza. **Planta das cidades do Recife, Olinda e seus arrabaldes**. Pernambuco, [18--?] 1 mapa, 53x76. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_cartografia/cart543231/cart543231.html](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart543231/cart543231.html) Acesso em: 4 jul. 2019.

LOURENÇO, Aliny Cristina. **A Folia de Reis de São José do Barreiro**: recurso cultural brasileiro. 2014. Dissertação (Mestrado em estética e história da arte) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos & Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006.

MARTINS, Nathália. Rítmos do maracatu na Música Brasileira Contemporânea: estudo de caso do "Maracatu" para piano, de Egberto Gismonti. In: **ANAIS do SIMPOM**, v. 3, n.3, 2015.

MEDEIROS, Alexandre. Seitas ou novos movimentos religiosos: uma escolha metodológica. In: **International Studies on Law and Education**, v.31, p. 32, 2019.

MIRANDA, Marcelo lins de. O parque esquecido. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano. 155, n. 47, 17 fev. 1980. p. A10. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033\\_16&pasta=ano%20198&pesq=%22%2018%20de%20setembro%20%22](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_16&pasta=ano%20198&pesq=%22%2018%20de%20setembro%20%22). Acesso em: 18 de abr. 2020.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória – a cultura popular revisitada**. 3a. ed. São Paulo: contexto, 1994. 153 p.

NASCIMENTO, E. A. **Governo Jarbas (1986-1988) O Ciclo de Alfabetização e o Conformismo Científico-Tecnológico das Massas**. Dissertação de Mestrado. Recife, UFPE, 1995.

NORA, Pierre. Entre memória e história: A problemática dos lugares. In: **Projeto história**, São Paulo, vol.10, p.7-28, dez/1993.

OLIVEIRA, Aurenéa Maria de. Pluralismo Religioso e Identidade: as concepções de ciência, verdade e tolerância / intolerância religiosa e as relações estabelecidas por parte dos kardecistas pernambucanos com os adeptos de outras religiões. In: **Pensamento Plural**, n.2 , p.79 - 103, 2008.

OLIVEIRA, Aurenéa Maria de. Preconceito, Estigma e Intolerância Religiosa: a prática da tolerância em sociedades plurais e em Estados multiculturais. *In: Estudos de Sociologia*. v.13, n.1, p. 239-264, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 6. ed. Campinas/SP: Pontes, 2005.

ORLANDO, Arhur. Feitiços e Feiticeiros. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 82, n. 63, 20 mar. 1906. Primeira Página, p. 1. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033\\_08&pasta=ano%20190&pesq=%22Feiti%C3%A7os%20e%20Feiticeiros%22](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_08&pasta=ano%20190&pesq=%22Feiti%C3%A7os%20e%20Feiticeiros%22). Acesso em: 18 de abr. 2020.

PELOS SUBÚRBIOS. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 113, n. 205, 28 ago. 1938. Primeira Seção, p. 2. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033\\_11&pasta=ano%20193&pesq=%22%20Catimb%C3%B3%22](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_11&pasta=ano%20193&pesq=%22%20Catimb%C3%B3%22). Acesso em: 18 de abr. 2020.

PEREIRA, Edilange Luiz. **A Cultura Carnavalesca da Bomba do Hemetério como Recurso Econômico: Uma análise Pós-desenvolvimentista**. 2015. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

PLANALTO. **Lei nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm). Acesso em: 01 maio. 2020.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico**. Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2 ed, Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RECIFE. **Câmara Municipal do Recife, Casa de José Mariano**: Corpo de ex-vereador é velado na Câmara Municipal do Recife. Recife, p.1, 7 maio. 2011. Disponível em: [http://www.recife.pe.leg.br/noticias\\_antigas/corpo-de-ex-vereador-e-velado-na-camara-municipal-do-recif](http://www.recife.pe.leg.br/noticias_antigas/corpo-de-ex-vereador-e-velado-na-camara-municipal-do-recif) Acesso em: 08 de jul. 2019.

RECIFE. **Decreto municipal nº 85, de 5 janeiro de 1949**. Divide o município do Recife em quatro zonas. Recife: Câmara Municipal. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pe/r/recife/decreto/1949/9/85/decreto-n-85-1949-divide-o-municipio-do-recife-em-quatro-zonas-conforme-delimitado> Acesso em: 03 de jul. 2019.

RECIFE. **Lei nº 7593, de 14 de novembro de 1961**. Autoriza construção de estrada no local que menciona. Recife: Câmara Municipal. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pe/r/recife/lei-ordinaria/1961/760/7593/lei-ordinaria-n-7593-1961-autoriza-construcao-de-estrada-no-local-que-menciona?q=7593> Acesso em: 05 de jul. 2019.

RECIFE. **Serviços para o cidadão: Bomba do Hemetério**, 2010. Disponível em: <http://www2.recife.pe.gov.br/servico/bomba-do-hemeterio> Acesso em: 07 de jul de 2019.

RUSSO, Renato. **Quase sem querer**. São Paulo: EMI-odeon:1986. 1 disco sonoro (47 min).

SANTOS, Boaventura de Souza. Do pós moderno ao pós colonial. E para além de um e de outro. *In: Conferencia de abertura do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*. Coimbra. 2004.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *In: Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 63, p. 237-280, 2002.

SANTOS, Francieli Lunelli. KOSSOY, Boris. Fotografia e História. *In: Revista de História Regional*. São Paulo: Ateliê Editorial. v.13, n.1, p.141-143, inverno. 2008.

SEBRAE. **Polo cultural da Bomba do Hemetério**. Recife: Sebrae/PE, 2014.

SEMPRINI, Andreia. **Multiculturalismo**. São Paulo: Edusc, 1999.

SENTENÇA. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano LXXI, n. 293, 18 dez.1895. Avisos Diversos, p.6. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033\\_07&pasta=ano%20189&pesq=%22Anna%20Joaquina%20da%20Silveira%22](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_07&pasta=ano%20189&pesq=%22Anna%20Joaquina%20da%20Silveira%22). Acesso em: 16 de abr. 2020.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Ed. Cortez, 2014.

SOUZA, Edilson Fernandes de. **Histórias e memórias da educação em Pernambuco**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: História oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRADIÇÃO. Ciclo natalino é encerrado com queima da lapinha em cidades pernambucanas. **Diário de Pernambuco**, Recife, p.1, 3 jan. 2020. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2020/01/ciclo-natalino-e-encerrado-com-queima-da-lapinha-em-cidades-pernambuca.html>. Acesso em: 20 de abr. 2020.

TRILLA, Jaume; GHANEM, Elie. *In: ARANTES, Valéria Amorim (org.) Educação formal e não-formal*. São Paulo: Summus, 2008.

USINA PUMATÍ, Obra meritória. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 107, n.1, 1 jan. 1932. 2º Seção, p. 20). Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033\\_11&pasta=ano%20193&pesq=%22Obra%20Merit%C3%B3ria%22](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_11&pasta=ano%20193&pesq=%22Obra%20Merit%C3%B3ria%22). Acesso em: 18 de abr. 2020.

WALMART BRASIL, **Instituto Walmart celebra seis anos de Bombando Cidadania com grande evento**, 2015. Disponível em: <https://www.walmartbrasil.com.br/noticias/instituto-walmart-celebra-seis-anos-de-bombando-cidadania-com-grande-evento/> Acesso em: 10 de jul. 2019.

WALMART BRASIL, **Karina Zapata - consultora do programa Bombando Cidadania**, 2012, Disponível em: <https://www.walmartbrasil.com.br/noticias/karina-zapata-consultora-do-programa-bombando-cidadania/> Acesso em: 09 de jul de 2019.

WALMART, Instituto. **A transformação passa por aqui**. Recife: MXM Gráfica, 2015.

WALMART, Instituto. **Agenda 21 Local da Bomba do Hemetério: A comunidade assume compromissos e mostra seus desejos**. Recife, 2011. Disponível em: [https://www.iadh.org.br/wp-content/uploads/2012/06/Agenda\\_21\\_Local\\_Bomba\\_do\\_Hemeterio\\_-\\_Publicacao.pdf](https://www.iadh.org.br/wp-content/uploads/2012/06/Agenda_21_Local_Bomba_do_Hemeterio_-_Publicacao.pdf). Acesso em: 20 de abr.2020.

## **APÊNDICE A - Roteiro das Entrevistas**

### **Mestre e Contramestre**

1º) Sabemos que a brincadeira de reis foi ensinada pelo mestre Geraldo a todos de sua família. Para o senhor o que é o reisado?

2º) Em outros estados brasileiros os reisados sofrem grande influência da cultura africana, deixando de ser apenas uma cultura portuguesa cristã. O senhor poderia comentar a respeito dessa mistura cultural religiosa dentro dos reisados? Aqui no Reisado Imperial, existe alguma influência afro, ou a brincadeira é apenas cristã?

3º) É verdade que o Reisado Imperial nasceu em terras paraibanas? De onde surgiu a inspiração para o reisado receber o nome de Imperial?

4º) Além do Reisado a família de vocês também realizam outras praticas da cultura popular! Quais são estas praticas?

5º) Envolvido desde criança nesse ambiente de cultura popular, como o senhor define a palavra cultura?

6º) O reisado é composto por vários personagens, (Mestre, Contramestre, Mateus, etc). Quais são as características de cada um deles e seus papéis no momento da apresentação?

7º) O figurino do reisado é bem interessante e colorido. Essas cores, chapéus e espelhos possuem algum significado místico?

8º) O Reisado Imperial é o único reisado do Recife. Ser único na cidade é importante para sua valorização ou o Reisado não tem tido o reconhecimento devido?

9º) Nos anos oitenta funcionaram duas escolas aqui nas dependências do Reisado, uma escola de música e um anexo da escola Antônio Tibúrcio. O que motivou o Reisado a abrir suas portas para servir a comunidade com estas duas escolas? Como se deu esse processo? Quem foi o articulador ou articuladora para que houvesse aqui estas práticas educativas?

10º) Qual ou quais os motivos que levaram o fechamento do anexo da escola Antônio Tibúrcio e da escola de música aqui no Reisado?

11º) O Senhor lembra quais eram as gestões políticas estadual e municipal na época do funcionamento das duas escolas aqui no Reisado? Como o senhor considera as gestões desses períodos em relação aos trabalhos desenvolvidos pelo Reisado?

12º) Quais eram as práticas educativas não formais realizadas no ambiente do Reisado Imperial.

#### **Moradores do Bairro:**

1º) De acordo com suas memórias, pode compartilhar um pouco sobre como se deu o processo de formação do bairro?

2º) Em sua época de estudante, como era o contexto educacional da Bomba do Hemetério?

3º) Como você observa a Bomba do Hemetério como rota turística da cidade do Recife? Quais são os pontos positivos e quais são os pontos negativos?

4º) Qual é a importância do Reisado Imperial para a Comunidade da Bomba do Hemetério?

#### **Estudantes da Escola do Reisado:**

1º) Fale um pouco sobre a experiência de estudar na escola do Reisado.

2º) De que maneira o Reisado Imperial participava das atividades escolares ocorridas tanto no seu próprio espaço, como também na Escola Antônio Tibúrcio?

3º) Qual a importância da distribuição da merenda escolar no contexto do Reisado Imperial e no bairro da Bomba do Hemetério?

#### **Diretora da escola Antônio Tibúrcio e o Reisado Imperial:**

1º) Fale um pouco sobre a sua experiência frente a estas duas escolas.

2º) Quais eram os horários de funcionamento e turmas oferecidas por estas duas escolas?

3º) Como o Reisado participava da dinâmica cotidiana no ambiente escolar formal?

4º) Fale um pouco sobre a situação educacional do bairro nesse período.

5º) Sabemos que o seu pai foi vereador da cidade do Recife na década de 1970. Fale um pouco sobre essa sua identificação com a comunidade como educadora e gestora.

6º) Comente sobre a política educacional desenvolvida pelo município na primeira gestão do prefeito eleito Jarbas Vasconcelos.

7º) No ambiente escolar havia algum tipo de ingerência por parte do Reisado Imperial nesse espaço?

8º) Quais foram as maiores dificuldades enfrentadas por sua gestão frente a escola do Reisado Imperial?

9º) Qual a importância da distribuição da merenda escolar no contexto do Reisado Imperial e no bairro da Bomba do Hemetério?

#### **Brincantes do Reisado:**

1º) Há quanto tempo você brinca Reisado e como teve conhecimento da brincadeira?

2º) Você enxerga na brincadeira do Reisado algum aspecto religioso? Qual?

3º) Como você define cultura?

4º) Quais os aspectos educacionais evidenciados no ambiente do Reisado?

5º) Quais são os benefícios trazidos pela Instituição Reisado Imperial na sua vida pessoal?

#### **Professora do Reisado Imperial:**

1º) Qual ou quais foram os motivos que levaram ao término da escola do Reisado?

2º) Quais eram as maiores dificuldades encontradas na escola do Reisado?

3º) Como o Reisado participava da dinâmica cotidiana no ambiente escolar formal?

4º) Havia na Escola do Reisado autonomia administrativa? Sim/não/por quê?

5º) No ambiente escolar havia algum tipo de ingerência por parte do Reisado Imperial nesse espaço?

6º) Nas palestras desenvolvidas pelo Reisado Imperial havia alguma ênfase religiosa? Sim/não/por quê?

**APÊNDICE B - Modelo do termos de consentimento (sujeitos entrevistados)**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Convidamos o(a)Sr(a). \_\_\_\_\_ para participar como voluntário(a) da pesquisa: A INFLUÊNCIA DO REISADO IMPERIAL NA PROPAGAÇÃO DA EDUCAÇÃO NA BOMBA DE SEU HEMETÉRIO.

**DADOS DA PESQUISA:**

**TÍTULO:** A INFLUÊNCIA DO REISADO IMPERIAL NA PROPAGAÇÃO DA EDUCAÇÃO NA BOMBA DE SEU HEMETÉRIO.

**ORIENTADORA:** Prof<sup>ª</sup> Aurenéa de Oliveira

**ORIENTANDO:** Jevison Cesário Santa Cruz

**E-MAIL:** jevison\_maestro@hotmail.com

**PERÍODO:** 2018- 2020

**CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO COMO VOLUNTÁRIO (A)**

Eu, \_\_\_\_\_, CPF \_\_\_\_\_, concordo em participar da pesquisa, A INFLUÊNCIA DO REISADO IMPERIAL NA PROPAGAÇÃO DA EDUCAÇÃO NA BOMBA DE SEU HEMETÉRIO como voluntário(a). Concordo com o uso do teor da entrevista a pesquisa para fins acadêmicos e científicos e suas respectivas publicações .

Local e data \_\_\_\_\_

Assinatura do participante: \_\_\_\_\_

## ANEXO - Histórico do Reisado Imperial

Clubes Carnavalescos Misto Reisado Imperial  
 Rua 35 nº 84 Alto Santa Terezinha Água Fria  
 CEP 707.443/0001-R7  
 Caixa Postal 1001-1001  
 Rua Santa Terezinha - CEP 70000-000  
 BRASÍLIA - DF

HISTÓRICO DO CLUBE REZADO IMPERIAL

O Clube Carnavalesco Misto Reisado Imperial, fundado como Troça, no dia 03 de Janeiro de 1951, à rua trinta e Cinco, nº 84, hoje rua Arapixuma, passando para Categoria de Clube, no ano de 1993. Inicialmente, o Presidente da Agremiação, iniciou as atividades como Folclore, entre eles: Reizado, Marujada, Ciranda, Pastoril e CÔCO-DE RODA, com a colaboração 15 (quinze) Pessoas. Como, em nossas atividades, não estava incluída o Frevo, música autêntica do Carnaval de Pernambuco, em 1951, fundamos a Troça Carnavalesca Misto Reisado Imperial.

Seguindo a Tradição da Federação Carnavalesca de Pernambuco, quando da sua fundação, obrigava os Clubes que possuíam sede a instalar Escola Primária, tais como: Bloco Sem Rival, Escola Alfredo Pico; Lenhadores, Escola Juvenil Brasil; Turma Brasileira, Escola José Graciano; Rebelde Imperial, Escola Oscar Moreira Pinto e outros, também tomamos a iniciativa de fundar sob a responsabilidade do nosso Clubes, em 1979, a Escola de Música, " Imperio do Frevo " sob a direção do Maestro João Santiago, até 1982, quando faleceu e foi substituído por: Matestro João Paulo, indicado por Ademar Araújo, até 1991, quando foi substituído pelo Matestro Nunes. Atualmente a Escola de Música tem a direção do Professor Ozeis Pereira da Silva. Em 1971 foi fundada a Escola Primária, Patrocinada pela Fundação Guararapes, funcionando três Turnos ininterruptamente.

O Clube para abrigar todos os Cursos sob a sua responsabilidade, tem sede própria à mesmo local da fundação, à rua Arapixuma, nº 84, Alto Santa Terezinha, Água Fria.

Como se pode observar, o nosso Clube tem uma história à contar à posteridade.

Presidente -  
 Geraldo de Almeida - Id- 1.294.292-Pe.  
 CIC- 122.232.634-53

CONFERE COM A ORIGINAL  
 01, 07, 05  
 José Mário Austragesin  
 Coordenador do RPV